CATALOG RECORD TARGET

uza.
s literarias / Souza Bandeira.
Janeiro : Francisco Alves, 1917.
; 19 cm.

DO MESMO AUTOR

Estudos e ensaios. 1904.
Reformas. 1909.
Peregrinações. 1910.

A PUBLICAR-SE

Evocações.

João Carneiro de

SOUZA BANDEIRA

Da Academia Brazileira

PAGINAS LITERARIAS

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166, RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO

S. PAULO — 129, Rua Libero Badaró | BELLO HORIZONTE — Rua da Bahia, 1055

1917

TRES ASPECTOS DA SOCIEDADE BRAZILEIRA

GRAÇA ARANHA — *Chanaan* — 1902.
EUCLIDES DA CUNHA — *Os Sertões* — 1902.
EMMANUEL GUIMARÃES —*A todo o transe*—1902.

Entre as produções literarias de maior momento, aparecidas no ano de 1902, avultam *Chanaan* de Graça Aranha, *Os Sertões* de Euclides da Cunha, e *A todo transe* de Emmanuel Guimarães. Os tres livros, de indole, estilo e orientações diversas, todos egualmente entranhados do mesmo amor pela terra natal, apresentam os aspectos, que, reunidos, formam o verdadeiro carateristico da nossa nacionalidade, no periodo atual de sua evolução.

O extraordinario livro de Euclides da Cunha mostra, com a admiravel precisão de uma chapa fotografica, a vida simples e obscura dos nossos sertanejos, insulados do resto da nação pela rudeza do meio cosmico, pelo tardio evolver da propria raça, em que se repete a falha atavica dos primitivos troncos etnicos, e, mais do que tudo, pela inepcia das classes governantes, a quem se afigurou possivel fazer entrar a civilisação em Canudos «no meio de um quadrado de baionetas». A descrição dos ser-

tões do Norte, com a originalidade da sua flora e da sua fauna, as singularidades da conformação geologica, a mudança das estações, o tragico volver periodico da seca, que pesa com a fatalidade de um flagelo sobre aquelas regiões, tudo é maravilhosamente evocado. De todos estes elementos sái, logica e naturalmente, o *jagunço*, vestido de couro, sobrio e destemido, simples e heroico, feroz e crente, traduzindo fielmente a alma portugueza do tempo de D. Manuel o Venturoso, á procura de ideais incompativeis com o estado do paiz, e reagindo a bacamarte contra a invasão de fórmas de cultura inteiramente inacessiveis ao seu espirito.

Assistimos ao lugubre desenrolar dos sangrentos quadros daquela guerra nefasta. Vemos o caricato jacobinismo das praças publicas formar por todo o paiz uma opinião artificial, de que a Republica exigia o esmagamento dos nossos pobres irmãos do Norte. Presenciamos as marchas, contramarchas, ordens e contra-ordens daquela campanha de apalpadelas.

Divisamos o encontro dos dois fanatismos, cada qual mais exagerado, personificados nos tipos representativos que Euclides da Cunha traçou de modo inolvidavel: Antonio Conselheiro e Moreira Cesar. Lemos as pungentes descrições dos frios assassinatos com que o nosso exercito mareou as tristes glorias de uma guerra civil. E fechamos o livro cheios de tristeza, concordando com o autor, «que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e crimes das nacionalidades».

E' que o *substractum* dos sertanejos sobreviventes na igreja velha de Canudos, era essencialmente o mesmo dos cinco mil soldados que os cercavam, na lugubre manhã de 5 de Oitubro de 1897. Ambos representavam o que ha de mais atrazado na raça latina, caldeado com o sangue africano e indigena, paralisado pela inclemencia de um clima enervante, e longe de todos os beneficos influxos da civilisação. Como bem lembrou o autor, com a poderosa força de sugestão que sabe ter, «realisou-se um recúo prodigioso no tempo, um resvalar entontecedor por alguns seculos abaixo», e os bravos do nosso exercito travaram com os bravos de Antonio Conselheiro uma luta em tudo egual aos dramas sanguinolentos da edade das cavernas. Como ativo em favor do progresso do nosso paiz e da nossa raça, nada resultou.

Entretanto, é inevitavel o curso do tempo, e aqueles bravios sertanejos que as *mannlichers* dos nossos batalhões puderam exterminar, mas não lograram chamar ao convivio nacional, aqueles invios sertões que os disparos de nossos canhões puderam devastar, mas não conseguiram converter em elemento de produção, hão de ser conquistados um dia pela força absorvente da civilisação, que, a despeito de tudo, vai penetrando os mais desconhecidos desvãos do globo.

Serão, porém, os nossos proprios patricios que empreenderão a obra nobilitante da civilisação, e veremos um dia os antigos *jagunços*, despidos o *gibão* e as *perneiras*, deixarem enferrujar a faca de Pas-

mado, e se converterem em solertes cabos eleitorais e pacificos vaqueiros ou agricultores? Ou a incursão da cultura humana em pleno coração da nossa natureza virgem será feita pelas raças de além oceano, que, fortes do prestigio de sua orgulhosa civilisação, imporão aos nossos sertões os exigentes apuros de seu adeantamento, ainda que a custo de nossa personalidade de nação livre? É este o problema que hoje angustia a alma brazileira, e a que correspondem os livros de Graça Aranha e Emmanuel Guimarães.

Chanaan já é um livro consagrado pela critica indigena e estrangeira. Não tenho aqui que lhe exaltar os meritos nem lhe realçar as belezas. As descrições de Euclides da Cunha deixam entrever o cientista imaginoso, mas ponderado, a quem a natureza seduz como a manifestação da vasta fenomenalidade do universo, mas impressiona como o resultado mecanico de leis inflexiveis. Em Graça Aranha lê-se porém a formosa tradução do intenso panteismo que só têm os espiritos imbuidos da filosofia alemã. Os seus quadros da natureza são palpitantes de vida, não dessa vida por analogia que o vulgo costuma emprestar ás coisas, mas da propria vida que anima o universo inteiro, e, movendo uniformemente todas as forças do Cosmos, faz vibrarem ao mesmo tempo o astro que descreve a sua orbita nos espaços celestes, e a celula que se agita no cerebro do homem pensante.

No seio desta opulencia majestosa, cujo es-

plendor torna o nosso paiz um dos mais belos do mundo, é que se trava a luta feroz e encarniçada do homem contra a natureza, da civilisação contra a barbaria, das raças que se pretendem mais cultas contra as que se acham mais distanciadas no estagio da vida social.

Os seculares colossos das florestas vão caindo a machadadas, o fogo vai devastando as matas impenetraveis para deixar logar ás novas plantações e construções, as especies animais autoctones vão sendo substituidas pelas importadas do estrangeiro, e todas destinadas a fins industriais. A raça brazileira que (como bem demonstrou Euclides da Cunha) não tem um tipo uno nem definido, vê entretanto passivamente o europêu invadir o sólo patrio, aproveitando-lhe as riquezas naturais, desenvolver-lhe a força produtiva, e dar realce economico ás coisas cujo aspecto estetico até agora quasi que sómente a preocupava.

Graça Aranha mostra admiravelmente no seu belo romance qual a posição da raça brazileira em face da crecente absorção do elemento estrangeiro. O agrimensor Felicissimo, graças á sua vivaz inteligencia de mestiço, chega a falar correntemente o alemão, mas, sempre superficial e indolente, nunca consegue manejar o teodolito, cujas vantagens nem por isso deixa de proclamar com a loquela habitual. O escrivão Maracajá, mulato sordido, inteligente e venal, traz a colonia enrodilhada nas malhas da sua politica de aldeia, e lhe suga o sangue nas compli-

cadas retortas do processo. O promotor Brederodes protesta, com toda a inopia da bacharelice nativista contra o estrangeiro que vem ao Brazil «ganhar o nosso dinheiro». Finalmente, o juiz municipal, espirito culto e delicado, alma cheia de bondade, mas sem vontade e sem ação, vendo o perigo crecente da invasão estrangeira, sente-se impotente para conjural-o, lastima não ter nas veias um pouco de sangue africano que lhe restabeleça o necessario equilibrio, e confessa, com a tristeza de um vencido, a incapacidade da raça para a civilisação. No segundo plano, como o simbolo de uma geração já de todo desaparecida, a figura fugitiva de um velho coronel, avistado de longe na varanda de uma fazenda em ruinas, atesta o descalabro da raça e da familia em face da prosperidade crecente do elemento colonisador, que representa a vitoria da pequena cultura, variada e cientifica, sobre a estupida rotina dos grandes latifundios, mantidos outróra pela escravatura. Todos estes tipos, palpitantes de verdade, correspondem exatamente ás varias manifestações da vida brazileira, «cujo debate diario é ser ou não ser uma nação».

Emquanto a nossa vida nacional se estiola sem proveito para a nossa individualidade, os estrangeiros trazem para o seio das nossas florestas os progressos da sua industria, os frutos da sua cultura, o instrumento da sua lingua, a poesia das suas lendas, até a angustia das preocupações que torturam nos centros civilisados a vida do homem moderno. E os

colonos alemães sonham com «a aguia negra da Germania pairando sobre o Brazil, e envolvendo as terras e os homens com uma força invencivel e magnetica».

Nesse momento decisivo,os olhos de todos os que se interessam pela patria se volvem angustiosos para os que governam, pedindo uma solução para todos os lancinantes problemas que nos oprimem. É esse o meio que o interessante romance de Emmanuel Guimarães procura descrever, e consegue fazêl-o com uma verdade pungente, e o dorido escrupulo de levar a analise até o ferro em braza sobre as degradantes chagas de nossa mestiçagem politica. Não vem ao caso repetir as criticas já feitas sobre as indesculpaveis incorreções da linguagem do livro, pois que apontar os solecismos e os estrangeirismos seria aumentar a aflição ao aflito, sem maior proveito. O que é porém exato é que o infecto pantanal em que se revolve a nossa politica, os planos indecentes, as negociatas escandalosas, a intervenção de degenerados e meretrizes nos negocios publicos, as ambições sordidamente desmascaradas, a nulidade chata de uns, o cinismo friamente cultivado dos outros, tudo isto está desenhado, em traços tão firmes e vigorosos, que não se póde deixar de concluir com uma das personagens do romance: «O apagamento do senso morál só encontra parelha no rebaixamento do nivel intelectual. E é esta a Crise, com um C colossal, a Crise de que todos gritam, que todos sentem, que cada qual batisa de financeira, economica, comer-

cial, agricola, a seu talante, conforme lhe choca o interesse. Crise moral é que atravessamos».

Como vencer a crise? Serão os *jagunços* de Euclides da Cunha quem tem razão, obstinando-se em negar ingresso nos seus longinquos sertões a uma civilisação que já vem podre desde o nacimento? Ou os loiros colonos de Graça Aranha conseguirão transformar a nossa terra na sonhada Chanaan de paz e amor?

Como quer que seja, os politicos, tão admiravelmente descritos por Emmanuel Guimarães, continuam a não cogitar desses momentosos assuntos que, interessando intimamente a nossa existencia de povo, valem para eles muito menos do que a apuração de uma ata eleitoral. E porque é preciso que alguem no Brazil se ocupe com tais coisas, para não passarmos por um povo de todo morto, bem é que ao menos os literatos, gente tão desdenhada pelos homens praticos, escrevam livros como os tres de que acima falei, e que, todos profundamente sugestivos, fazem pensar no mais grave problema da vida nacional.

UMA ESTREIA

A. G. DE ARAUJO JORGE — *Problemas de Filosofia Biologica* — 1904

Acaba de chegar do Recife, em cuja Faculdade vem de receber o gráu de bacharel em direito, o Sr. A. G. de Araujo Jorge. Traz uma inteligencia largamente culta, um livro de 230 paginas, com o titulo de «Problemas de Filosofia Biologica», um mundo de aspirações de toda natureza, e... vinte anos de idade.

Ao vel-o, cheio do ardente desejo de triunfar na luta pela vida (tão rude no nosso meio), ainda saturado do espirito que anima o circulo intelectual de onde acaba de sair, não posso dominar um movimento da mais viva simpatia pelo joven escritor, que tanto me faz recordar época identica de minha vida.

Onde já lá vão os vinte anos com que, tambem eu, desembarquei no Rio de Janeiro, cheio de sonhos e ilusões, saturado de filosofia alemã, e disposto a tomar de vencida todos os circulos politicos e literarios do Brazil! Vinha do grande cenaculo pernambucano, sobre o qual supunha ter o paiz os olhos fitos; era amigo de Clovis Bevilaqua e Martins

Junior ; aureolava-me com a gloria de ser dicipulo de Tobias Barreto ; tinha escrito meia duzia de artigos, lidos pelos colegas da Faculdade e que eu acreditava conhecidos do Brazil inteiro ; e esperava encontrar aqui o mesmo publico do Recife, apenas um pouco mais compacto.

Apresentado pelo meu falecido irmão, o Dr. Antonio Herculano de Souza Bandeira, alma de escól a quem devo os primeiros passos na vida publica e literaria, tive entrada no *Paiz*, e ainda hoje conservo gratissima recordação da bondosa acolhida de Quintino Bocayuva, então redator-chefe daquele jornal. Escrevi uma série de artigos sobre Schopenhauer, cujo centenario então se celebrava. Com que anciedade espreitava, no bonde, os passageiros que liam o *Paiz!* Com que decepção os via lançarem um olhar distraido sobre o titulo e a assinatura, e virarem a pagina !

De então para cá, não tiveram conta os desgostos e as desilusões. Perdido no torvelinho desta cidade de provincia (que aos meus olhos de provinciano recenchegado se afigurava uma vasta metropole), tive de recalcar as maguas de genio não compreendido, para tratar de ganhar a vida.

O escritor apagou-se diante do bacharel em disponibilidade, e, durante muitos anos, deixei de me ocupar de letras. Nunca, porém, esqueci a alacre disposição de espirito com que os meus saudosos vinte anos viam no Rio de Janeiro uma cidade facil de conquistar.

Por isto mesmo é que toda a minha simpatia

pelo éfebo recenchegado, toda a minha fraternal afinidade de idéas com este novel e valoroso companheiro de armas, não póde deixar de refletir uma piedade imensa pelos dissabores literarios que lhe estão reservados, nesta terra, em que os poucos que leem, fazem-no apressadamente e sem aprofundar.

Cheio de profundas leituras, tirando ás ciencias biologicas o seu rebarbativo vocabulario, receio muito que o joven autor da *Filosofia Biologica* não tenha larga aceitação nos nossos circulos literarios, gastos pela dispepsia do simbolismo, esmagados sob varias pilhas de literatura apressada, reduzidos á procura angustiosa da impressão forte e rapida. Não é a uma geração destas que se vem falar impunemente em dinamica vital e em fisico-quimica.

E, muito menos, quando se emprega uma linguagem como a que passo a transcrever: «Os desfibrinados ensaios que constituem o presente volume não colimam de modo algum o esquadrinhamento minucioso e inquisicional de problemas inteiramente novos e originais...» ...«refletem apenas ligeiras e dessoradas locubrações, fruto das exiguas horas de lazer que a vida academica, com todos os seus multifarios atrativos e insidiosas seduções, proporciona aos menos madraços e ociosos...»

Não sabe o meu joven amigo quanto me custa dizel-o. A sua linguagem corre o risco de não ser compreendida. Tem, porém, bastante espirito para percebel-o, e, despindo o seu estilo dos pesados arti-

ficios que todos nós, emquanto estamos na escola, julgamos ser indispensaveis á linguajem filosofica, póde se tornar um bom escritor. O seu livro é uma bela promessa.

Por mais que me tente o assunto, e, principalmente, o autor, não farei a critica do livro. Trata-se de quatro artigos, publicados com intervalos, tres em 1902, no terceiro ano do autor, e o ultimo nas férias do quarto ano. O autor os reuniu em volume, e fez bem. Mas, quantas vezes não terá de modificar as opiniões neles emitidas? É tão joven, e, segundo confessa, na sua idade «o espirito não possue ainda a segurança de vistas e a precisão de idéas exigidas em assuntos de tal natureza».

O primeiro e terceiro capitulos (ou, antes o primeiro artigo e o que um ano depois o autor escreveu para melhor explicar o seu pensamento) são explanações, sob os titulos de «*A Biologia e a Fisico-Quimica*» e «*A Dinamica Vital*», do conceito do autor relativamente á concepção mecanica do mundo, em face dos progressos da biologia.

Impressionado com as pretenções cada vez maiores dos biologistas, e com os numerosos fenomenos psicologicos que não podem ter uma explicação mecanica, o Sr. Araujo Jorge julga em perigo a sintese monistica, e se lança nas pégadas de varios cientistas para procurar uma solução que concilie a intuição causativa e determinista do universo com os fenomenos excedentes da observação biologica. Em logar de procurar na biologia a explicação da força vital,

é á fisico-quimica que devemos, segundo ele, pedir a solução dos enigmas do universo.

O ponto de vista do autor não é novo, e ele proprio, com louvavel franqueza, não reclama, nesse ponto, as palmas da prioridade. Nada mais fez do que repetir o que leu em livros que, aliás, estão á mão de qualquer leitor.

Por isso mesmo, não me abalançarei a lembrar-lhe que o monismo idealista de Lange, Noiré e outros, segundo a larga tradição panteista em que se baseia, de Spinoza a Schopenhauer, de Descartes a Kant, dá a verdadeira solução metafisica da questão. E não no farei porque nada diria de novo, embora esteja convencido, como Otto Liebmann, de que «voltar a Kant é progredir».

Noto, porém, que o joven escritor dedicou, até agora, a maior parte dos seus bem aproveitados vinte anos, á leitura dos cientistas, ao estudo das particularidades das ciencias biologicas. Daí lhe advem, indubitavelmente, uma grande segurança de opiniões, e um aprumo, raro num bacharel em direito, quando enfrenta as questões de ciencia particular. Haja vista o bom capitulo sobre a «*Hereditariedade de influencia*», ao meu parecer, o melhor do livro.

Este apêgo aos dados experimentais, esta pratica de leituras exclusivamente biologicas, deixa, porém, o autor completamente desapercebido para fazer rosto aos problemas de alta metafisica e (não me peza empregar a palavra) de teleologia. Aí é que as sinteses cientificas dos naturalistas se revelam

inanes e impotentes. O presunçoso *impavidi progrediamur* do sabio de Iena fez uma dolorosa falencia, quasi confessada no seu ultimo livro, «*Os Enigmas do Universo*». Os sabios alemães, ou insistem no desanimador *ignorabimus* de Dubois Reymond, ou, como Helmholtz, Wundt e Donders, pendem para o criticismo kanteano.

Neste ponto não ha para onde fugir. Ou se fica com o positivismo e o materialismo a evitar estas questões, lançando-lhes o comodo anatema de metafisicas, ou se procuram prender as sinteses de todas as ciencias á fecunda explicação da vida universal, manifestada por uma unica força, superior ás contingencias dos fenomenos, força em que nos sentimos integrar, e cujas aparencias se nos tornam conhecidas sob a triplice fórma do tempo, do espaço, e da causalidade, que constituem o substrato fundamental do que se chama ciencia.

Pretender elevar os mesquinhos dados da biologia e da fisica a uma explicação filosofica do universo, é desconhecer que no Cosmos existe alguma coisa que já Kant julgava *Etwas mecanisch unerklärbar*.

Os dados das ciencias exatas chegam até a afirmar e existencia de uma unica força, de que todas as mais são manifestações e transformações equivalentes. Não vão, porém, até investigar qual ela seja. Aí cabe o logar á metafisica com as ousadas hipoteses da teleologia monistica. Até lá não chegam os microscopios dos biologistas, nem os logaritmos dos experimentadores da psico-fisica.

Quando o simpatico escritor se tornar mais frequente com os grandes vultos da metafisica moderna, *da teologia sem Deus*, como lhe chamou Dühring, verá que estes problemas que tanto o afligem, já ha muitos anos têm uma explicação racional, que os cientistas sem filosofia se obstinam em não perceber.

O artigo sobre «O Genio», é interessante, mas não me convenceu. A começar pelo sub-titulo, com as palavras inutilmente barbaras — *etio-megalantropogenia*, e a terminar pela conclusão de que — *o genio é a resultante de um traumatismo cerebral intra ou extra-uterino.*

Ainda aí, não vale a pena discutir, nem é este o meu intento. Não vem ao caso expor o meu ponto de vista pessoal, nem explanar os motivos porque entendo que o genio, como fenomeno, se não póde explicar sómente pelas leis da hereditariedade, precindindo do meio cosmico e social. Si me fosse licito tornar á linguagem que tanto me sorria nos tempos academicos (e que o autor ainda hoje emprega com tanta segurança), eu diria que ele esboçou uma explicação *ontogenetica*, deixando de lado a explicação *filogenetica.*

Semelhante discussão seria, porém, excusada. Basta dizer que o proprio autor assim se exprime: «A dificuldade que se nos depara na explanação do assunto que vimos discutindo, é a da sua verificação experimental... É de ver que esses meios nos falecem, não pela impossibilidade da sua existencia, mas pela

dificuldade da obtenção de livros que se ocupem, especialmente, deste assunto, que, como tantos outros, continúa a passar despercebido ás vistas, quasi sempre perscrutadoras, dos observadores e analistas».

Tanta lealdade e franqueza desarmam a critica.

Vejo, no Sr. Araujo Jorge, um solido peculio de boas leituras, uma excelente disposição para o trabalho, e um talento muito aproveitavel. São qualidades mais que apreciaveis e que, sem duvida, o devem realçar em um meio onde dominam a superficialidade e a indolencia.

Ha, entretanto, no seu livro, ou, por outra, nos artigos que escreveu quando estudante, muita coisa que precisa desaparecer, o que, estou certo, acontecerá. O tom dogmatico com que, no Recife, discutiamos os assuntos complicados de ciencia, é perfeitamente admissivel em aspirantes ao bacharelado, que ocupam os seus lazeres escrevendo sobre as leituras da vespera, em revistas efemeras que passam de mão em mão no velho casarão do Pateo do Colegio. Não assenta, porém , no escritor que se dirige ao grande publico, o qual não está como o pequeno publico da Faculdade, sob a influencia da mesma sugestão a que obedece o autor.

O estilo arestoso, inçado de palavras cientificas, turgido de expressões biologicas, eriçado de citações, pontilhado de barbarismos, afasta o leitor, extranho á tecnica complicada das ciencias naturais. Taine, tão citado peló autor, é um exemplo do que afirmo. Nenhum espirito em França, levou mais longe a

aplicação dos metodos experimentais aos mais altos problémas de arte, literatura, historia, sociologia e filosofia. Entretanto, debalde se procura nele a linguagem rebarbativa dos escritores que se ocupam de biologia. A sua lingua é simples, desataviada e pura, como a que tradicionalmente empregam os demais francezes, quando tratam da coisas comuns. E nem por isso, deixou de ser um dos quatro ou cinco maiores escritores da lingua franceza no seculo passado.

Em portuguez, tambem temos uma tradição que zelar. Acompanhemos o genio da lingua, em seu evolver natural. Não nos deixemos, porém, submergir no gongorismo cientifico, importado, em segunda mão, de autores estrangeiros.

Si me animo a dar ao simpatico escritor estes timidos conselhos, com risco de me ver aplicado o conhecido anexim, é porque vejo nele um filho do mesmo meio de onde saí, e uma vitima dos mesmos defeitos com que vim de lá, e tanto mal me fizeram.

Non ignara malis, miseris succurere disco.

O Sr. Araujo Jorge tem, porém, qualidades superiores, que o farão sobrenadar.

Anima-me, pois, a esperança de vel-o, em breve, despido de tais defeitos, e continuando a aplicar a sua inteligencia ao estudo dos serios assuntos que tanto o interessam.

UM SOCIOLOGO

EUCLIDES DA CUNHA — *Contrastes e Confrontos* — 1907

O novo livro de Euclides da Cunha, «*Contrastes e Confrontos*» é uma reunião, impressa no Porto, de varios artigos publicados aqui e em S. Paulo. Apezar do carater fragmentario que tem o volume, como qualquer outro da mesma natureza, revela, em cada um dos capitulos e no conjunto, o espirito do autor, escrupuloso na investigação dos fatos, e avido de generalisações sistematicas. E porque os escritos giram quasi todos em torno ás questões sociais do Brazil e da Europa, pódem-se-lhe encontrar sem grande esforço uma uniformidade de feitio e de pensamento, que justifica plenamente o titulo escolhido.

Tendo tido ocasião de surpreender o carater de nosso povo na intimidade despreocupada da vida sertaneja, e nos varios meios fisicos em que se manifesta por toda a enorme extensão do paiz, tendo estudado a nossa historia e a nossa geografia com um amor de erudito, concebeu naturalmente Euclides da Cunha a idéa de comparar o estado da nossa civilisação com os produtos superiores da cultura

européa, opostos diariamente, face a face, em todas as manifestações de nossa nacionalidade. E nessa ordem de considerações, fazendo «confrontos», não se pódem deixar de notar «contrastes».

É a eterna preocupação dos que estudam a posição dos povos néo-latinos, cujos defeitos, trazidos pela herança dos dois ramos mais atrazados da raça que lhes foi tronco, encontraram no nosso continente um ambiente proprio para progredirem até o exagero, e resaltam dolorosamente ao embate dos povos melhor apercebidos para o concurso vital. Os sociologos de aquem e de além-Atlantico exgotam-se em teorias para a explicação do fato. Conforme o ponto de vista, uns chegam á conclusão de que esta parte da America está irremediavelmente condenada á morte pela inanição, si não se sujeitar á transfusão do sangue mais oxigenado das raças germanico-saxonicas. Outros vaticinam não sei que futuras lutas de raças, onde as proprias qualidades, apontadas como defeitos, finalisarão triunfando das consideradas como apanagio dos povos mais civilisados.

E como, em materia de sociologia, nada é mais facil do que arquitetar teorias de ordem geral, baseadas em fatos que cada qual póde interpretar a seu alvedrio, aparecem, de um lado, as teorias dos «perigos», tantos quantas as nações fortes que têm interesses e pretensões nesta parte do continente, e do outro as doutrinas do cosmopolitismo expansionista que, depois de terem vencido os estafados Pirinêos da lenda, pretendem hoje transpor os pro-

prios oceanos. E rola continuamente a discussão, esteril e falha de base, como tudo o que diz respeito ás apressadas generalisações da ciencia social, cujo patrimonio definitivo pouco mais possue além do nome e do metodo.

Por isso mesmo que a sociologia não é ainda uma ciencia definitivamente constituida e chegada á fase rigorosamente demonstrativa, é que a porção mais util de seus cultores prefere trilhar o caminho prudente dos fatos que, colecionados e classificados, poderão servir de base ás futuras induções das leis cientificas. Ainda uma vez é aplicavel o velho conselho de Aristoteles, revivido por Bacon, que mandava caminhar do particular para o geral.

É neste terreno seguro que pisa o Sr. Euclides da Cunha, quer no volume recen-publicado, quer principalmente no seu admiravel livro «*Os Sertões*», o mais completo estudo que se tem publicado entre nós sobre os complexos elementos etnicos, sociais e cosmicos que formaram o sertanejo do norte do Brazil. Não é em um escritor como o Sr. Euclides da Cunha, que se encontrariam as teorias recortadas sobre os figurinos dos Gumplowiczs, Novicows, Tardes ou Sigheles, e aplicadas ás condições do nosso meio, com a segurança de vistas sómente possivel em um sociologo que, além do que leu nos livros, tem apenas como sujeito de observação a gente que passa pela rua do Ouvidor.

Quer trate da nevrose religiosa que dominou a população de Canudos, quer analise a desorganisação

e os desmandos das forças militares encarregadas de sufocar a rebeldia de Antonio Conselheiro, quer descreva a aridez adusta dos sertões do norte, quer analise a intrepida rudeza com que os caucheiros vão levando a ferro e fogo a incomensuravel riqueza do vale do Amazonas, conta o que viu, e tira as legitimas conclusões dos fatos que lhe passaram pelos olhos.

Si, como acontece no caso do Sr. Euclides da Cunha, o observador é um espirito de larga envergadura, forte cultura mental, solida base positiva e com todos os adiantamentos da civilisação européa, póde-se permitir o luxo de construir doutrinas sociologicas. Póde a gente discordar desta ou daquela teoria mais ousada, não aceitar uma ou outra generalisação mais apressada. Não ha perigo, porém, de sermos surpreendidos com uma pagina de Spencer explicando a emigração dos cearenses, ou com um capitulo de Haeckel dando a razão do desaparecimento da raça tapuia. Apezar de sua rara erudição, esse sociologo fala do que viu, e do que, por nós mesmos, poderemos contraprovar. Tanto basta para que seja lido com o maior proveito.

Com efeito, a sociologia do Sr. Euclides da Cunha é de muitos ensinamentos, não tanto pelo remedio heroico que ele indique para salvar o Brazil do arqui-classico abismo, mas pelo muito que observou e refletiu nos diversos e longinquos pontos do paiz, a que o levou a sua indefessa atividade profissional. O exame acurado do nosso meio fisico, em geral tão

desconhecido dos nossos patricios, forneceu ao autor uma recolta enorme de fatos observados, que não póde deixar de ser aproveitada quando se chegarem a formular as leis da nossa dinamica social, o que é tanto mais apreciavel, quanto, salvas naturalmente as exceções do estilo, tais assuntos constituem uma especie de monopolio dos sabios forasteiros, pois «a nossa historia natural ainda balbucia em seis ou sete linguas estrangeiras, e a nossa geografia fisica é um livro inedito».

A posse completa e inteligente das riquezas que se nos deparam, o seu aproveitamento conciente e refletido, a entrada para a atividade economica dos respectivos produtos, tudo feito com valentia e tenacidade pelos filhos da nossa propria raça, seria, na opinião de Euclides da Cunha, o plano de «uma cruzada salvadora», que disputaria á avidez das raças superiores os tesouros de nosso paiz, na sua maior area «fechado á aristocracia dos povos», e onde «a aclimação apenas favorecida pela mestiçagem, condena ás fórmas mediocres da humanidade».

Não se póde deixar de aplaudir tão belo programa, cuja realisação seria a verdadeira afirmação das nossas energias vitais, em heroicas e proveitosas «entradas» que levariam ao desconhecido interior do paiz a atividade estupidamente perdida na politicagem reles da facha do litoral, revivendo assim o admiravel ciclo dos bandeirantes, a que tanto deve a nossa formação nacional.

É, em parte, isso que se está fazendo na bacia

do Amazonas, como não deixa de observar o Sr. Euclides da Cunha, embora faça as suas reservas de homem educado, quanto ao modo selvagem e deshumano por que os caucheiros e seringueiros vão devastando as regiões que exploram. Não se pódem, porém, mudar as condições de humanidade. Já o faziam assim os nossos bandeirantes, como o fizeram os primeiros «pioniers» do Far-West americano, os «squatters» da Australia Central, e ainda hoje procedem no Congo os colonos da pacata Belgica, ou os alemães de Camerun.

O Sr. Euclides da Cunha, tão lido em coisas alemãs, sabe perfeitamente quantas crueldades foram reveladas no ultimo escandalo colonial do imperio tedesco. Conseguintemente, aquilo que as raças mais fortes não pódem evitar (e certamente os encarregados da civilisação *in loco* não são esses candidos professores alemães, de quem o autor com tanto espirito chanceia), não póde ser apontado como um defeito inherente á nossa mestiçagem semi-barbara.

E, emquanto a nossa individualidade, por um destes arrancos historicos que sacodem a vida de um um povo, não se revela de todo, atacando resolutamente o arduo problema por todos os lados, que fazer contra o estrangeiro que, seduzido pelo esplendor da nossa natureza, se vai infiltrando pouco a pouco em o nosso meio? Até lá contentemo-nos com um nativismo provisorio, convidando largamente o estrangeiro a colaborar na nossa civilisação, mas

defendendo ciosamente os traços definidores de nossa individualidade nacional.

Tal é, si bem o apreendi, o pensamento do Sr. Euclides da Cunha, esparso, em varios artigos publicados em épocas espaçadas, mas obedecendo todos a uma unica concepção.

Não se póde, em tése, recusar a essas idéas o carater de evidente bom senso que as reveste, embora nas minudencias possam levantar-se duvidas sobre a exatidão de algumas apreciações. Como quer que seja, porém, estamos diante de um escritor de coragem, cheio de boa fé e franqueza, que expõe o que pensa em um estilo forte, sugestivo e individual.

Individual, principalmente, é o estilo do Sr. Euclides da Cunha. Não se lhe encontram as preciosidades alambicadas dos que, acostumados á unica leitura dos livros francezes, enchem os seus escritos de grosseiros galicismos, imitação servil dos autores que lhes forneceram o substrato da elaboração mental. Debalde se procurariam nele as impressões da leitura constante dos classicos vernaculos, nem o apuro das fórmas mais ou menos eruditas, cujo uso racional é o bem escrever, e cujo abuso é o pedantismo da gramatiquice. Nada disso. Quando escreve, o Sr. Euclides da Cunha não procura imitar quem quer que seja. Dir-se-hia que o seu estilo, poderoso, abrupto, reflete a natureza capitosa que tão bem descreve. Parece-me rever, lendo-o, «o arremessado impressionador dos itambés a prumo, o aspero rebrilhante dos cerros de quartzito, o desordenado estonteador das

matas, o diluvio tranquilo e largamente esparso dos enormes rios, ou o misterioso quasi biblico das chapadas amplas».

Os que, armados do compasso inflexivel da gramatica, tudo querem sujeitar ao padrão comum da arte de escrever segundo as regras, encontrariam nos escritos do Sr. Euclides da Cunha muita coisa com cuja critica o Sr. Candido de Figueiredo encheria varias colunas do «*Jornal do Commercio*». Mas o que ninguem póde contestar é a força mascula e exuberante do estilo, um poder sugestivo raramente atingido entre os nossos escritores, uma firmeza de traços que desenham admiravelmente os homens e as coisas.

O magistral artigo «O Marechal de Ferro» é daqueles que bastam para fazer a gloria de um escritor. E quando se sabe que este escritor, moço e já consagrado, tem excepcionais qualidades de trabalho, não se precisa ser grande profeta para vaticinar uma série de livros na altura dos «*Sertões*.»

THOMAZ LOPES

THOMAZ LOPES — *Historias da Vida e da Morte*—1907

Em recente artigo, a proposito das «*Historias da Vida e da Morte*», lembrava João do Rio a época, que considera afastada, na qual ele, Thomaz Lopes e mais outros, apenas saídos da adolecencia, partiam á conquista das cumiadas da literatura nacional, maldizendo das coisas patrias e afetando excessiva familiaridade com a vida européa, que nenhum conhecia.

Em tratando de Thomaz Lopes, eu poderia recuar ainda esta retrospeção e volver a 1886, quando o conheci ainda criança no Ceará. Recordo-me de que então, ele e outro pirralho, que seria mais tarde o magnifico poeta das «*Medalhas e Legendas*», repetiam na doce melopéa das trovas nortistas, e sob os indignados olhares maternos, umas quadras irreverentes, ensinadas pelo pai de ambos, esse eterno boemio do João Lopes, o qual depois tinha a crueldade de descarregar sobre mim a responsabilidade de semelhantes horrores.

Mais tarde vim revê-lo no Rio de Janeiro, encetando os primeiros passos na imprensa e na poesia, emquanto cursava as aulas de direito. Tenho ainda

presentes ao espirito os momentos de perplexidade em que me achei para julgar uma sua prova escrita, falha sobre a materia do ponto, mas cheia de uma brilhante dissertação sobre a filosofia de Confucio.

A nova recolta, hoje publicada, é de contos saídos na *Gazeta* e no *Paiz*, quando o joven escritor já começava a ter um nome nas rodas literarias. Si bem que mais recentes, têm os escritos, em sua maioria, o cunho da época a que se refere João do Rio, e revelam ainda o vicio, tão comum entre nós, de escolher para sujeito da elaboração literaria a vida artificial da sociedade européa, conhecida atravez de impressões livrescas de terceira ou quarta mão.

Felizmente Thomaz Lopes está hoje radicalmente curado desse vicio. Basta comparar o que de convencional e falso se lê nas descrições de Paris ou de Petersburgo, em as «*Historias da Vida e da Morte*», com as brilhantes paginas, solidas e refletidas, das suas cronicas da *Gazeta*, sob o titulo «*Paisagens de Espanha*» e «*Corpo e Alma de Paris*».

Essa preocupação do exotico, essa rebusca de impressões em uma vida que só se conhece pelas leituras de terceiros, é devida ao excessivo uso da literatura franceza, que se pretende vulgarisadora e cosmopolita. Semelhante tendencia dominou muitos espiritos, como um apurado requinte de elegancia e snobismo, estragando muitas vezes serias aptidões literarias e desviando muitos talentos dos assuntos que, bem explorados, poderiam produzir a verdadeira comoção estetica.

Em parte, essa mania é tambem um pouco ligada ao prestigio que, sobre a ultima geração literaria, produziu o fulgurante espirito de Eça de Queiroz. Facinados pelos cintilantes paradoxos do grande escritor, afeitos á sua maneira de pensar e de escrever, lá iam os nossos jovens, de monoculo em riste, copiando as roupas com que João da Ega impressionava o indigena, tratando com o mais solene desprezo as coisas nacionais, e descrevendo a cada momento as ruas e os cafés de Paris e Londres, que não conheciam. Aquele famoso Fradique Mendes quantas culpas não carrega na perversão do nosso gosto literario!

O que vale, porém, é que os que têm verdadeiramente qualidades superiores, atravessam o periodo fatal, compartindo com os demais os defeitos comuns, e, passados tempos, surgem, mais tarde, escritores de valor, cheios de energia e de talento, formando em suas produções o cunho individual, não embotado pelas influencias malsãs de momento. É o que acontece a Thomaz Lopes e a outros. A grande massa continúa, porém, a vegetar ingloria, supondo que fazer literatura é imitar servilmente o estilo e os pensamentos do autor dos Maias.

Estou certo de que, publicando o seu novo volume, quiz apenas o autor documentar a sua tão interessante individualidade literaria. Vê-se bem que não seria mais capaz de fazer um conto russo, descrevendo uma sociedade atravez das traduções de Tolstoï ou de Dostoiewsky, e analisando a psicologia de individuos do Catete ou das Laranjeiras,

a quem apenas «russificou» os nomes, e fez tomarem um «drosky» em vez do conhecido bonde.

O prologo do livro é datado de Paris, no verão de 1906. Exatamente quando ali nos encontramos, e tive ocasião de lhe mostrar, de cima da banal Torre Eiffel, a grande cidade, para que ele olhava com a curiosidade angustiosa de recem desembarcado.

Era realmente a cidade luz, que tinhamos aos pés, envolta no banho radioso de uma bela tarde de domingo.

Ao alto, dominando tudo, a «butte sacrée» de Montmartre ; espalhados em variegada série, os edificios tão sugestivos á nossa imaginação, os Invalidos, o Pantheon, o Instituto, Notre Dame, a Opera, o Louvre (quantas idéas nesta meia duzia de nomes) ; as pontes que cruzam as belissimas curvas do Sena ; finalmente, a esplendida perspectiva que, partindo da maravilhosa Praça da Concordia, vai, pela vasta facha dos Campos Eliseos, até o belo Arco do Triunfo, para terminar na mancha sombria do Bosque de Bolonha. Tudo isto visto de 300 metros, sem se distinguirem mais que liliputianas sombras, figurando as pessoas e os veículos.

Suponho que, pela primeira vez, o joven escritor pôde admirar Paris sinceramente, sem a preocupação de lhe estudar a psicologia.

Depois tivemos ocasião de andar pelos «boulevards», observamos os interessantes tipos do «Café de la Paix», folheamos os mostradores dos alfarrabistas dos cais da «Rive gauche», passeamos pelas

velhas alamedas do parque de Versailles, percorremos de automovel as mesmas estradas outróra percorridas pelas carruagens do Roi Soleil, divertimo-nos com as troças disparatadas da feira de Neuilly, e conversamos em um canto escuro da velha casa da «Rue des Saints Pères», com o velho Garnier, que acabou editando o livro hoje publicado.

Conhecendo de perto Paris, e em geral a vida européa, pôde Thomaz Lopes aplicar a reflexão ao testemunho dos sentidos, e compreendeu afinal que a sua feição anterior correspondia a um falso estado de alma, proveniente do prurido quasi infantil de vibrar novamente, por conta propria, impressões trazidas ao seu cerebro pela leitura de escritores estrangeiros.

E de como o compreendeu admiravelmente, têm-se as provas nas cronicas da *Gazeta*, penetradas de bom senso, cheias de graça cintilante e, principalmente, sinceras e vividas.

Nem por isso, entretanto, deixa o livro de ter um grande valor, pois revela o escritor que já então começava, e que depois se veiu tão brilhantemente afirmar.

Ha vigor de descrição, energia de colorido, ironia fina e lancinante, que em alguns contos produz verdadeiros calafrios, e preocupação bem manifesta de apurar a vernaculidade da lingua. Os carateres são firmemente desenhados, e, em poucos traços, habilmente lançados, encaminha-se suavemente um desenlace, ás vezes imprevisto.

Os contos russos, tirante o que têm de russo, pouco mais além dos nomes proprios, são em geral bem concebidos e bem escritos. Contêm uma tentativa de suicidio explicada por um revólver; um envenenamento contado pelo frasco que guardava a mortal essencia ; um suicidio descrito pelo proprio punhal ; um assassinato de que, unica testemunha, se horrorisa a velha torre, de cujo alto foi despenhada a vitima ; a narração da fome, medonho espetro que paira sobre os combatentes de Porto Arthur ; e as impressões horriveis de uma locomotiva que puxava um trem onde ia o czar adormecido, ao passo que, pela calada da noite, um anarquista jogára uma bomba no leito da estrada.

Diz o revólver : «É a primeira vez que hesito, Principe. O meu braço agora ia descaíndo para a frente, descaíndo, descaíndo... caíu. Mas não pude gritar. Felizmente não tive voz para gritar. Falhei». Conta o frasco de veneno : «Ela preparou o leite com «vodcka», e eu já estava fóra do seio, espreitando, olhando, adivinhando... Os seus olhos languidos, cheios de volupia e crime, faiscaram á minha procura ; os seus dedos longos, finos, esculturais, tomaram-me o corpo, abrigaram-me o corpo, dilaceraram-me o corpo, que ancia. Por fim minha alma infernal provou o leite. Dimitry Ferfitkine bebeu o copo. Meia hora depois, ela sorria, ele gemia». Narra o punhal : «No aposento, que mais escuro se tornava, houve o curto brilho de um relampago, rasgando a treva. Depois um calafrio, e eu, fundamente, de-

moradamente, deliciosamente afoguei a minha eterna e rija sêde. Uma onda vermelha aflorou e derramou-se ; rouqueijou um borbulhar de sangue ; um corpo estremeceu numa agonia violenta, e foi tudo». Fala a torre : «De subito Androwitch Forfitkaia, reunindo as suas cansadas forças de bebedo, ergueu Catarina á altura da balustrada ; houve um arrepio naquele corpo fraco que tremia e ele, o ebrio, gozou alguns instantes o prazer de sentir aquele pavor. E eu, quieta, na minha imobilidade de tantos anos, não podia libertá-la, nem salvá-la. Androwitch Forfitkaia abriu os braços. Houve um grito lancinante e um corpo precipitou-se no vacuo». Explica a fome : «Mas eu vi que um não estava morto ; aproximei-me dele quando fiquei sósinha. Soube que o desgraçado ficára tres dias sem comer, esquecido durante a luta ; só com o ferimento veiu a fome. Guardei-o sob as minhas azas... O infeliz se debatia açoitado pelo terrivel desejo de comer ; obriguei-o a comer a roupa do corpo ; depois rasgou e dilacerou as carnes... Por fim ele fez um esforço gigantesco, procurou levantar-se e alcançar-me. Mas eu sou intangivel. Afastei-me e ele caiu como um louco, rilhando os dentes, os olhos em espasmo, na solidão daquele tenebroso cemiterio». Relata finalmente a locomotiva : «Depois quizeram prender o niilista infeliz, mas este, num rapido movimento, conseguiu desprender-se e correu ao meu encontro. Foi um instante : houve um choque, um ruido sobre a terra, e ele ficou sósinho, morto, abandonado na treva e no silencio da

noite gelada, emquanto eu caminhava com o outro que dormia...»

Transcrevi estes trechos para dar ao leitor uma idéa da maneira do livro. Além destes ha, porém, muitos outros contos interessantes e dignos de leitura. Não ha pois senão ler todo o livro

---

AS CORRENTES ESTETICAS

ELISIO DE CARVALHO. *As Modernas Correntes Esteticas na Literatura Brazileira* — 1907

O novo livro do Sr. Elisio de Carvalho, sobre as *Modernas Correntes Esteticas na Literatura Brazileira*, merece lido por quantos se interessam pelas letras, entre nós.

Nenhuma vocação tenho pela profissão de critico, e de certo tempo a esta parte, depois que o meu espirito se orientou para o que o Sr. Elisio de Carvalho chamaria «uma nova corrente», ainda menos vontade tenho de descobrir na prosa alheia erros ou belezas, que possa apontar, triunfante, á admiração ou ao anatema do grande publico.

Si o que leio é, ao meu ver, mediocre, atiro o livro ao esquecimento. Si a leitura me impressiona, comovo-me ao contacto que a arte do autor conseguiu estabelecer entre a sua e a minha alma, e admiro-o em silencio, que é ainda a melhor fórma de admirar. É por isso que não sei escrever criticas, nem quero fazer a do livro que o joven e corajoso escritor acaba de lançar á publicidade.

Mais do que as «Correntes Esteticas», por ele descritas, me interessa o proprio autor, e muito mais

do que a sua complicada classificação de escritores brazileiros, me impressiona a evolução curiosa do seu espirito, ardente, impetuoso, animado de desejo de acertar.

Raras vezes tenho lido um auto-perfil literario, traçado com tão candida lealdade, como o que ao seu respeito fez o autor do livro, na resposta ao inquerito de João do Rio: «Sou um apaixonado, um espirito combativo e pertinaz, uma natureza impulsiva e espontanea...» «Procuro fazer da minha vida um esforço permanente para a luz, um evoluir ascendente para a beleza e para a perfeição, um continuo excelsior. Tudo quanto escrevo é provisorio: só é definitivo na vida esta minha sêde torturante de perfeição...» «E o mais que me é permitido fazer, é afirmar continuamente até a morte esta vontade infinita de crear».

É positivamente adoravel esta franqueza, tão diferente do que se costuma encontrar no nosso meio literario, onde vemos constantemente os novos, arvorados em arautos de doutrinas salvadoras, apresentando o seu ideal, bebido na ultima brochura, como a mais assentada e inabalavel das verdades, ante a qual todos devemos imediatamente capitular. Além disso, o Sr. Elisio de Carvalho tem um espirito fino e aberto, uma apreciavel cultura, uma regular capacidade de generalisar e de procurar uma luz nova sobre as coisas e os homens. Não se detem na apreciação egotistica da sua obra, e, progredindo incessantemente, vai acompanhando o movimento euro-

peu, para seguir com entusiasmo as «correntes» que lá se formam, e de que as nossas não são mais que o palido reflexo.

É ele proprio quem o diz : «A minha alma é muito pouco brazileira : e isto, naturalmente porque marcho com o progresso das idéas do seculo. E propriamente falando, nem pelas minhas tendencias, nem pelas minhas aspirações, não sou um escritor brazileiro e não me pareço em coisa alguma com qualquer deles : posso perfeitamente dizer com o meu amigo Pompeyo Gener, que sou supernacional e pertenço ao movimento intelectual europeu....»

Começou, como todos nós, devorando as brochuras francezas que inundam o nosso mercado literario, muitas das quais, força é confessar, constituem, como em outros artigos, materia de exportação para a America do Sul. Depois entrou no estudo dos classicos, mas tem ainda a heroica franqueza de confessar : «Conheço muito superficialmente os autores classicos : em compensação, porém, conheço quasi toda a literatura moderna».

Daí em diante, o seu espirito, sériamente sequioso da verdade, começou a correr, de leitura em leitura, em busca da solução para os problemas que o angustiavam. E nesta rapida passagem por tantos sistemas (trata-se de um periodo que pouco excederá a oito anos), deixou assinalado o seu caminho por trabalhos inteligentes e valiosos.

Assim, tomado de amores pela renacença do naturalismo, que, caldeado com o socialismo,

produziu ha anos, em França, a chamáda escola «naturista», tornou-se o centro de um movimento que tanto tinha de ardente como de artificial, agremiou boas vontades e entusiasmos, e fundou uma revista. Quando passou para o movimento socialista, e se começou a interessar vivamente pela questão social, entrou a frequentar os centros operarios, fez discursos e conferencias, e fundou a Universidade Popular. Quando encontrou a sua estrada de Damasco na floresta de Zaratustra, fez-se o ardente propagandista da filosofia de Nietzsche. Agora, que Max Stirner lhe revelou os segredos insondaveis do Unico, tem em preparação um livro sobre as doutrinas do original filosofo alemão.

Não sei si o Sr. Elisio de Carvalho terá encontrado definitivamente o seu caminho, como parece afirmar. Nem lhe censuro as mudanças de opinião em tão pouco tempo. Cada um, como diz o filosofo, deve seguir a filosofia do seu temperamento. E o temperamento do autor, insaciavel e ardente, leva-o a procurar a verdade onde quer que ela se esconda. Não se póde, porém, com mais cultura e atividade, percorrer a via sacra de escolas literarias e sistemas filosoficos, deixando o caminho juncado de trabalhos uteis, de idéas nobres, e de escritos cheios de talento. Tanto basta para que ocupe um logar saliente no nosso meio literario, e seja digno do apreço de todos os espiritos sinceros.

A feliz idéa que teve o autor de reunir, no seu recente livro, os seus escritos anteriores, documenta

curiosamente a interessante evolução do seu espirito. Á proporção que se lhe leem os artigos, hoje capitulos da obra, vê-se o gradual aumento da cultura, o decrecer das leituras dispersivas, e o predominio da reflexão sobre a assimilação das doutrinas alheias. O tom autoritario do antigo diretor da «Revista Naturista» vai cedendo o logar a um espirito de simpatia e bondade, que leva o autor a estudar as correntes da nossa literatura, cheio de amor pelos escritores de quem se ocupa, atirando sobre todos eles, a mãos cheias, frases de elogio ditirambico, em que se esgotam os adjetivos de louvor.

As correntes que tanto o impressionam, não correspondem exatamente, valha a verdade, a um movimento real, e não passam do efeito tardio de outras correntes, estas reais, do movimento europeu. A grande maioria, ou quasi totalidade dos nossos escritores, representa entre nós o éco lonjinquo do movimento europeu. Todos, mais ou menos, estão no caso do Sr. Elisio de Carvalho. Os que têm verdadeira cultura, e sabem pensar por conta propria, imprimem o cunho de sua individualidade no que assimilaram das doutrinas de além Atlantico, mas declaram nobremente a sua filiação ao pensamento europeu. Os epigonos, em quem a leitura supre o talento e a reflexão, apresentam-se ao revez, como hierofantes de idéas novas em folha; e proclamam-se inventores de teorias ineditas, que descobriram nas revistas chegadas pelo ultimo correio. Em um e outro

caso, o que interessa ou desinteressa é o individuo, e não a corrente que ele segue ou julga seguir.

É por isto que admiro incondicionalmente a radiosa exuberancia de Graça Aranha, o criticismo ponderado e penetrante de José Verissimo, o gosto artistico e erudito de João Ribeiro, a arte superiormente sentida de Emilio de Menezes, o humor travesso de João do Rio; mas não me preocupo em pesquisar qual a corrente literaria seguida por estes e outros escritores nacionais, verdadeiramente dignos desse nome. Muito menos julgo possivel reduzil-os á classificação sistematica de representativos, revoltados ou impassiveis, como pretende o Sr. Elisio de Carvalho. Eles são o que são, o que lhes indica o temperamento, o que lhes sugerem as leituras prediletas, o que lhes imprime a cultura atravez das tendencias individuais. Nada mais é necessario para que se ponha em evidencia o que eles têm de verdadeiramente apreciavel. O mais é o fundo comum a todos, e ao proprio critico. Si no quadro geral da cultura européa, em que todos se inspiram, conseguem projetar alguma centelha do seu individuo, mostrando que sabem exprimir com fórma e pensamento proprios, o que se diz nos centros diretores do movimento intelectual, não carecem de outra classificação sinão a de bons espiritos. E nesse numero está, inegavelmente, o autor das «Correntes Esteticas».

A nova orientação do seu espirito não sei, porém, si será definitiva. Creio mesmo que a critica, como

ele a exerce, não será a ocupação fixa de um talento como o seu, saturado de cultura, e dotado de tão vibratil flexibilidade. Esgotada a sua provisão de epitetos admirativos, acabada a lista dos escritores nacionais, a quem vai a sua ardente simpatia, será forçado a tratar dos que, na sua frase, «só tem cotação na cocheira do Senhor-Todo-o-Mundo ; e não passam de filisteus, cabotinos, chatas mediocridades, e inspiram tambem nôjo, nôjo e dôr, dôr sobretudo». Isto escrevia ele ha cerca de tres anos, quando fez o interessante retrato de si proprio. Hoje, que outras «correntes» o levaram para as meditações filosoficas e para as preocupações de estetica geral, quero crer que não pense em esvurmar a podridão dessas mediocridades. O seu bom gosto impedil-o-á de tomar semelhante caminho.

Não ha sinão deixar a critica improdutiva e vã, tão contraria ás tendencias do seu espirito, e imergir resolutamente no grande «flumen» da especulação filosofica, que, tão consoante á envergadura do seu substrato mental, o levará a regiões deliciosas.

Ainda assim, não sei, nem ele proprio o sabe, onde parará a sua ardente curiosidade especulativa.

Poeta, como é, e torturado pelo forte desejo de simpatia universal, penso que, mais cedo ou mais tarde, encontrará no sereno panteismo de Gœthe a formula definitiva do seu espirito. O monismo idealista que nos legaram os gregos, temperado pelo cepticismo bondosamente ironico de Renan, outra alma helenica, é a mais salutar disposição que con-

vem aos espiritos abertos como o Sr. Elisio de Carvalho.

Desta doce simpatia pelos homens e pelas coisas, desta deliciosa tolerancia que compreende e absolve as mais disparatadas tendencias e correntes, desta adoravel negação do absoluto e do irredutivel, nace um amor vivissimo por todo o profundo misterio que nos envolve, e de onde saem, para viverem, brilharem um momento, e logo se engolfarem no infinito nirvana, sistemas planetarios e filosoficos, nebulosas e raças humanas, metafisicas transcendentes, e correntes esteticas.

Ao seio deste majestoso nada acolhem-se carinhosamente todas as presumidas explicações do Universo, desde os atomos de Epicuro até o Unico de Max Stirner.

FRASES FEITAS

JOÃO RIBEIRO — *Frases feitas* — 1908

A idéa que geralmente se faz de um gramatico é de um sujeito muitissimo versado nas sutilezas da lingua, de temperamento irritado e agressivo, de imaginação pouco propensa a apreciar as belezas artisticas e naturais, e cuja missão consiste em aparecer em publico, de palmatoria em punho, ensinando todo mundo, em linguagem arrevezada e arcaica, a colocar pronomes e fazer concordancias, descompondo todos os que se não submetem aos seus decretos. Á mingua de idéas gerais, tudo sotopoem á gramatiquice, ao passo que as elegancias do estilo ou as exigencias da euritmia no escrever são de todo indiferentes ao seu senso estetico. O que querem saber é si a frase confere com o rigoroso padrão a que subordinam toda a linguagem escrita e falada. Este tipo, que existe desde a mais remota antiguidade, tem atualmente no Sr. Candido de Figueiredo o seu mais ilustre representante para a lingua portugueza, e oferece, ái de nós, varios especimens no nosso meio intelectual. Toda vez que se levanta alguma dessas importantissimas nugas de gramatica, é de ver a furia com que surgem dezenas de eruditos, invadindo as

colunas dos jornais, acumulando citações e insultos, e conseguindo... comunicar ao assunto um tedio irresistivel que, para muitos, se chega a estender á propria lingua vernacula, com grande dano para esta.

Um livro com o titulo de *Frases Feitas* (Estudo conjetural de locuções, ditados, e proverbios), si fosse escrito por qualquer desses sabedores da lingua que nos massacram com a sua pavorosa ciencia, iria aumentar as centenas de metros cubicos de literatura fastienta, com que os gramaticos nos têm obsequiado. La viriam as inevitaveis preleções dogmaticas sobre os *tinherabos* e *non tinherabos*, as citações de João de Barros, Cardeal Saraiva, e Viterbo tudo muito apurado, muito antiquado, e muito soporifico. Os conceitos que saissem da analise seca dos textos, e tivessem pretenções mais vastas, não passariam do amavel subsidio que o Larousse presta aos que necessitam ás pressas de mostrar erudição. Em suma, o livro, intragavel para os que tivessem algum gosto, faria as delicias dos velhos eruditos que nas boticas do interior, entre o gamão e a politicagem, suavisam o espirito com as discussões gramaticaes.

O autor do livro é, porém, João Ribeiro. Um erudito, forrado de um artista.

Historiador, investiga os misterios das gerações desaparecidas, procurando a um tempo sentir o sabor especial de cada época, e descobrir as grandes leis a que obedece a vida dos povos. Filologo, para quem

as varias linguas cultas não têm segredos, não vai procurar nos documentos antigos ou modernos simples materia de analise gramatical, mas sente a beleza do dizer e saboreia o interesse artistico das paginas que lê. O seu espirito, afeito ás minucias eruditas, eleva-se tambem ás altas generalizações do pensamento.

Assim, vemol-o sucessivamente destrinçar questiunculas gramaticais, formular em vasta sintese a evolução completa da nossa historia, discutir, com os mais competentes, problemas intrincados dos velhos codices portuguezes, alar-se ás mais trancendentes questões de estetica metafisica, discutir arte, literatura, filosofia, gramatica, como si estivesse cultivando uma especialidade.

Acaba de fazer um soneto para pintar uma aquarela, toca uma sonata depois de ter anotado um capitulo da *Arte de Furtar*, escreve artigos de critica, faz livros didaticos, coleciona edições raras. A sua erudição chega aos mais extraordinarios resultados, e nada do que possa interessar os seus estudos lhe é extranho, desde o *folk lore* nacional até o velho fabulario Toscano, desde as remotissimas origens cantabricas da lingua até os mais recentes estudos filologicos feitos na Alemanha. A tão vasta erudição, a tão poderosa força de trabalho, una-se uma modestia encantadora e um fino sentimento de gosto e de medida, e ter-se-á, em palido esboço, a figura de João Ribeiro, uma das mais interessantes do nosso mundo literario.

Bem se compreende como deve tentar um

espirito de tal quilate o curiosissimo estudo que o presente volume vai encetar, e que, como diz o autor, é «a primeira contribuição conjetural e imperfeita para o estudo da fraseologia portugueza».

Imergir nas misteriosas origens da lingua, e sorpreender na obscura ingenuidade da poesia popular, dos autos religiosos, das farças de cordel, das trovas campestres, do calão das cidades, dos modismos obcenos da plebe, as primeiras manifestações, balbuciantes e vagas, da conciencia que surgia numa raça. Descobrir no amalgama originario os vestigios das raizes que o prendem a um longinquo passado, e ver a raça lutando com as demais para conquistar o seu logar no mundo. Notar nos classicos a formação da lingua culta, apuradas assim as grosserias do plebeismo, ao passo que o elemento erudito vai lentamente ganhando influencia, ora pelo prestigio da literatura, ora pelo exagerado rigor dos puristas. E colher, em tão vasto campo de observação, os elementos primordiais da lingua, o resultado da elaboração inconciente da massa no evolver da dição culta; a contribuição impessoal quasi imponderavel que se infiltra na linguagem diaria e constitue o tenue e escondido fio de agua, que se vai avolumando até se transformar em largo rio caudaloso, que arrasta tudo o que se lhe depara, belezas do falar elegante, obras primas da literatura, imundicies do frasear do povo, e mofinas regrinhas dos gramaticos. É a obra vasta, bela, utilissima, que João Ribeiro encetou com a sua publicação, e que sem duvida alguma, continuará.

A linguagem corrente está cheia deste elemento impessoal em que a *frase feita*, vinda ninguem sabe de onde, é como o polen, trazido pelos ventos distantes, que caindo em terreno propicio faz rebentar a semente, se enraiza na alma popular, e depois desabrolha na planta que os seculos convertem na arvore feracissima e robusta, fonte por sua vez de novas vidas. Si o labutar da lingua culta e dos gramaticos representam o trabalho do cultivo da arvore, o frasear do povo corresponde ao momento misterioso em que apareceu a semente. João Ribeiro, com a sua *Seleta Classica*, o livro mais completo que nesse genero se tem escrito em lingua portugueza, havia apurado o elemento da lingua culta na formação do idioma vernaculo. Coube-lhe agora tratar do elemento popular.

Como são claras, amenas, e despretenciosas as suas pesquisas, ao mesmo tempo que baseadas nos mais solidos documentos oferecidos pela sua consideravel erudição! Como estamos lonje, quer das hipoteses fantasticas do famoso Dr. Castro Lopes, quer das massudas explicações dos pesados filologos portuguezes! O modo simples e suave por que o autor nos interessa pelo assunto, acompanhando a linguagem popular, subindo ás fontes, convida o leitor a refletir, reunir reminicencias, e colaborar na solução.

Para não esquecer que é gramatico trava-se o autor de rasões com alguns filologos alemães que, ao seu ver, falseam a interpretação de documentos an-

tigos, e não deixa de colocar em conhecido grama tico indigena, seu desafécto, a carapuça do celebre Despauterio

O sentimento religioso, manifestado nas fórmas de respeito e admiração, no terror misterioso dos espetaculos naturais, nas juras e promessas, nos nomes das coisas sagradas e dos Santos, empregados como esconjuros, como suplicas, como agradecimentos, como surtos desesperados para a Divindade, é constantemente explicado nos mil ditados, de origem sobrenatural, hoje entremeiados na linguagem corrente

A idéa, essencialmente ariana, de que existiam, muito além dos oceanos, paizes ricos e desconhecidos onde o supremo gozo esperava o homem, idéa pela qual lutou através da historia toda a longa serie dos povos indo-europeus, foi o incentivo que animou as energias da raça, realisando o vasto sonho da conquista universal, desde a fabulosa expedição dos Argonautas até a descoberta dos novos continentes pela raça celtiberica. Este supremo ideal, traduzido na *Odisséa*, na *Eneida*, nos *Luziadas*, teve tambem a sua manifestação no falar do povo, desde as mais remotas éras. Ao vermos os nomes de *Cucanha*, *Eldorado*, *Atlantida*, *Batuécas*, região de *Paititi*, reino de *Gandaia*, não podemos deixar de pensar no heroico impulso que guiou o genio de uma raça a procurar á custa de tantos perigos, um novo caminho atravez dos mares, para levar até os extremos lindes do mundo e dos seculos a firme expansão da sua força.

E, com o autor; evocamos : «... os paizes fantasticos em que a imaginação popular se comprazia outróra, no tempo da cavalaria do oceano, na época e na cruzada de grandes descobrimentos maritimos, quando a audacia dos navegantes despia o véo ás terras incognitas e desnevoava o planeta de pólo a pólo».

Curiosissimo o exame do elemento artificial na formação da lingua, como a linguagem que empregam por desfarce os colegiais (lingua do P e outras linguas), as geringonças, as girias dos criminosos, o latim macarronico, a jonadatica, a rima procurada nos proverbios para fazer *frase redonda.*

É de ver como João Ribeiro mostra a origem popular e inconciente dos adagios, com as suas afinidades latinas e barbaras, e depois a intervenção conciente do povo para aumentar ou diminuir, transformando por tal fórma os proverbios, que, seculos depois, os eruditos levam a queimar as pestanas, procurando, em remotissimos étimos gregos ou sanscritos, a explicação de méros jogos de palavras propositalmente feitos. Chego a confessar, céptico como sou, que as revelações de João Ribeiro me desconcertam um tanto, e, muitas vezes, no fim das suas demonstrações, por mais logicos e fundados que pareçam os argumentos, fico um pouco em duvida si estarei diante de mais um caso da jonadatica popular, que se comprouve em criar arbitrariamente palavras sem sentido.

Sem querer, penso nas series de palavras a cada momento inventadas nas escolas, nos quarteis, nas

casas de familia, nas rodas mundanas, e que depois, á força de repetidas, se incorporam á lingua vernacula como moeda de lei. Penso tambem nas palavras cartaginezas de pura invenção que Plauto põe na boca de Hannon, na comedia *Pœnulus*, e que o Dr. Castro Lopes pretendeu traduzir. Nos discursos sem sentido dos barbaros que aparecem nas comedias de Aristophanes. Nas frases que Rabelais inventava; na lingua imaginaria que Molière fazia falarem os seus egipcios e maometanos de carregação. Nas famosas exclamações : *Pappe*, *Satan*, *Aleppe*, de Dante, que ainda hoje são o tormento dos seus comentadores.

E sorpreendo-me a perguntar si com tais pesquisas, João Ribeiro não está perdendo as suas belas qualidades de trabalho, e o leitor o seu tempo. Mas a resposta, cabal e completa, dá-nos ele proprio, e por tal fórma, que não me furto ao prazer de transcrever as suas palavras, onde se encontra a inteira justificação do livro : «O estudo das locuções traz sempre certa liberdade conjetural, pois sem alguma imaginação, que é causa ás vezes de erros, pouco se ha de acertar ou de abrir caminho aos que vierem depois, mais lepidos e descançados. Muitas vezes tendo perto e proximo a verdade, dela nos apartamos em viagens aventurosas, remotas e inuteis. Mas ainda essa pesquisa improdutiva compensa, pelas perspectivas novas, a ilusão perdida e a miragem que desapareceu.»

SAMURAIS E MANDARINS

LUIZ GUIMARÃES—*Samurais e Mandarias*—1911

Encontrei-me uma tarde do ultimo inverno, em Paris, com Luiz Guimarães, vindo do Extremo Oriente, caminho do Brazil e da promoção. Depois das primeiras efusões, naturais em quem, após longa ausencia, topa um amigo no «boulevard», quando o supunha nos antipodas, entramos de falar nos assuntos que, além da maledicencia profissional, fazem a conversa habitual dos homens de letras. Tratamos de coisas lidas, de coisas escritas, de coisas por escrever. Estava ele então em plena crise de titulo para o livro que trouxera do Japão. Queria-o simples e incisivo, tão longe da banalidade como do pedantismo, mas compreendendo todo o assunto e só o assunto. Bailavam-lhe no espirito diversos, entre os quais o de «Samurais e Mandarins», que aos seus olhos era dos que mais inconvenientes ofereciam. Talvez por isso mesmo, foi este o definitivamente adotado para o livro que acaba de ser posto em circulação. Com efeito, no Japão atual não ha mais Samurais, e em materia de Mandarins, os unicos de que fala o livro são aqueles cujas mirradas figuras, debaixo de enormes guarda-sóes, o autor divisava, nas orlas

do Rio Azul, de bordo do vapor em que subiu e navegou.

Gozamos longas horas daquela deliciosa tarde de inverno, como as sabe ter Paris, quando não chove, nem ha lama. A bruma, a que a luz eletrica dava reverberações fantasticas, formava um fundo misterioso, onde brilhavam as lojas fartamente iluminadas, fervia o capitoso movimento da cidade, e, envoltas em peliças, passavam fugidias aparições de vultos femininos. Do *boulevard* por onde vagueiamos sem destino, ao ambiente tepido, perfumado e elegante de uma casa de chá, falamos do Japão, das «geishas», das «musumés», de flores, de versos, de arvores anãs, de cerejeiras floridas, de «kimonos» alados, de «kakemonos» pintados, de pedras preciosas, de porcelanas, de marfins... A vivacidade da conversa esflorava os assuntos sem os esgotar, dando assim uma alma de gravidade áquelas coisas futeis, mais interessante que a soporifica alma de futilidade de tantas coisas graves.

Ao ler, hoje, o livro, suponho continuar a conversa de Paris, e revejo, ajudado pela bela imaginação de Luiz Guimarães, os mesmos *kimonos* de seda das mesmas *geishas* de olhinhos papudos. O Japão dos estudos sérios, já o esgotamos com os livros definitivos de Lafcadio Hearn, e com as truculentas monografias que desabaram, ai de nós, por ocasião da guerra. Já estamos fartos de *bushidos*, de sintoismo e de conhecer a fundo a sapiencia dos generais e a bravura dos almirantes. Repousa agora o espirito

tornar ao velho Japão de Loti, repenetrar nas casas de chá, voltar aos *tatamis* em que a Senhora Crisantemo diz coisas suaves com gestos miudinhos de boneca. Apesar de ter a musica de Puccini e Mascagni despejado um diluvio de irritante banalidade sobre esse querido Japão, é doce revel-o, futil, artificial e sorridente, na lingua elegante com que dele trataram os escritores portuguezes do seculo XVI.

O que primeiro fere no livro é a pureza da frase. Versado nos classicos, tomou-lhes o autor o torneio preciso e energico. Demorando-se, por vezes, em descrever bagatelas, nunca esquece a lição dos mestres que o precederam, seculos antes, por essas ilhas japôas. Num estilo de Fernão Mendes Pinto, conta-nos gravemente como se desata um *obi*, quando o aconchego do *tatami* torna mais intima a conversação. Este contraste entre a gravidade do estilo e a futilidade do assunto dá ao livro um pico encantador.

Por isso mesmo que o livro está escrito em bôa lingua, é que eu desejaria desaparecessem umas tantas palavras estranhas a ela, que fariam o desespero de muitas gerações de Candidos de Figueiredo. Descance o meu amigo, que não nas vou enumerar, pois nenhum gosto tenho por essas justas gramaticais. Não resisto, porém, a lhe dizer toda a minha magua em vel-o chamar *blonda* a bela Desdemona. Senti quasi tanto, como quando Othelo, no desvario do seu ciume selvagem, lhe atira a injuria de *strumpet*.

Acompanhando o autor nos passeios pelo Japão moderno, temos uma impressão de graça e de

frescura que seduz. Mesmo tratando de coisas futeis, nunca dece á banalidade, e na descrição das coisas mais conhecidas, sabe sempre achar um aspecto novo, um ponto de vista interessante, quando mais não seja, um desconcertante paradoxo, que derrota a quem gravemente procura no livro documentos, mais precisos do que as historias do *hanahiská* de Shimbashi ou as estatisticas do filosofo Chiba. Sem embargo, o livro está cheio de notas curiosas, colhidas em primeira mão pelo autor, ou apanhadas em fontes seguras, que com toda a probidade indica.

Tendo prometido ao filosofo Chiba que não escreveria um livro sobre o Japão (unico meio de se distinguir, segundo aquele sabio, de toda a gente que vai á terra japôa), Luiz Guimarães apenas consignou sem pretenções os aspectos que os seus olhos de artista souberam distinguir : campos floridos, céus cambiantes, templos majestosos, ruas pitorescas ; as lendas e os simbolos que a sua alma de poeta poude tradusir ; e os sorrisos que logrou colher o seu instinto de amador profissional do eterno feminino.

Nas suas *Pedras Preciosas* havia estereotipado o autor essa preocupação feminina, que dá um brilho especial á cintilação das gemas da sua poesia. A sua arte obedece a um duplo idéal que funde a busca angustiosa da expressão perfeita, na procura insaciada do amor, sempre eterno e sempre renovado. Descrevendo os tons cambiantes em que se irradia a alma perfida da opala, assim diz o poeta :

«Bemdita seja, pois, essa oscilante ardencia
Que te faz quasi humana, ó joia do luar!
Eu tambem, na fugaz angustia da existencia,
Mudo sempre de amor para poder amar.

....

O'! deixa-me viver na esplendida ardentia
Dos pomposos clarões com que a retina féres...
Opala: — muda sempre e serás a Harmonia!
Poeta: — ama a Mulher nos braços das mulheres!

Firmado nessa filosofia, seguro das imunidades diplomaticas, vai o poeta, por esses Japões á fóra, a procurar sensações novas, a incendiar corações. Nada lhe escapa. Si examina pedrarias numa loja de Yokoama, em companhia da Senhora Neve, emquanto esta revolve todo um deslumbramento de topazios,diamantes e rubis,ele lhe observa de soslaio a boquinha de cereja e lhe cobiça o coraçãosinho de porcelana. Si assiste no jardim do Imperador á florecencia triunfal dos crisantemos, aparece-lhe, como cicerone, uma esplendida creatura de olhos tenebrosos, que lhe provocou, logo, uma idolatria sexual. Navegando pelo Rio Azul presta menos atenção ás margens onde formigam cidades que Fernão Mendes descreveu, do que á «alvura, a viveza, e a elegancia reunidas», na pessôa de Miss Opala, sua companheira de viagem. Até quando visita o convento de Jen-Tsen-Tang, dando uma bela evocação dos lutuosos dias de 1900, em que os *boxers* assaltaram o convento, ousa, naquele santo retiro, lançar olhares sacrilegos para

a eburnea formosura de Soror Magdalena. Tão afeito está a misturar com figuras femininas as suas impressões, que, em tratando da China, a que dedica poucos capitulos, não deixa de se desculpar com o leitor, por não ter falado logo das mulheres chinezas. Não o censuro por isso. O *odor di femina*, que perfuma o volume, ainda o torna mais interessante, e, ao menos, tem o autor sobre muitos dos seus colegas de carreira a vantagem de florear (para não dizer *flirtar*) em vernaculo.

Sobre o Japão, faz-nos uma revelação desoladora. Informa-nos que : — «do beijo, do rico e perfumado beijo que sabe á cereja e a morangos, a uvas frescas e a favos de mel, do beijo perturbador, do beijo quasi intangivel, do beijo mortal, do beijo doloroso, do beijo absorvente, do beijo divino, do beijo polimórfo e polipétalo do Amor universal, estão virgens, desde a creação do mundo, as bocas das japonezas...» Depois da passagem por lá, do autor do *Samurais e Mandarins*, não terão ficado as *geishas* mais praticas na liturgia ocidental do amor ? É possivel, mesmo, que a Senhora Sadda Yacco, que o autor executa sumariamente, em paginas cheias de graça, si teve o topete de representar o inefavel Rostand, haja explicado, ao menos teoricamente, aos seus patricios, o delicioso *point rose sur l'i du verbe aimer.*

Magnifico o capitulo em que, dispensando-nos da narrativa da guerra, estupida e brutal como todas as guerras, conta a poesia, resignada e suave, que se evolava dos campos de batalha, dos hinos dos ofi-

ciais, das canções dos soldados, dos pequenos poemas em que herois obscuros se despediam da vida, com o pensamento na patria distante, pela qual morriam, sorrindo, no *jardim da guerra*. Belissimas, as descrições das flores inodoras e fantasticas, que alfombram o solo e vestem o horisonte de um *kimono* multicor. Tragica e comovente, a historia dos missionarios cercados pela sanha feroz dos *boxers*, que minavam e derribavam as pesadas paredes do convento, manobravam canhões e metralhadoras, tentavam esmagar, na sua mole servida pelos instrumentos de destruição que a civilisação lhes ministrara, um fraco punhado de homens e mulheres indefesos, animados pela sua fé. Grandiosa, a evocação da Grande Muralha : — «...correndo sobre a crista das montanhas como um dragão de tentaculos imensos, subindo com elas, despenhando-se com elas nos precipicios, galgando com elas aos céus, sumindo-se com elas nos horisontes, ramificando-se com elas por mil labirintos, sempre continua, sempre agarrada á terra, como si da sua propria substancia houvesse por favor divino, nacido».

Em suma, o livro, simples, formoso e agradavel, lê-se com grande prazer. Esperemos que de outros paizes, onde os fados da diplomacia levem Luiz Guimarães a novos amores e a novas impressões, mandenos livros como este. E tambem belos versos, já os sabe tanto sentir e escrever, tanto por direito de nacença e por direito de conquista...

AFRANIO PEIXOTO

AFRANIO PEIXOTO — *A Esfinje* — 1911

Está em pleno triunfo o autor da *Esfinje.* Mal chegado ás livrarias do Rio de Janeiro, já o livro está quasi esgotado. Disputam-se com avidez os raros exemplares. Os criticos mais em evidencia dedicam-lhe artigos admirativos. Da primeira investida, conseguiu, coisa extraordinaria no Brazil, conquistar o publico feminino. Que não ha hoje mundana de certo tom que, á hora dos chás elegantes, ou nos intervalos do Municipal, não pergunte, num sorriso adoravelmente malicioso : — «Que me diz da *Esfinje ?*».

Escolhido pela Academia para suceder ao talento vibrante, barbaro e dionisiaco de Euclides da Cunha, vai, dentro em poucos dias, ser recebido Afranio Peixoto, o apolineo. Si não fosse trair o segredo profissional, eu falaria indiscretamente na maravilha de critica, bom senso e gosto, contida no discurso, que as minhas funções de secretario da Companhia me proporcionaram a delicia de ouvir, *avant la lettre.*

A elegancia de espirito, rarissima nos individuos da nossa raça e do nosso meio, é a qualidade dominante do seu feitio intelectual. Sentimento de medida, observação tão fina quanto penetrante, linguagem

tão casta quanto simples, podem-se-lhe notar como traços do seu estilo atual. Digo atual, porque ao tempo em que se chamava Julio Afranio, os burguezes pasmavam assustados ante o delirio policromico da sua *Rosa Mistica*. Dos antigos vitrais onde transpareciam as ardentias da sua alma sedenta do ignoto, ficou, porém, um perfume de simbolismo que adivinha a harmonia latente do universo. Nas mariposas que esvoaçam em torno ás lampadas eletricas de Petropolis, nas figurinhas de papel, cortadas na infancia, que assomam ao espirito do seu protagonista, de volta á casa paterna, em tantos outros quadros desse genero, e mais que tudo, na propria ideação do livro, vê-se bem o que ficou do combativo simbolista, impresso em Leipzig. Uma penetração da alma misteriosa das coisas, finamente sentida, lindamente escrita. Tudo, porém, sem o caliginoso descompasso a que nos habituaram duas duzias de simbolistas militantes, em primeira e segunda mão.

Não me animarei a dizer que, dadas as nossas condições de meio, Afranio Peixoto e o seu livro sejam produtos genuinamente nacionais. O autor é um temperamento europeu, no sentido nitzcheano. Espirito de alta cultura e de larga emancipação, é dos que enxergam *além do bem e do mal*. Superior aos preconceitos, percebe no intimo do seu ser, as misteriosas raizes que o prendem aos longinquos antecedentes intelectuais. No meio das avenidas em que se ostenta a civilisação apressada do Rio de Janeiro, como no fervilhar de intrigas em que se rebol-

ca a barbaria do Amparo, a sua alma se volve saudosa para as terras de além Atlantico. As suas personagens são como ele. Desde as senhoritas que leem Novalis e Svedenborg nos *courts* de *tennis*, até os deputados que avaliam a civilisação da Suissa pelo conforto dos seus hoteis e pela precisão dos seus relogios, os que no Brazil, pertencem ou supõem pertencer ás classes dirigentes, querem viver aqui a vida da Europa. Os intelectuais acompanham com ávida saudade o evolver do pensamento europeu. Os *snobs* contentam-se em copiar o corte das roupas ou o modo de colocar o chapéu. Em ambos os casos se realisa o delicioso fenomeno a que Jules Gaultier deu o nome de *bovarismo*.

Este estado de alma, identico, aliás, ao de todas as civilisações, reais ou pretensas, das sociedades iguais á nossa, é perfeitamente traduzido no livro, onde se fotográfa, com habilissimos retoques, o aspecto da *psyché* nacional. A ação do romance póde-se enquadrar em tres ciclos.

Em Petropolis e no Rio de Janeiro, são os aspectos externos do nosso bovarismo, com as futilidades dos Passos, Mayas e quejandos, para quem a civilisação é importada directamente da *Rue de la Paix*, com os paradoxos dos outros que vivem a formular teorias onde se enfeixe a vida indigena nos figurinos livrescos de além-mar. Os tipos são apanhados em flagrante, e a quem os conhece dá ganas de lhes escrever os nomes por baixo. Para não ser acusado de exagêro, chega o autor a contar, sem lhes alterar

uma virgula, uns tantos casos reais, que dão a justa medida do nosso meio. Risonhamente ceptico, Afranio Peixoto evolve no meio das suas personagens, colocando aqui uma maldade, ali uma observação profunda, adiante um paradoxo, depois uma sutilesa psicologica, logo um belo conceito. Assim circula ele proprio na vida real, passando dos circulos intelectuais onde discorre com meiga autoridade, ás rodas mundanas onde é adoravelmente temida a sua polida ironia.

O outro ciclo é o Amparo, pequena cidade do Norte, onde, raspada a camada de civilisação que encobre o nosso atraso, aparece em cheio a lugubre monotonia da vida provinciana. Para quem a conhece de perto, o estudo é completo. A incompetencia, a pequenez de espirito, as rivalidades de campanario, estão ao serviço da politicagem, que tudo corrompe e avassala, envenenando a convivencia social, perturbando a intimidade da familia. Como é ridiculamente cruel a luta entre as duas Filarmonicas opostas, em que se bifurca a desarmonia dos partidos politicos. O senador Alcantara, majestosa mediocridade, poderoso chefe politico do Estado, é um tipo inesquecivel : «Todo o mundo lhe dava palha... E, ele, entretanto, continuava a dirigir os seus condutores». Toda esta gente só vive, apezar das aprégoadas vantagens da federação, com os olhos no Rio de Janeiro, para todos o grande centro da atividade nacional, o logar onde a gente se diverte, sonhado na provincia pelos desocupados de ambos os sexos.

O terceiro ciclo é o delicioso retiro do Barro Branco, onde o protagonista, lastimado pelas decepções da Capital, irritado pelos ridiculos da provincia, foi viver uns mezes, num ambiente risonho e feliz, que faz todos os homens fortes e honrados, todas as mulheres belas e honestas. Repousa o espirito este pequeno episodio sertanejo, de uma frescura bucolica, em que perpassam as recordações da infancia sublinhadas num dulcissimo idilio, a que dá encantador realce a figura suave de Luizinha, irmã colaça de Paulo, apagando numa casta renuncia a terna exigencia do seu coração. O instintivo espirito de maldade do nosso meio e da nossa época, hesita um pouco em aceitar sem restrições toda essa egloga, e, como Diderot diante das pastorais de Florian, surprendemo-nos a exclamar : *Il manque un loup à cette bergerie.* O episodio, porém, feito com graça e arte, é de um belissimo efeito.

Atravéz dos tres ciclos, vagueia a alma insaciada de Paulo de Andrade, moço, artista, sonhador, intelectual e cosmopolita, cerebro aberto ás curiosidades do nosso seculo, coração aberto aos sofrimentos de todos os seculos. Conheceu sua prima Lucia numa viagem á Atenas, sob a caricia magnifica daquele céu incomparavel, ao contacto daquele meio privilegiado em que a contemplação da Beleza funde num só todo a natureza e a arte. Em vez da oração sobre o Acropole, com que Renan formulou o ritual do culto helenico, Paulo concretisou em sua prima todas as suas aspirações esteticas, e num arroubo de

paixão subita, gritou, repetindo o verso de um poeta amado :

Deuses ! homens ! Eu vi, eu vejo Helena !

O romance de amor, tão sublimemente começado, dilue-se nas banalidades de Petropolis. A linda prima, cansada de *flirt*, decide-se por um casamento que se lhe depara mais vantajoso. Sofre, faz sofrer, e quando, separada do marido, quer voltar ao regimen do *flirt*, atira-se inesperadamente aos braços do primo. Resolve-se o caso por um casamento na igreja evangelica, a *Gretna-green* das uniões dificeis, na sociedade do Rio de Janeiro.

Não oculto a minha pouca simpatia por esses principes tenebrosos, «arrastando gravemente pelos desertos da vida a caravana da sua melancolia», que o romantismo noslegou,natrindade—Werther, René, Manfredo. Esses senhores vivem a culpar a sociedade dos seus amores infelizes, mas têm tanto prestigio que se insinuam nas obras primas da literatura moderna, sem que lhes escape nem a maldosa ironia de Anatole France, cujo Jacques Dechartre, escultor como Paulo, vive a perturbar com a tristeza das suas atitudes o bom tom do salão da condessa Martin, no *Lys Rouge*. Preferem vestir a clamide de martires do amor, a compor nos labios o sorriso confortante da ironia e da descrença, com que se curam esses e outros males secretos. Reconciliei-me um momento com o joven escultor. Foi quando, num surto

nobilissimo, procurou na arte um derivativo para as suas maguas, e traduziu no marmore umas belissimas idéas que lhe sugeriu Afranio Peixoto. Que lastima, porém, quando pensa num suicidio banalissimo, tentando afogar-se na praia do Flamengo, ao alcance dos bondes eletricos, dos guardas-civis, e do simpatico Dr. Lisbôa, que chega, providencialmente, a tempo de salval-o do ridiculo. Não discuto, porém, o caso, nem censuro o autor. O tipo existe na ficção e tambem na realidade. Pelo me não ser simpatico, nada perde.

Muito mais simpatica, porque mais humana, é Lucia. Deliciosa e cruelmente mulher, exerce sempre a alta função a que Goethe chamou *Weiblichkeit*. Seduzir, facinar, fazer sofrer, sofrendo tambem um pouco. Pobre Esfinje ! Passou de Atenas para a Avenida Koeler, trocando o convivio dos Deuses e dos artistas pela sociedade dos diplomatas e dos veranistas de Petropolis. Do Olimpo, numa mesa de *bridge !* Que quéda ! Ainda aturdida do choque, que havia de fazer a pobresinha, quando um deputado de mais labias a pediu em casamento ? Tenho certeza de que, já educada pelo sofrimento, será, graças á complacencia da igreja metodista, uma esposa idéal, e com toda a conciencia ajudará o marido (?) a ganhar a vida, na mansidão de uma arte burgueza, fazendo bustos de ministros de Ordens Terceiras, em feroz concurrencia aos retratos do sr. Petit.

O altissimo simbolismo do livro está no titulo e na bela epigrafe. A dôr nos espreita, á volta do ca-

minho da vida, com a segurança de quem tem a preza certa. Si não na vencemos logo, estamos liquidados. Si deciframos o problema da Esfinje, não perdemos por esperar. Ela nos deixa viver, docemente, serenamente, para, tempos depois, desfechar o golpe definitivo, despedaçando-nos tragicamente quando menos pensarmos, ou submergindo-nos ridiculamente num oceano de banalidade. E assim, na formula de Schopenhauer, oscila eternamente a vida entre a dôr e o enfastio.

Só ha um meio, simples e eterno, de fugir a essa filosofia do desespero. É a Arte, a grande salvadora, desvendando-nos mundos desconhecidos, isolando-nos das sociedades banais, como Petropolis, grosseiras como Amparo, e atirando-nos, em cheio, para a idéação de coisas nunca atingidas, nunca vistas, e sempre sonhadas. O que Paulo de Andrade não quiz ou não soube entender, tradul-o magistralmente o autor, num livro que ha de ficar.

Sem os destemperos da nossa literatura de possessos, sem as rebuscas de uma fraseologia retorica, Afranio Peixoto dá-nos a perfeita noção da euritmia na obra de arte. Não posso fechar estas rapidas impressões de leitura, sem pretenções á critica, sinão aplicando ao autor o seu proprio conceito. Póde-se dizer, com efeito, que conseguiu : — «essa noção elementar de harmonia, beleza, perfeição, contida nestes dois termos, tão diversos como dois mundos : — Proporção, Dimensões.»

JOSÉ DO PATROCINIO

Si é verdade que a imprensa é um sacerdocio, ninguem o exerceu com mais entusiasmo do que José do Patrocinio. Jornalista até o intimo de seu ser, dedicado á luta até o esquecimento de quaisquer considerações que dela afastam o comum dos homens, atravessou a vida como um vasto campo de batalha, abrindo brecha a golpes de talento e de audacia, e atacando as individualidades e principios que se lhe opunham. E a sua principal e poderosa arma foi a pena do jornalista, que nele tomou todas as formas e feições, desde a macia penugem que titila deliciosamente a vaidade, até o ferro incandecente que faz palpitarem de dôr as carnes e deixa a marca funda e inapagavel, sem esquecer o aciculado alfinete da ironia que, resvalando pela epiderme, tortura a vitima com as mais cruciantes dôres.

Propagandista eximio, Patrocinio, mais que ninguem, concorreu para a redenção da sua raça.

Só quem acompanhou a campanha abolicionista pode hoje avaliar o prodigioso, o magico efeito da sua linguagem candente que estimulava o entusiasmo e, movendo a um tempo a piedade, o odio, a vaidade, até o terror, não escolhia armas, não distinguia escrupulos e, inteiramente ao serviço de uma vontade

apaixonada, tudo subordinava á aspiração que depois se converteu na Lei 13 de Maio.

Outros trouxeram talvez para o combate qualidades de espirito que lhe faltariam no mesmo gráu. Joaquim Nabuco a sua eloquencia elegante e burilada, Joaquim Serra o seu ironico aticismo, Ruy Barbosa a sua prodigiosa erudição. Mas José do Patrocinio, sobrepujando a todos em ardor, trouxe a combatividade indefessa e o espirito ardente de luta que, despertando em torno da idéa uma atmosfera de odios e entusiasmos, desencadeiou a propaganda na praça publica, levou-a ás senzalas e aos quarteis, transformou-a em aspiração nacional, guindou-a aos Conselhos da Corôa, animou-a no parlamento, e lhe deu emfim a força irresistivel que a fez adotar pelos proprios que antes a combatiam.

Quando, no meio de festas e de flores, A Princeza Regente sancionou a Lei Aurea, teve José do Patrocinio o seu maior dia de gloria, e estava concluida a sua missão, que nenhum brazileiro a teve mais brilhante e gloriosa.

Cedendo ás ardentias do seu temperamento, internou-se nas lutas politicas da Republica. Seguindo os continuos avatares da politica, trouxe para essas estereis lutas os mesmos processos que adotara na propaganda da abolição. Combateu e foi combatido, passou do elogio ditirambico á cruesa da agressão pessoal, e, levado pelas exigencias de uma sinceridade apaixonada, não conheceu as transições e as meias tintas, com cujo emprego razoavel sempre

é tão facil conquistar amigos, mesmo entre os inimigos.

Exausto desta luta incessante, gasto o organismo pelo labor extenuante das lides de imprensa, reduzido á quasi completa miseria, findou tristemente os seus dias, sem que se lhe esvaecesse um instante a fé na vitoria definitiva da democracia.

O seu estilo tomava todas as fórmas, ao sabor de um espirito cuja vibratilidade não conhecia limites. Não primava pela lidima correção da frase, e quem o pretendesse analisar de acordo com as regras da lingua, encontraria muito que emendar.

Nunca teve, porém, semelhante preocupação, e como aqueles pintores para quem o desenho pouco vale e o colorido é tudo, uma vez apossado de um assunto, escrevia com fluencia, facilidade e calor, transmitindo a comoção que estava sentindo por fórma tal que, nunca um artigo seu deixava indiferente o leitor.

Si tangia a nota da piedade, tornava-se blandicioso e terno, insinuante e carinhoso, conseguindo arrancar lagrimas verdadeiras.

Si vasava nos seus artigos a colera que lhe espumava na alma, ninguem como ele sabia ser violento. A ironia fina e irritante, o insulto brutal, a imprecação formidavel, o despreso aviltante, eram empregados em tal diapasão que nenhum panfletista, dos nossos, jamais o atingiu.

E no elogio, genero tão gasto e trivial, como sabia ser novo ! Basta lembrar que chegou até a cano-

nisação de um Presidente, e por fórma tal que poude escapar ao ridiculo em que incorreria qualquer outro que não tivesse o seu aprumo e o seu talento.

Quantos dos nossos homens politicos foram sucessivamente objeto daquelas diatribes candentes, que os feriam nos pontos mais sensiveis, deixando a ferida aberta a gotejar publicamente o veneno inoculado, e daqueles ditirambos arrojados, em que o jornalista sempre achava frases fora da trivialidade das zumbaias, para exprimir a sua admiração.

Analise quem quizer os motivos de tão subitas reviravoltas, explique quem puder as causas das aparentes incoerencias. O que ninguem póde negar é que o homem que assim manejava a pena, e da mesma pessôa sabia tirar assunto, muitas vezes com dias de intervalo, para tão antiteticos efeitos, era um maravilhoso artista.

E, sob o ponto de vista literario, neste carater ha de passar á posteridade. Quando estiverem de todo arrefecidas as paixões que ele serviu ou combateu, houverem desaparecido da cena da vida as pessôas a quem feriu, e dos acontecimentos em que tomou parte só ficar a impressão longinqua e incolor que a historia projeta sobre o passado, as paginas fulgurantes em que deixou a sua alma combativa, vibrando com igual brio toda a vasta gama do sentimento, hão de ser lidas como inesqueciveis obras de arte.

Para todo o sempre o seu nome ha de figurar entre os grandes jornalistas brazileiros, em cujo nu-

mero as qualidades especiais do seu carater lhe asseguram um logar unico.

A mesma nota impetuosa e comunicativa, nacida de um temperamento fogoso e ardente, fazia dele um orador excepcional. Não tinha dialetica cerrada, não obedecia a formas academicas, não se preocupava com os canones sacramentais da oratoria, nem parecia que perdesse tempo em pensar previamente nos seus discursos.

Quando, porém, tomava de improviso a palavra, era simplesmente facinador. A gesticulação desordenada, a face congesta, o olhar desvairado, a voz timbrada, clara e vibrante, tinha alguma coisa da eloquencia de Mirabeau, que Lamartine comparava ao Chaos de Milton. Os seus discursos eram catapultas que derrubavam brutalmente as instituições, as idéas, as pessôas a que queria dar combate. Não persuadia. Demolia

Quem o ouviu durante a campanha abolicionista, fossem quais fossem as divergencias de idéas ou de sentimentos, não podia deixar de ficar dominado pelo fremito irresistivel que só os grandes oradores podem provocar.

Tive a fortuna de assistir, a um dos discursos mais felizes de José do Patrocinio, que não sei si existe em resumo nos jornais de então, e vale a pena ser recordado, atentas as condições em que foi proferido.

Era em 1888, dias depois de organisado o Ministerio João Alfredo. Formado o gabinete 10 de Mar-

ço, todos sabiam que a idéa abolicionista havia vencido, mas eram ignoradas as condições em que o governo apresentaria o projeto. Fora convidado para o Ministerio o Conselheiro Antonio Prado que estava em S. Paulo, e lá se deixou ficar durante quasi um mez. Os dois chefes se entendiam por correspondencia, de cujo resultado, porém, nada transpirava. Como estavam fechadas as Camaras, não tinha o Ministerio ocasião de se manifestar. Reinava no espirito publico uma anciedade geral.

Fazia parte do Ministerio, Ferreira Vianna, o qual então era presidente do Club Beethoven. De quantas coisas mortas estou a falar! Que mundo de saudades venho evocando!

Quem se não lembra da excelente sociedade do Caes da Gloria, cujo edificio provoca hoje tão saudosas recordações, onde se fazia excelente musica de camera, onde nos habituamos aos belos *quartettos* classicos, e ouviamos magnificos concertos, só para homens, passando tão agradaveis noites, na mais seleta convivencia. Pouco a pouco o Club foi tomando outro elasterio, os *smokings concerts* passaram a ser *soirées* musicais, o Club teve uma cozinha, deram-se festas no Cassino, e depois... Emfim, o certo é que hoje não ha coisa que o substitua.

O espirito finamente superior e superiormente fino que era Ferreira Vianna, animava o Club com a graça inimitavel da sua palestra, e completava com o cativante encanto de sua pessôa a feição artistica

daquele meio, e a carinhosa intimidade da nossa convivencia.

Organisado o Ministerio João Alfredo, e chamado o nosso presidente para a pasta da Justiça, entendeu renunciar o cargo, por julgal-o incompativel com as suas novas funções oficiais.

Para testemunhar ainda uma vez o nosso apreço, os socios do club lhe oferecemos um jantar. Era uma festa intima, á qual, além dos socios, creio que só compareceram alguns representantes da imprensa, expressamente convidados.

Falou em nosso nome Cyro de Azevedo, que exprimiu a tristeza que nos causava a separação, ainda que temporaria, do nosso companheiro, apenas mitigada pela satisfação de o ver elevado aos Conselhos da Corôa, de que até então estivera afastado, e onde seria chamado a prestar os mais altos serviços á patria, que tanto sabia honrar.

Respondeu Ferreira Vianna com a sua voz insinuante e calma, e aquele sorriso, meio ironico, meio bondoso, que sempre lhe bailava nos labios. Lastimou estar privado da nossa convivencia, mostrou o seu espirito avesso ás facinações de poder e oposto a vaidades.

Explicou as suas responsabilidades de homem publico, que lhe não permitiam transigir em um momento daqueles, e que o haviam levado a não recusar o posto de combate, para ele de sacrificio, que o seu partido lhe oferecia. Regosijou-se, porém, em fazer parte do gabinete que ia concorrer para a gran-

de obra de regeneração social, promovida pelo partido conservador, e concluiu tendo o prazer de anunciar aos seus amigos que o Ministerio ia propor ás Camaras — *a abolição imediata e sem indenisação.*

Ao serem proferidas estas palavras, primeiras pelas quais se sabia com certeza do pensamento do governo, correu pela sala um fremito de que se devem lembrar ainda os que assistiram á cena. Presos de indisivel comoção, todos nos levantamos, e entre palmas e aclamações entusiasticas, sentou-se Ferreira Vianna.

Bem defronte de mim estava José do Patrocinio, a quem pude observar com atenção. Ao ouvir as palavras do Ministro, a sua fisionomia se transfigurou. Brilhou-lhe no olhar um quê de iluminado. A sua face abriu-se em um largo sorriso que parecia refletir uma luz interior. E de um golpe, como impelido por força extranha, como despersonalisado, poz-se em pé, e bradou com uma voz, rouca de comoção, esqualida de violencia : *Não peço a palavra, tomo a palavra !*

Tomava a palavra, com o direito que lhe dava a sua raça, atravez de tres seculos deoprobrio e opressão, maldita de todos, perseguida por uma infinda sucessão de vergonhas e violencias, no momento em que, satisfazendo emfim a longa aspiração nacional, o governo se resolvia a libertal-a. Não estava ali um jornalista, não estava ali um propagandista da abolição, estava uma raça, que redimida emfim para a vida social, depois de tantos seculos de sofrimento,

via diante de si o representante do governo, que, pela primeira vez, dizia ao paiz o que pretendia fazer dela. Era por isto que em nome de todas as vitimas, sepultadas na noite dos tempos sob os mais ignominiosos sofrimentos, em nome dos que ainda sofriam a vergonha da escravidão, em nome das gerações que para o futuro surgissem da raça oprimida, vinha cobrir de agradecidas benções o governo do seu paiz.

As ultimas palavras, Patrocinio não nas poude concluir. As lagrimas corriam-lhe pela face, os soluços lhe estrangulavam a voz. Levantou-se e estreitou nos braços a Ferreira Vianna, que, palido, comovido, já tinha deixado o seu logar e o procurava.

Sugestionados pela vibrante palavra de José do Patrocinio, todos estavamos como que superiores ás contingencias do tempo e do espaço, vendo naquele abraço um simbolo historico, que representava a redenção de uma raça, e o inicio da era nova em que entrava o Brazil.

EMANUEL GUIMARÃES

O apreciavel homem de letras, conhecido sob este quasi pseudonimo, era o Dr. Adolpho Emmanuel Guimarães de Azevedo, falecido prematuramente nesta cidade, em 6 de Fevereiro de 1907.

Nacido em 12 de Fevereiro de 1871, cursou com distinto aproveitamento as aulas dos colegios Pedro II, Abilio e Itú, matriculando-se em seguida na Faculdade de Direito de S. Paulo, de onde passou para a Faculdade Livre de Direito desta Capital, na qual concluiu o seu curso.

Em Paris, para onde foi depois de formado, frequentou durante perto de dois anos a Escola Livre de Ciencias Politicas e Sociais. Conviveu então com os jovens escritores francezes naquela epoca ligados ao movimento simbolista, muitos dos quais se tornaram depois nomes consagrados na literatura. Daí lhe veiu um natural pendor para as letras francezas, que conhecia a fundo, desde as suas origens, até as mais recentes manifestações das tendencias modernas.

Voltando ao Brazil, começou a repartir o seu tempo, entre o cultivo das boas letras, e o exercicio da agricultura, á qual dedicava um gosto inteligente e infatigavel.

Emmanuel Guimarães pouco frequentava as rodas literarias. Não se filiava a nenhum dos pequenos cenaculos que, entre nós, fazem para as reputações literarias o papel das sociedades cooperativas de produção e consumo. Desconhecia inteiramente a engenhosa arte do reclamo, e amoroso da produção artistica, comprasia-se, solitario, em escrever, sem confiar apressadamente á imprensa os seus trabalhos, muitos dos quais nem reuniu em livro.

É assim que sómente publicou em vida dois livros: *Jorge do Barral* em 1899, e *A todo transe* em 1901. Afora isto, alguns contos publicados em varios jornais, e artigos sobre a questão do café. Não me lembra de ter lido, impressos, versos seus.

Deixa, entretanto, prontos para entrar no prelo, dois romances: *Em pleno azul* e *O irreparavel;* uma tradução em verso de *Cirano de Bergerac; Os brazileiros em Paris*, coleção de contos; *Ensaios sobre o direito constitucional patrio*; e *A engrenagem*, peça em tres atos.

Nos dois volumes publicados revelou extraordinarios dotes de romancista. Grande poder de observação, facilidade em urdir o trama do romance e pôr em bom relevo os carateres, fortes qualidades sugestivas na descrição, e em suma, o conjunto de elementos, varios e raros, que tornam do romance uma obra de arte, na verdadeira acepção da palavra, a igual distancia das sonolentas dissertações e das banalidades sem criterio.

O seu primeiro livro, *Jorge do Barral*, elegante

aventura amorosa que acaba em uma reminicencia tragica de *Tristão e Isolda*, apesar de não ter tido as cem tubas do reclamo, não passou despercebido ao mundo dos intelectuais. José Verissimo saudou-o como revelando um escritor que muito prometia (e todos sabem como é parco em elogios o nosso otimo critico nacional), embora censurasse acremente o inexplicavel desleixo do novel escritor pelas mais elementares regras da lingua vernacula.

Digo inexplicavel. porque Emmanuel Guimarães era versado em estudos classicos e tinha á mão todos os elementos para empregar, escrevendo portuguez, uma linguagem na altura do seu talento. Acontecia, porém, que a literatura franceza, absorvendo o melhor do seu espirito, empolgava-o de tal maneira, que o pensamento e a forma eram todos em francez.

O seu segundo volume, *A todo transe*, é um belo estudo politico e social. Ha mordentes ironias, ha carateres tão bem traçados que parecem fotografias, ha profunda realidade nas intrigas dos politicos postos em cena, bem como nas combinações financeiras em que se agitam os figurões descritos com o grupo de manejadores de dinheiro a que andam sempre anexos. Um livro de verdadeira atualidade, sem recorrer aos artificios de que se servem os romancistas mediocres quando, á falta de dados proprios, impingem como observação sua o que leram em livros francezes.

Foi grande o sucesso do livro, embora grandes tambem as criticas quanto á pouca verna-

culidade da linguagem. Até o titulo serviu de pedra de escandalo, pois os puristas entendiam que deveria ser *A todo o transe* e não *A todo transe*. Confesso que neste ponto não acompanhei as criticas, e até comuniquei ao autor criticado um trecho de Camillo Castello Branco em que se lê *A todo transe*, sem o tão decantado artigo.

Entretanto, as observações sensatas começavam a produzir efeito, e já Emmanuel Guimarães procurava nos ultimos tempos apurar a sua escrita, escoimando-a da influencia franceza, inconciente no seu espirito.

Nos contos ultimamente publicados notava-se o visivel esforço de melhorar o estilo. Isto provavelmente terá acontecido nos volumes ineditos, os quais a sua desolada familia, cumprindo um piedoso dever, vai brevemente dar á publicidade.

E assim, aos 30 anos, em plena atividade, foi roubado ás letras um escritor que tanto prometia, deixando de produzir quem sabe quantas obras primas, com que se enriqueceria a literatura nacional.

MACHADO DE ASSIS

Diante do grande morto que será acompanhado hoje á sepultura pelos olhares piedosos de todos os que prezam a arte e o gosto, não cabem frases, nem logares comuns, de que era tão inimigo.

A sua vida foi simples e serena como a de um justo. Evolveu-se circumscrita ao exercicio das funções publicas de onde tirava a subsistencia, dedicada exclusivamente aos ideais superiores da arte, e correu longos anos parelela á da suave companheira dos seus dias, cujo desaparecimento o veiu lançar no maior desanimo. Não ha que respigar os lances dramaticos que avolumam as biografias, e os belos gestos que fixam a atitude dos homens notaveis perante o reconhecimento convencional da posteridade.

Preso á cidade onde naceu, onde viveu, e de onde nunca se ausentou para longas excursões, pois ele proprio dizia que Barbacena tinha sido a sua *ultima Thule*, a sua vida, como a de Kant, será o tormento dos biografos futuros, principalmente depois que, desaparecida a geração que com ele conviveu, vierem os cientistas da arte a procurar, nos traços da sua passagem pela vida terrestre, os elementos para a apreciação da sua obra.

E quanto ao exame da sua influencia sobre o meio literario da epoca em que viveu, á analise dos elementos determinantes da sua função na vida artistica do paiz, está ainda lonje o momento em que, bem conhecidas as correntes intelectuais das tres gerações que atravessou, se possa ter o recuo necessario para deslindar as sua verdadeira influencia no meio a que pertenceu.

O que, porém, está ao alcance de quantos com ele de perto privaram, ou de longe admiraram e amaram a sua obra, é o encanto inolvidavel da sua pessoa, o carater indelevelmente individual da sua arte, o aticismo do seu temperamento, superior ás paixões humanas e ás efemeras escolas literarias, em que se dividiu a atividade intelectual dos homens do seu tempo.

A sua linguagem, da mais lidima vernaculidade, mas sem os artificios de um purismo pedantesco, faz dele o grande classico da nossa epoca, que passará ás gerações futuras como o escritor que aliou o espirito verdadeiro da lingua ás necessidades oriundas das transformações sociais, fugindo ao mesmo tempo aos dois extremos cujo exagero orça pelo ridiculo: a vulgaridade nas expressões que nivela a linguagem literaria ás grosserias do plebeismo, ou o turgido gongorismo dos escritores que, á cata de maior elevação no seu dizer, enchem os seus escritos de frases feitas, de vocabulos tirados aos dicionarios, ou de redundancias enfaticas, em que se diluem os pensamentos mais elevados.

O estilo de Machado de Assis, classico no mais exigente rigor da expressão, profundamente saturado do versar constante dos mestres da lingua, que praticava com amor, nem de longe se resente de tais defeitos, e apesar do apuro geometrico da forma, era, no entretanto, perfeitamente compreensivel por qualquer pessôa cujo conhecimento se não elevasse da linguagem vulgar. Esse apuro, só o podem conseguir os grandes mestres, e em todas as epocas de todas as nações, não se contam por centenas os escritores nesse caso. Sem duvida alguma, o nosso grande morto é um deles.

A sua arte, elevada e espiritual, refletia, na banalidade do nosso meio, a feitura superior de um espirito grego, traduzindo a perfeita euritmia da sua produção. O gosto e a medida do seu espirito manifestavam-se em qualquer dos seus escritos. É assim que poude acompanhar de perto, e por mais de quarenta anos, a nossa vida espiritual, sem que se deixasse dominar pelo transbordamento ditirambico que constitue a essencia da nossa atividade literaria.

Percorreu todas as fases da nossa vida intelectual, e quem lhe ler os versos, contos ou romances, comparando-os com os diversos momentos da nossa evolução literaria, ha de notar na sua vasta obra os traços da sua comunhão com as diferentes modalidades do pensamento nacional. Com efeito, encontram-se-lhe vestigios do indianismo, do romantismo que perturbou a imaginação dos poetas de 1850 a 1860, da musa guerreira inspiradora dos cantores da

guerra do Paraguay, dos apuros do parnasianismo. Quem, porém, poderá dizer que Machado de Assis foi indianista, condoreiro ou parnasiano?

É que, atravessando todas as escolas, e sendo influenciado por todas as correntes literarias, nunca abdicou a bela liberdade do seu espirito, e por isso soube conservar-se sempre ele proprio no meio da diversidade de influencias literarias que sofreu.

Não fez escola, nem exerceu proselitismo. Foi, porém, o resultado magnifico de uma afirmação do proprio esforço. Conseguiu levantar a sua individualidade acima do seu meio, e mais ainda, erguel-a bem alto até a mais remota posteridade, emquanto entre a gente da lingua portugueza houver quem aprecie a manifestação artistica do falar. Sem outra preocupação de ordem geral além da literatura, elevou-se, por seu unico esforço, de um simples e obscuro tipografo até a maior culminancia na literatura nacional.

A fina ironia do seu espirito, o doce cepticismo que se esparzia por todos os seus escritos, verdadeiros prodigios de meia tinta, nunca atingidos por escritor algum de Portugal ou do Brazil, faziam dele um tipo unico na literatura da nossa lingua, para o qual, si procurarmos termos de comparação, só os poderemos achar em outras literaturas, na suave filosofia de Renan, no fino sorriso de Anatole France, na precisão psicologica de Stendhal, no pungente *humour* de Sterne, na lagrima que ri de João Paulo Richter, na irreverencia calculada de Heine. O seu estilo, tantas

vezes comparado ao sorriso sibilino da Gioconda, era cheio de subentendidos e reticencias, que permitiam ao leitor o exquisito praser intelectual de colaborar com o autor nas conclusões por este procuradas.

Nos seus romances havia pouca preocupação do meio fisico onde se agitavam as personagens. Raramente se permitia uma descrição. Nenhuma paisagem se destaca dos seus escritos como uma dessas paginas que levem um escritor á posteridade.

Os seus estudos iam direito ás almas e aos estados de espirito, mas sem a preocupação futil do romance psicologico, banalisado pela ultima e lamentavel fase de Bourget. Reunir sobre a vida uns profundos conceitos, filhos de uma finissima e penetrante observação, olhar a sociedade sob o prisma irisado de uma ironia a um tempo piedosa e acre, e traduzir tudo isso na linguagem mais casta, mais elegante, mais sobria, que jamais empregou escritor da sua lingua, na sua epoca, tal foi o papel do chefe incontestado da nossa literatura, cuja morte todos pranteamos.

Este continuo sorrir, discreto e bondoso, sempre temperado pelo mais completo sentimento de medida, manifestou-se em todas as suas obras, desde as da mocidade, até a culminancia dos seus grandes livros, como *Braz Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, e *Esaú e Jacob*. Nesses romances imorredoiros, como nos seus contos, genero em que nenhum autor, dos nossos, se lhe pode comparar, deixou admiraveis estudos da vida nacional durante mais

de quarenta anos, atravez de todas as vicissitudes da nossa historia. Debalde procurar-se-á nele o preconceito de um ponto de vista politico ou social, o prurido de fazer critica, ou a preocupação de reformar os costumes. A sua arte, bela e superior, pairava acima dessas preocupações subalternas, e correspondia pura e simplesmente a um alto ideal estetico, podendo-se dizer, como disse Vasari de Miguel Angelo, que escrevia «*per mostrare maggiormente l'arte sua essere grandissima*».

Ha tres anos, porém, o sorriso foi-se-lhe abrindo num ricto melancolico. A desvelada companheira da sua vida, oriunda de uma familia de artistas e poetas, que tanto lhe compreendia o sentir e o pensar, deixou deserto o ninho delicioso da mais perfeita felicidade conjugal.

E o velho poeta, coração essencialmente afetivo, minado pela molestia cruel que lhe corroia o organismo, poude melancolicamente meditar, no seu poetico retiro do Cosme Velho, sobre a triste, mas consoladora, verdade dos seus belos versos :

«Amar e ser amado é, neste mundo,
A tarefa melhor da nossa especie,
Tão cheia de outras que não valem nada.»

Tudo o que havia de afetuoso e meigo nos arcanos do seu coração, objetivou no seu ultimo livro, *Memorial de Ayres*, de feitio tão diferente dos outros, talvez uma retratação de tanta ironia espa-

lhada nos anteriores, mas em todo o caso uma manifestação, ao grande publico, do Machado de Assis que só era conhecido e amado por um numero limitado de amigos intimos e dicipulos fieis.

Chegou para ele a epoca da glorificação nacional. A Academia Brazileira, a que dedicou as ultimas energias da sua alma, na pessoa de Ruy Barbosa, um dos mais altos representantes da mentalidade brazileira, dir-lhe-á, á beira do tumulo, o ultimo adeus. O Governo, pondo-se á frente do sentimento nacional, decretou-lhe homenagens extraordinarias. E a mocidade das escolas, cheia de ardente e piedoso entusiasmo, mostrará como sabe presar a memoria do grande brazileiro, que, caso unico no nosso meio, pelo só prestigio da sua arte, conquistou um logar saliente entre os grandes vultos da nossa patria.

A Imortalidade pelo Bronze

Entre as tradições convencionais que nos legou a antiguidade, figura o uso de consagrar a memoria dos grandes homens por meio de estatuas erigidas nas praças publicas.

Nos belos tempos helenicos da arte pela arte, a escultura era apenas destinada a exprimir o culto da forma, o divino ritmo das linhas, a majestosa harmonia de expressão e de contornos que, ainda hoje, fazem o desespero dos academicos. Conhecidas as condições de vida dos gregos, cuja admiração pela plastica vencia a justiça, o pudor e a virtude, (o Areopago absolvendo Phrynéa a vista do esplendor do seu corpo, e permitindo que Aspasia provocasse um aborto para se não deformar com a maternidade), bem se compreende que os antigos procurassem tão sómente traduzir a suprema beleza do corpo humano, sem ligar grande importancia á figura da personagem, que muitas vezes era representada com as orbitas sem pupilas.

Em todo caso, ou copiassem da natureza os seus efebos, as suas caneforas, os seus atletas, ou quizessem imortalisal-os, transformando-os em deuses mitologicos, ou tentassem reproduzir no marmore os seus homens notaveis, o que desejavam os helenos

era fazer uma obra de arte, segundo o canon da epoca. Só na decadencia procuraram a estatuaria iconografica, que se aproxima do retrato, no sentido em que atualmente o compreendemos.

O dominio romano introduziu na arte outras preocupações que não as do puro ideal, e de então para cá, atravez de todas as vicissitudes da civilisação, ora o sentimento religioso, ora o espirito patriotico, ora a cultura literaria, ora as pretenções cientificas, tentam desviar a arte do puro campo do belo, para lhe emprestarem outras tendencias, além de observar a natureza e saber reproduzil-a com a nota individual que o artista vai procurar nos intimos refolhos da sua alma.

Figure-se o antigo templo grego com a severidade das suas linhas, a simplicidade da sua ornamentação, a elegancia da sua arquitetura, a exiguidade das suas dimensões, e em cujo centro se levantava a estatua do Deus, a que o edificio servia de ostensorio, na frase de Taine. Basta comparal-o com as estatuas perdidas no meio dos complicados ornatos das catedrais goticas ou bizantinas, para vêr como, com o andar dos tempos, a escultura se tornou um acessorio da arquitetura.

Ao passo que a pintura poude refugiar-se nas regiões da arte pura, os escultores, presos á necessidade das encomendas, tiveram de modelar estatuas para ornamentar palacios, igrejas ou tumulos, ou para perpetuar a memoria de ilustres mediocridades. Daí a sujeição da nobre arte á diciplina do conven-

cional e do oficialismo, o que, fornecendo de antemão os assuntos e a maneira de tratal-os, circumscreveu extraordinariamente a imaginação do artista. Verdade é que para os grandes escultores, para aqueles que atingiram ás culminancias do genio, havia sempre meio de revelar a sua individualidade, como aconteceu com os artistas daquele glorioso *quattrocento*, que em todas as suas obras deixaram um lampejo de genio, ora como protesto, ora como inspiração. Bernini enchia de voluptuosas figuras de mulheres os mausoléos dos Papas, Leonardo da Vinci afirmava a Ludovico Sforza que o cavalo da estatua equestre do pai deste seria a gloria imortal e a honra eterna da familia. Miguel Angelo selava o seu despreso pela obra de encomenda, colocando na propria capela funeraria de S. Lourenço o seu famoso distico :

Grato m'é il sonno e più l'ésser di sasso,
Mentre che il danno e la vergogna dura.

A democratisação dos costumes tornou, porém, muito reduzido o papel da arte de encomenda no tocante á estatuaria. Emquanto Carolus Duran ou Bonnat continuam a imortalisar na tela os americanos ricos ou os ilustres desconhecidos do Tout Paris, da mesma forma que Rembrandt e Rubens eternisaram os bons salchicheiros e negociantes de panos de sua epoca, não ha hoje muitos principes magnificos que se dêm ao luxo de ter monumentos.
Tirante a escultura funeraria que, ainda hoje,

pode elevar sarcofagos á aurea mediocridade, ninguem mais se lembra de levantar estatuas sinão a individuos que sejam considerados notaveis. O interior das habitações não admite mais estatuas, e os Medicis de hoje, si quizerem passar á posteridade em bronze ou em marmore, hão de se contentar com o busto.

Eis porque tem grande interesse a questão das estatuas, quer sob o ponto de vista social, quer sob o ponto de vista artistico. Como só se levantam estatuas a grandes homens, o primeiro ponto a indagar é quem se pode verdadeiramente considerar grande homem, e qual a medida para saber si uma personagem merece efetivamente as honras de uma estatua. Ponhamos de parte o conceito de Carlyle, definindo grande homem «um mensageiro mandado expressamente do fundo do misterioso infinito». Mesmo, porém, sob o ponto de vista secundario e nacional, pois tudo é relativo, só se pode saber si um homem foi notavel, depois de compreender o seu papel na sociedade do seu tempo, a sua influencia no espirito dos contemporaneos, e o feitio posterior dos fatos sociais em que influiu. Tanto importa dizer que, só depois de volvidos os tempos, se pode pensar em lhe levantar uma estatua, porque, emquanto estão vivas as paixões, e ainda persistem os efeitos dos atos, não se pode saber com segurança qual o gráu de influencia que ele teve nos acontecimentos, e qual a medida de imparcialidade na censura ou no elogio dos contemporaneos. E quanta

coisa relativa á vida dos grandes homens só vem a ser conhecida depois da morte !

O que se diz dos homens politicos, e dos chefes de Estado, diz-se com a mesma razão dos militares, dos artistas e dos homens de letras. A quantos altos e baixos de reputações literarias assistiu o seculo passado !

No tempo em que Augusto Comte morria ignorado, Cousin estava em todo o prestigio do ensino oficial, e se intitulava o chefe do pensamento francez. Beranger, que foi o poeta mais repetido da França do seu tempo, e um dos mais conhecidos do mundo de então, hoje só tem valor historico, ao passo que a nossa epoca volta a Chateaubriand com um entusiasmo de que ha poucos exemplos na historia da literatura. É por isso que grandes espiritos, como Kant, Diderot, Condorcet e Schopenhauer, mais se preocupavam com o juizo da posteridade do que com o dos contemporaneos. Stendhal, que morreu em 1842, consolava-se dos cem leitores que dizia ter então, com a certeza de que em 1880 seria apreciado, mas ficava em duvida si em 1935 teria leitores.

Eis porque é perigoso abusar das estatuas, e infelizmente a historia aponta, mesmo nos paizes que se pretendem mais civilisados, verdadeiras cenas de vandalismo, em que se destruiram monumentos á memoria de homens que se tinham tornado impopulares.

Convem acrescentar que, no momento atual da evolução artistica, a escultura está atravessando um

periodo de transição para se emancipar das velhas tradições academicas, e entrar abertamente no dominio da vida e do movimento, realçado sobriamente pelo simbolo, e pela invocação direta ás forças vivas da natureza, como fazem os artistas francezes da *arte nova*, e os americanos com as ousadas inovações de Saint Gaudens e de Daniel French.

A estatua desaparece diante do monumento, e a figura se perde nas alegorias referentes ao fato ou fatos sociais que se têm em vista comemorar. Si é esta realmente a nova orientação da arte, bem triste figura faria em cima de um pedestal aquele Conselheiro Pacheco de que nos fala Eça de Queiroz, metido na sua funebre sobrecasaca, e sem um ato qualquer, além dos seus apoiados, que mereça as honras de uma alegoria.

Tudo isto mostra claramente como devemos ser reservados quando se trata de imortalisar pelo bronze a memoria dos homens ilustres, sem que nos deixemos levar por entusiasmos de momento, nem por simpatias pessoais. Para podermos com segurança elevar uma estatua a um homem ilustre é preciso afirmarmos que ele ultrapassará os lindes da atualidade, e será conhecido dos vindouros, mesmo sem a estatua. Quem tomará tão grave responsabilidade ?

Até agora as nossas estatuas representam homens verdadeiramente ilustres, e cuja vida correspondeu a fatos sociais de repercussão no futuro. Emquanto é tempo, é preciso que os poderes competentes intervenham no caso, para que se não quebre a tradição.

E já que não temos lei sobre o assunto, conviria estabelecer um praso, quinze anos, por exemplo, depois da morte, afim de se poderem levantar estatuas. Assim se deixará tempo ao amadurecimento da idéa, ter-se-á o recuo necessario para decidir si a personagem merecia as honras de uma estatua, e, estabelecendo uma media comum a todos, evitar-se-ão sucetibilidades postumas.

Para compreender, em materia de monumentos, quanto é arriscado fazer as coisas de afogadilho, basta lembrar que ha apenas sete anos foi lançada no Largo da Lapa a primeira pedra da estatua de Monroe, a qual felizmente não passou disso. Os jacobinos de então leem hoje, com avidez, a segunda tiragem da *Ilusão Americana*, do nosso saudoso Eduardo Prado, cuja primeira edição era então sequestrada pela policia.

As estatuas são em geral promovidas por comissões particulares, que, si até agora têm sido bem escolhidas, como provam os resultados obtidos, bem podem para o futuro não o ser. Em uma terra onde o gosto artistico é tão variavel que tem chegado a acafelar de branco, finjindo marmore, estatuas de marmore, e a substituir pelas figuras atuais as aguias do Palacio do Catete, é muito possivel que tenhamos qualquer dia de ver nas nossas praças algum disforme aleijão.

Não é que eu nutra a superstição do gosto artistico oficial, pois basta conversar com qualquer dos nossos artistas para saber quanto vale. Mas em

todo o caso uma comissão só tem que dar satisfação aos seus subscritores, ao passo que a municipalidade, intervindo diretamente no assunto, com a permissão, com a fiscalisação, e principalmente com a limitação de praso, sem ofender de modo algum a iniciativa particular, assume maior responsabilidade perante a opinião publica e, ao menos, acoberta a geração atual do severo juizo da posteridade (*).

(*) Isto foi escrito em 1901. O monstruoso monumento a Floriano Peixoto, levantado em 1910, veiu provar como eu tinha razão.

O CAKE WALK

Os ultimos jornais francezes vêm cheios de interessantes noticias sobre a introdução nos salões parisienses, da dança americana que tem o titulo acima, *a dança do bolo.* Originaria de pretos dos Estados Unidos, começou pelos cafés concertos e pelas exibições dos *Minstrels*, e acabou se tornando moda universal, graças ao indiscutivel movimento a que William Stead chama a *Americanisação do Mundo.*

Nos mais brilhantes salões de Paris o furor do presente inverno é a curiosa dança, que está sendo ensaiada *secundum artem* e adotada oficialmente no rigido protocolo dos arbitros de elegancias.

Nos Estados do Sul da União Americana, basta que meia duzia de negros se reunam em um *bar* de decima ordem para que se forme a roda, e os pares, ao som do infalivel *banjo*, descrevam os mais descabelados saltos e pernadas em torno ao bolo, que afinal é conferido ao mais habil ou mais gracioso (?) por um juri constituido *ad hoc.*

Teorias de efebos e caneforas desfilando graciosamente na arena dos jogos olimpicos ; lacivas danças importadas do oriente para amolecer a rija fibra dos guerreiros romanos ; misteriosas danças de bailadeiras da India ou do Egito ; elegantes minuetes,

pavanas, e gavotas, a cujo compasso amaram os avós de nossos pais ; sonhadoras valsas, saltitantes polkas e cerimoniosas quadrilhas dos nossos dias ; pitorescas danças populares dos varios paizes, tarantelas ou guzlas, seguidilhas ou fandangos, farandulas ou gigas ; o vosso tempo já passou. Agora chegou a vez de americanisar a dança.

Segundo descreve um jornal francez, o passo carateristico do *Cake Walk* se assemelha aos movimentos de «um cão que se forçasse a ficar em pé sobre as patas trazeiras. O dançarino se desloca por pequenos pulos, conservando as mãos exatamente na mesma posição em que o cão traria as patas dianteiras, devendo esticar os rins do modo o mais exagerado que fôr possivel». É o que se chama o passo do kangurú, *the kangaroo step*. É simples, gracioso e... sugestivo. E nos salões parisienses as rodas elegantes se apuram em estudar e transformar o passo do kangurú, para que possa correr mundo sob a responsabilidade do bom gosto francez.

Eis aí como a terra dos *trusts*, não contente de exercer uma solida e incontestavel supremacia em materia financeira e industrial, vai aos poucos alargando os seus dominios, e invade esferas até agora reservadas aos que alimentam o fogo sagrado do gosto e do ideal.

Já no jogo a nota dominante é americana, e o traço carateristico do *poker*, que tem hoje a preferencia de todos os jogadores, é o *bluff*, sistematisação regularisada da mentira e da deslealdade. Como

estamos longe do *fair play* que constitue o orgulho da raça anglo-saxonica! E, aplicando ás relações internacionais os processos de *poker*, a nova tendencia americana, põe o *bluff* ao serviço do imperialismo. Que funestas consequencias não pode ter este novo caminho desvendado ao futuro da humanidade!

As estupendas aplicações das descobertas cientificas, as mais incogitaveis manifestações da industria humana, a atividade engenhosa e viril do grande povo, a provada excelencia de suas instituições, têm produzido no mundo uma revolução tal que as nações as mais ciosas de sua civilisação, os portadores dos nomes mais cotados na fidalguia européa chamada da velha rocha, os proprios soberanos de tronos muitas vezes seculares, procuram á compita copiar os modos e as idéas dos facinadores *yankees*. E de envolta com as excelentes qualidades que têm feito o maravilhoso progresso da grande nação, vai tambem como sobre carga muita coisa que, fóra dos Estados Unidos, se podia perfeitamente dispensar.

O negocio, reduzindo a vida humana a uma atividade febril de cinematografo, faz com que se procure abreviar tudo, desde as palavras cuja pronuncia se encurta para acabar mais depressa, até o estilo, que em todas as linguas está tomando a forma seca e concisa do telegrama. No *grill-room* onde o bolsista de *Wallstreel* almoça de pé, em dois minutos, sem tirar do ouvido o tubo telefonico que lhe transmite as propostas de negocios, e sem desprender o olhar da fita telegrafica, que lhe co-

munica as cotações de cada segundo, não ha, por certo, tempo para prestar a devida atenção ao que se come. Manes de Brillat-Savarin !

Dominando todo este vertiginoso movimento está o culto incondicional do *dollar*. padrão unico por que se avalia o merecimento dos homens e das coisas. Quem está habituado a comprar provincias, colonias, ilhas, arquipelagos, nações, da mesma forma que brazões coévos das cruzadas, ou obras de arte de precioso valor, não vê mais limites á faculdade de adquirir, e instintivamente vai procurando pôr o preço em tudo o que se lhe depara, trate-se de conciencias ou de emprezas. A triste nota desta tendencia acaba de dar um caricaturista inglez, quando, a proposito da visita que ao rei da Inglaterra fez o celebre bilionario Morgan, imagina que o soberano mandou colocar no trono, no cetro, na corôa, no manto real, e nos retratos de familia, grandes cartazes com a inscrição *not for sale*, afim de evitar ao americano o incomodo de fazer propostas para aquisição dos objetos de uso real.

Comprar para revender com lucro, eis a formula essencial de todo o comercio, e quem vende precisa anunciar a mercadoria. Daí o infatigavel prurido de publicidade a proposito de tudo, desde os anuncios de sabão e graxa nos pincaros das Montanhas Rochosas ou nos corpos dos animaes encontrados mortos na via publica, até as extravagancias dos capitalistas da Setima Avenida nas festas colossais para impressionar os acionistas das suas companhias,

festas cujos preços são no dia seguinte publicados em todos os jornais de Nova York. Ao lado disso como é pueril o mesquinho reclamo de Alcibiades mandando cortar a cauda do seu cão!

Bons ou máus, não ha discutir esses processos, pois é com eles que se chega á conquista dos desejados milhões. Uma vez que a tendencia da epoca, é enriquecer, não se pode deixar de acompanhar o povo que tem a receita para isso. As proprias testas coroadas, revelava-o outro dia uma grave revista, confiam as suas economias ás felizes combinações dos organisadores de *trusts*. E a Europa inteira, o mundo inteiro, estugam o passo para acompanhar a marcha triunfal dos Rockfellers ou dos Vanderbilts. A senha é: *make money!*

Emquanto, porém, não se descobrir o meio de comprar o bom gosto, a beleza e a elegancia, ha ainda uma porção da atividade humana que não será atingida pela onda crecente do *dollar*. Todas as riquezas e materiais, que elevam edificios de vinte e dois andares, não bastam para construir uma Capela Sixtina. As turbinas, que enfreiam, domam, regularisam e distribuem a grandes distancias a espumante massa do Niagara, são impotentes para tirar do marmore uma Venus de Milo. As fabricas de Chicago produzem *pianolas*, em que um simples movimento de pedal basta para tocar com a mais absoluta perfeição qualquer trecho musical, mas... nos tais aperfeiçoadissimos instrumentos falta a divina centelha que só podem dar os dedos inspirados de um Liszt.

E por mais que nos encham o espirito as façanhas dos grandes argentarios americanos, nunca podem provocar a sadia veneração causada pela alma magnanima de Washington, o enlevo que nos deixa a leitura de Longfellow, ou o mixto de curiosidade e terror com que nos empolga a obra de Edgar Poe.

Aceitemos, pois, o fato americano como a lidima expressão da vida moderna, e, já que é preciso, acompanhemos o movimento. Mas quando se tratar de coisas que não podem ser avaliadas em dinheiro, e que ultrapassam os limites daquilo que nos Estados Unidos se chama *matter of fact*, bem é que as outras raças consultem mais as suas tradições do que os figurinos ou as cotações de Nova York.

Eis porque me parece que devemos reagir com tudo o que ainda houver de latino no fundo da nossa alma, contra o hediondo passo do kangurú que as decendentes das marquezas, pintadas por Watteau a dançar o minuete, ensaiam hoje nos salões parisienses.

A MADONA DE MORGAN

A *Madonna* de Raphael, pintada em 1505 para o convento de Santo Antonio de Padua, em Perugia, depois de ter tido durante todo o seculo passado uma vida acidentada, foi ultimamente comprada por 2.500.000 francos pelo celebre bilionario americano que lhe deu o seu nome. *Madonna* de Morgan! Que mundo de reflexões traz semelhante denominação para uma obra de arte!

Schopenhauer, ao tirar as ultimas conclusões do seu sombrio pessimismo, sómente na arte respeitava a unica coisa capaz de salvar o homem das miseras realidades da vida, pois que, povoando-lhe o espirito de encantadoras ilusões, forçando-o a esquecer por um momento a triste contingencia em que vegeta, para cair em pleno dominio do ideal, o impede de oscilar como um pendulo entre a dôr e o enfastio. É este o grande, o inefavel consolo que nos traz a arte, quaisquer que sejam as suas manifestações: esquecer os sofrimentos do presente, fazer uma incursão no azul, fóra do tempo e do espaço, como que despersonalisar a pessôa humana, e provocar, ao longo de todo o ser, um fremito de entusiasmo que nos identifica com todos os grandes cerebros que têm sonhado na humanidade.

O espirito aceita com facilidade que os Medicis, os Borgheses, os Aldobrandis, ligassem os seus nomes ás imortais produções dos artistas de seu tempo, que eles acolhiam, sustentavam e protegiam. Apezar de toda a corrução dos seus costumes e de toda a grosseria do seu despotismo, aqueles principes magnificos, que se tornavam Mecenas das artes e das letras, tinham algo de interessante. Representavam a bravura humana, a elegancia do seu tempo. Tinham o facinante prestigio do poder absoluto, e, quer nas malhas das suas cotas de armas, quer nas plumas e fitas dos seus trajes de côrte, flutuava alguma coisa de artistico, que não destoava das obras primas que adquiriam. Manejando a espada, ou dançando o minuete, tambem faziam arte, ao seu modo.

Mas, *Madonna* de Morgan, que nos diz ao espirito, sinão sofrimentos, miserias, preocupações terriveis da vida real ? Temos que associar Raphael ao *trust* do aço, deixar de contemplar a divina expressão da Virgem, para pensar no preço porque o quadro foi vendido, consultar a tabela de cambio para reduzil-o a moeda nacional, e insensivelmente, alinhando cifras, fazer o calculo dos rendimentos do possuidor do quadro, *the great amalgamator*. E, invertidos, os papeis, em logar de nos salvar a arte das miserias da vida, ainda vêm mais nos afundar no lodo em que nos rebolcamos.

Tenho á vista o retrato do celebre bilionario americano. Como está lonje a sua fisionomia dos belos e heroicos bandidos do Renacimento ! Por mais

energica que seja a expressão voluntariosa do olhar, vemos nele o tipo prosaico do burguez enriquecido pela especulação, sem o menor traço de ideal, correspondente em tudo ao conceito que, do homem moderno, dava o Fradique Mendes de Eça de Queiroz : «um pobre Adão achatado entre as paginas de um Codigo».

Ha efetivamente grande esforço de imaginação em manejar milhões, organisar sindicatos, lograr acionistas, iludir leis e juizes, marchar á conquista do mundo com o prestigio do invicto dinheiro. Mas tudo isso está tão longe dos sentimentos despertados pela arte, que ao pensarmos nesses colossos da finança, somos levados para considerações que perturbam acerbamente a pura emoção do goso estetico.

Pensámos então na deslocação financeira que hoje está sendo produzida pela excessiva aglomeração do capital em poucas mãos ; na corrução determinada pelo incomensuravel prestigio que vai sendo exercido por esses reis dos milhões ; na insuficiente barreira que a tal prestigio pode ser oposta pelo Estado moderno, escravo dos manejos eleitorais, instrumento dos politicos de profissão ; na crecente sêde de dinheiro que cada vez mais avassala as sociedades.

Refletimos na sorte dos desfavorecidos da fortuna que mourejam nos campos e nas oficinas para acumular lenta e laboriosamente os milhões que os bilionarios dissipam, sem contar, no jogo, na orgia, na insolente ostentação de um luxo insen-

sato. Vêmos que nos codigos e leis modernas tudo o que respeita ao capital e á propriedade está devidamente estabelecido, classificado e observado, ao passo que a proteção do trabalho, e a sua justa compensação, são ainda paginas por escrever.

Anciosos por uma solução para tantos problemas, voltamo-nos angustiados para a economia politica que aprendemos na escola, e ela nos responde com frases frias sobre as causas de desigualdade entre os homens, e a vitoria dos fortes na luta pela existencia.

Observamos que a instrução cada vez mais se espalha entre as classes proletarias, que a fé, ultimo consolo dos que sofrem, vai desaparecendo da vida, e imaginamos com terror o momento em que as classes operarias, reagindo contra a injustiça da organisação atual, possam tomar uma estupida e cruenta desfórra dos seus sofrimentos.

E, para obviar á semelhante catastrofe, perdemos o espirito em idear planos de reformas, sistemas de organisação social, que, auxiliando a inevitavel transformação de que estamos na vespera, salvem a humanidade da tempestade de sangue que se avisinha. E então caímos em cheio no amago da questão cruel e lancinante, que constitue a angustia da vida moderna.

E aí está como a angelica *Madonna*, encomendada em 1505 pelas devotas freiras de Perugia, leva o espirito para cogitações tão diversas das divinas emo-

ções da arte, sómente porque a ela se associou o nome de Morgan !

Continuem os americanos ricos a comprar quadros de Raphael, já que para isso têm dinheiro. Mas, por Deus, não consintam que as *Madonnas* tomem os seus nomes !

AS RUINAS DA ARTE

O desmoronamento do *Campanile* de S. Marcos, em Veneza, parece ter sido o sinal para uma derrocada geral das obras de arte, que ameaça os monumentos, aterra os conservadores dos museus, e põe em perigo os vestigios chegados intactos até nós dos primores de outras civilisações. Constantemente jornais e revistas da Italia noticiam quédas de monumentos, ou chamam a atenção para o perigo que ameaçam outras obras de arte, em Roma, em Susa, em Verona. Ha dias, Olavo Bilac dava noticia de uma molestia que lavra entre as estatuas, e que ameaça reduzir a pó os divinos marmores animados por tantas belezas legadas pela antiguidade. Li ha pouco que á terrivel dissolução não escapa nem o duro granito das piramides do Egito, pois a grande Esfinje, que atravessou os famosos quarenta seculos de Bonaparte, parece destinada a uma proxima ruina.

Será que os velhos representantes da arte antiga, deslocados na presente epoca de prosaico industrialismo, querem abandonar de uma vez o mundo para não continuarem a testemunhar as nossas vergonhas, as nossas miserias, as nossas desilusões ? É, em sua barbara e litéral significação; o terrivel *Ceci tuera cela* de Vitor Hugo. O presente matando o passado.

O velho *Campanile*, tendo resistido a mais de oito seculos, sempre tão identificado com a vida da cidade, embora os criticos de arte o censurassem, não sem razão, de formar um irritante contraste com a arquitetura dos demais monumentos da *Piazza*, era considerado pelo povo de Veneza como uma personalidade. Até no modo porque se deu o desmoronamento, comparavel a um suicidio, sem grandes prejuisos materiais aos edificios visinhos, sem nenhuma vida a lamentar, decendo o grande anjo doirado que o encimava, em posição vertical e quasi intacto até o chão, envolto em uma nuvem de pó, o campanario se portou com suma gentileza, mesmo na hora extrema, justificando assim o dito de um popular veneziano, exprimido no pitoresco dialeto local : *Anca morendo el xe sta galantomo*.

Agora que os restos do monumento, a que a população de Veneza fez piedoso funeral, repousam no fundo da misteriosa e encantada laguna, agita-se a questão de reconstruil-o. No meio da discussão provocada pelo assunto, sobresai a voz energica de Carducci, protestando em nome da arte, do bom gosto, das tradições italianas, contra a idéa de levantar outro campanario, á imagem e semelhança do antigo, mas feito com materiais modernos, que não teriam o magico prestigio dos tempos idos.

Si, porém, a dissolução não se estende sómente aos edificios e, como angustiosamente receia a alma artistica de Bilac, o marmore, que palpitou sobre os dedos inspirados dos escultores helenicos, entra tam-

bem a derruir, que ficará á pobre geração atual, para consolal-a dos males acumulados por uma civilisação tão fria e cientificamente niveladora de tudo o que se lança do prosaismo da vida em busca do ideal ?

A fisionomia humana, traduzindo as crueis atribulações da vida atual ; o culto puro da forma tornado impossivel com a crecente depravação dos costumes que criou o *obsceno*, coisa desconhecida dos contemporaneos de Phidias e Praxiteles ; a preocupação da ciencia, da doutrina, do simbolo na obra de arte ; as exigencias do publico que paga, em geral, pouco dotado do senso artistico ; a propria falta de inspiração que oferecem os incidentes da vida moderna ; tudo isso impede que o artista de hoje, embebido na contemplação exclusiva da forma e da expressão, transmita ao blóco de pedra a centelha de excitação panteista que o despersonalisa e o identifica inteiramente com as forças vivas da natureza.

Eis porque, em sua magnifica invocação á Venus de Milo, exclamava tristemente Sully Prudhomme :

Plaignons nos sculpteurs, nés loin de la contrée
Ou florissait la forme en liberté jadis ;
Jamais dans sa candeur ils ne l'ont rencontrée
Sous l'avare soleil de nos pâles midis.

O pouco que resta de ideal no fundo da alma humana deve se esforçar com todo o sacrificio, para conservar intacto o patrimonio sagrado da arte anti-

ga. Si, porém, a despeito de tudo, a obra do tempo fôr mais forte, e os divinos marmores gregos ficarem reduzidos a montões de ruinas, ficará tambem em ruinas tudo o que ha de elevado no espirito humano.

Em um livro, hoje condenado ao esquecimento, diz Volney, que sentado nas ruinas de Palmira, de que deixou uma admiravel descrição, foi levado a meditar sobre os destinos da humanidade, e então lhe apareceu o genio dos tumulos que, descortinando os arcanos da historia, mostrou como a vida das nações obedece a leis, em virtude das quais, dos destroços acumulados das civilisações, perturbadas pelo despotismo, nasce a era nova de paz e igualdade. As *Ruinas* foram publicadas em 1791, e o seu autor, imbuido das idéas do seculo XVIII, proclamava enfaticamente, no alvorecer do novo seculo, a esperança, animada pelo triunfo da Revolução Franceza, de uma resurreição final da justiça e da liberdade, de sobre os escombros da velha sociedade que então aluia. O proprio Volney, que acabou mais tarde Senador sob Napoleão I, teve tempo para ver quanto o enganaram os seus sonhos de enciclopedista !

Em ruinas está tambem a sociedade moderna, e, como no tempo de Volney, desponta a aurora de um novo seculo. Das ruinas das velhas crenças religiosas que embalaram o berço dos nossos antepassados, poderá se erguer a fé cientifica, a firme convicção nacida dos resultados da observação e experimentação. Das ruinas do mundo politico e social,

que vacila sobre seus alicerces aos golpes da critica moderna, sairá talvez a organisação futura, em que pode ser que a justiça triunfe, a igualdade domine, e a vida das nações perca o presente aspecto de revoltante ferocidade.

Mas que surgirá das ruinas do ideal artistico, da sublime comunhão do homem com a beleza do mundo ; ruinas produzidas de um lado pela ação inexoravel do tempo, do outro pelo predominio do espirito cientifico e industrial ? Quando a eletricidade, os *trusts*, o automobilismo, a fotografia, o cinematografo, os regulamentos e as eleições, tiverem morto no espirito humano todo o ideal, que ficará depois ?

Talvez nem as ruinas. Será o caso de dizer com Lucano : *Etiam periere ruinæ.*

O PREMIO NOBEL

No dia 10 de dezembro de 1901, teve logar em Stockolmo e em Christiania a primeira distribuição dos premios em que dividiu sua fortuna o celebre quimico e industrial sueco Alfredo Nobel, o inventor da dinamite. Como é sabido, os premios são cinco, e devem ser distribuidos anualmente a quem tiver feito, no ano anterior, a mais importante descoberta nos dominios da fisica, da quimica, da fisiologia, produzido a mais notavel obra literaria no sentido idealista, tocando finalmente o quinto premio á pessoa que tiver realisado o trabalho melhor e mais valioso em favor da fraternidade das nações, da supressão ou redução dos exercitos permanentes, e da formação e propaganda dos congressos de paz.

Os laureados foram : quanto á fisica, Roentgen, o conhecido descobridor dos raios X ; quanto á quimica, van't Hoff, o inventor da stereoquimica ou quimica no espaço; quanto á fisiologia, o Dr. Behring, eminente bacteriologista alemão, a quem, entre outros trabalhos, se deve o sôro antidifterico, para cuja descoberta colaborou com o Dr. Roux. O premio de literatura coube a Sully Prudhomme. E o premio da paz foi dividido em partes iguais entre Frederico Passy, o ardente e incansavel batalhador da arbi-

tragem internacional, e Alberto Dunant que, tendo assistido á batalha de Solferino, tomou tal horror á guerra, que só descansou depois de fundar uma sociedade de socorros aos feridos, de onde depois saiu a Cruz Vermelha. Cada premio importa em 150.000 corôas, ou, aproximadamente 8.000 libras esterlinas,

A instituição dos premios nada tem de original, em seu conjunto, e não sai da banalidade dos legados da mesma natureza a que nos têm acostumado os excentricos *lords* inglezes, sem herdeiros necessarios, e os americanos enriquecidos nos *trusts*. Afim de que nada faltasse para a completa assimilação do caso ao tipo comum, começam a chover as reclamações dos que se dizem prejudicados, e notadamente, no tocante ao laureado van't Hoff, já aparece quem sustente que muito antes desse sabio, era corrente na ciencia a aplicação dos principios de cristalografia e da geometria descritiva á formação dos atomos quimicos e suas combinações e afinidades. O professor holandez teve apenas, segundo os seus detratores, a idéa engenhosa de dar a tudo isso o nome novo de stereoquimica. Imagino a discussão que vai a tal respeito pelos dominios cientificos, eriçada de fórmulas, recendendo a precipitados de laboratorios. Nós profanos continuaremos, porém, a ignorar si a Real Academia Sueca de Ciencias andou bem ou mal, concedendo o premio, emquanto o seu feliz possuidor já está de posse do desejado cheque, e mais do diploma, e da medalha de ouro, com a efijie do testador.

O que, porém, dá que pensar é o premio da paz. Filho de um fabricante de explosivos, torpedos e artigos belicos, por sua vez chefe da importante casa que herdou do pai, tendo dedicado a vida inteira á descoberta e aperfeiçoamento dos mais poderosos instrumentos de destruição, Alfredo Nobel lega parte da sua imensa fortuna a quem tiver dado um passo no sentido de acabar com os pretextos desta coisa detestavel, que se chama a guerra.

O homem honesto, a quem apaixonavam os trabalhos de laboratorio, e que nas suas experiencias não via mais do que o imediato resultado cientifico, assombrado pelas consequencias perniciosas que produziram as aplicações das suas descobertas, quiz que, como suprema reparação, este ouro, acumulado á custa de tantos engenhos, venha pertencer justamente áqueles que lhes procuram destruir os efeitos.

Si o filantropo sueco tivesse podido prever, quando, em 1863, tirou a sua primeira patente para um novo explosivo composto de nitro-glicerina e de polvora comum, a que terriveis aplicações seria levada a sua descoberta, como não lhe tremeria a mão ao depositar o invento !

Preso na engrenagem das descobertas e melhoramentos, não parou mais, e cada passo novo, si desvendava novos caminhos á atividade industrial, acentuava um novo progresso nos aparelhos de destruição. A mistura da nitro-glicerina com o kieselguhr, especie de corpo inerte obtido de cinzas fosseis, produziu a dinamite, que, diminuindo os

perigos do antigo invento, tornou-se o mais seguro e poderoso explosivo conhecido. Era preciso aumentar mais o poder explosivo da dinamite, e veiu ainda a nitro-glicerina gelatinosa. Era preciso dar ao explosivo toda a segurança, permitir que se lhe observassem os efeitos, acondicional-os em pequenas porções, e tirou ainda Nobel uma nova patente, a da balistite, precursora da atual polvora sem fumaça. E não contente com isso, fabricava canhões, aperfeiçoava torpedos, explorava minas de petroleo. Que não conseguiria ainda o magico sueco, si a morte não o tivesse vindo surprender aos 63 anos na sua risonha *villa* de S. Remo ?

Os explosivos de Nobel cedo espalharam-se pelo mundo. Derrubaram rochedos, abriram tuneis, comunicaram mares, perfuraram canáis, desviaram rios, fizeram estremecer as profundezas da terra, abalaram os cimos das montanhas. Postos ao serviço do genio implacavel da guerra, aperfeiçoaram o alcance das armas de fogo ; decuplicaram a lugubre trajetoria da bala ; facilitaram a construção de canhões gigantescos, que vomitam de uma vez a morte de centenas de pessoas ; amorteceram o som dos tiros e tornaram limpida a atmosfera, de fórma que a guerra, reduzida ao exercicio matematico de instrumentos de precisão, deixa ver em todo o seu horror os seus medonhos efeitos ; aumentaram a rapidez dos disparos, de fórma que em poucos minutos póde-se obter uma mortandade superior á das mais encarniçadas batalhas de ha quarenta annos ; sob a fórma esguia do torpedo,

levam a destruição pelas profundezas do oceano; chegam a produzir este portento de engenho, a *bala humanitaria*, que, sem estrepito, sem fumaça, sem desvio, vai, silenciosa e doce, levar a morte direito ao orgam visado, sem arrebentar ossos, sem fazer sofrer. E como tudo isto não bastasse, a dinamite, dutil, portatil, insinuante, toma a ligeira fórma de um inocente confeito, e serve de instrumento estupido e feroz, ao protesto dos anarquistas contra a sociedade burgueza, que arruina o povo de impostos para manter poderosos exercitos, destinados a levar por toda a parte a destruição. Ao fazer-se, em 1868, uma das primeiras experiencias de nitro-glicerina, dez pessoas foram atiradas ao ar em migalhas. De então para cá, quantos orfams ou viuvas não tem causado a aplicação das patentes Nobel!

Espirito culto e adiantado, era natural que o fabricante sueco procurasse reparar o mal que havia causado á humanidade, e realmente não podia fazel-o de modo mais nobre, do que proporcionando recompensas áqueles que trabalhassem pelo ideal de abolir o flagelo da guerra.

Não se trata de um ideologo que, sem sair de sua torre de marfim, quer remodelar a sociedade pelo que imaginam os seus sonhos. É um homem pratico, enriquecido no trabalho de inventar instrumentos de destruição, quem proclama bem alto que a guerra é um mal, a manutenção dos exercitos permanentes uma calamidade, e que é bemfeitor da humanidade todo propagandista da paz.

Não entraria no espirito do testador uma pontinha de remorso, ao lembrar-se das vitimas causadas pelos seus terriveis inventos ?

Utopias ! É a palavra que adivinho no leitor, sob o discreto sorriso com que desvia o olhar destas linhas. Mas é uma coisa tão velha, e apezar disto tão esquecida, a eterna, a incessante transformação da utopia em realidade ! Não é propondo reformas, convocando espetaculosos Congressos de Paz, nem pedindo desde já o desarmamento dos exercitos e a supressão das guerras, que se conseguirá o *desideratum*. É, porém, convencendo, persuadindo, fazendo uma propaganda constante e permanente contra a inanidade das guerras, e a vantagem dos meios pacificos, entre os quais avulta a arbitragem, a maior conquista juridica dos nossos tempos. Este trabalho não compete aos homens de ação, aos politicos ou militares, e sim aos intelectuais, os sabios,os pensadores, que sem preocupações interesseiras, nem compromissos partidarios, podem romper o circulo de ferro, que o egoismo; a prepotencia, a má fé e a ignorancia combinados, mantêm em torno á atual concepção da guerra nas sociedades cultas.

Alfredo Nobel colocou a questão nos seus verdadeiros termos.

Nesta epoca em que tudo se mede pelo valor monetario, já é dificil chamar utopia a uma idéa que tem ao seu serviço seguros fundos publicos, e ricas propriedades, que rendem anualmente 8.000 libras esterlinas, destinadas a premiar quem as sus-

tente. Por muito menos do que isso, muitas utopias têm sido convertidas em solidas realidades.

Qualquer que seja o modo por que a falsa organisação das sociedades atuais tenha de aluir ante a revolução social que se prepara, e cujos resultados não se podem prever, nunca será esquecido o ato generoso do homem, que, tendo indiretamente concorrido para fortalecer o dominio da força bruta, quiz trazer o seu contingente para a esperança de melhores dias.

A nós, barbaros da America do Sul, afastados do convivio da civilisação, perdidos nas brenhas deste Brazil tão grande em natureza quanto pequeno em homens, resta apenas um consolo. Temos concorrido quanto possivel para firmar o grande principio da arbitragem. Apezar de todo o nosso atrazo, isto nos deve orgulhar, quando as nações dos exercitos permanentes nos falam de alto em nome da civilisação.

Entretanto a idéa caminha, e tais são as dificuldades de uma guerra européa, que o principio vai pouco a pouco se insinuando até passar da teoria para os fatos. Mas, até lá, quantas vidas preciosas não serão ainda sacrificadas, e quantas somas colossais não serão desviadas de aplicações mais uteis !

O CENTENARIO DE KANT

A 12 de Fevereiro de 1904, celebrou--se na Alemanha o primeiro centenario do falecimento de Emmanuel Kant, o maior filosofo dos tempos modernos, e uma das glorias mais puras de que se orgulha a humanidade.

Sem ter saído uma só vez da cidade de Königsberg, onde naceu e morreu, sem ter exercido em sua longa vida outra qualquer função além da de professor, sem haver experimentado no decurso da existencia as fortes comoções e os poderosos embates que são a partilha ordinaria dos grandes espiritos, Kant viveu 80 anos na mais completa calma, observando em tudo um plano sistematicamente traçado e retilineamente seguido, o que fez dizer a Mme. de Staël que «só entre os Gregos ha exemplo de uma vida tão rigorosamente filosofica».

A suave monotonia da sua existencia, sem lances dramaticos, sem complicações sociais, faz o desespero dos biografos, por isso que em Kant, além da sua doutrina, nada existe que possa prender a atenção. Eis porque, á falta de dados mais sensacionais, vêm as suas biografias cheias de minudencias, as mais das vezes dispensaveis, sobre os seus habitos intimos e as suas excentricidades de velho solteirão. O horror,

pouco germanico, pela cerveja ; a regularidade matematica da hora de seus passeios, pelos quais, si acreditarmos em Heine, os burguezes de Königsberg acertavam os relogios ; o medo das trovoadas ; até o sistema de segurar as meias, não com ligas nos joelhos, mas com elasticos presos ao colete, antecipando assim de um seculo a salutar inovação hoje introduzida na moda feminina.

Tendo produzido a mais fecunda revolução de que dá testemunho o movimento filosofico, revolução cujos efeitos poude presenciar em vida, tendo desencadeado a mais acalorada discussão em torno a todos os grandes problemas agitados pela sua poderosa mentalidade, atravessou a existencia, ao contrario de tantos reformadores, antes e depois dele, sem ser perturbado pela natural reação dos preconceitos que atacára. Sómente por ocasião da publicação em 1792, da *Religião dentro dos Limites da Razão Pura*, teve um ligeiro desgosto com o ato de Wöllner que, sucedendo a von Zedlitz no Ministerio dos Cultos da Prussia, quebrou as tradições de esclarecido liberalismo do seu antecessor, e proibiu a impressão do livro em Berlim.

A obra foi impressa, entretanto, em Königsberg, sob a tolerante proteção da Faculdade de Teologia da Universidade, e o governo Prussiano exigiu apenas do filosofo a promessa de não mais escrever sobre religião, a qual ele escrupulosamente cumpriu até a morte do rei Frederico Guilherme II, em 1797.

Os seus proprios adversarios faziam inteira jus-

tiça á boa fé e sinceridade das suas convicções. Herder, o maior deles, escreveu, ainda em sua vida, nobre e soberba apologia, na qual o apresenta como um dos tipos mais merecedores do respeito e admiração da humanidade.

Filho de um seleiro, de origem irlandeza (que se chamava Cant, nome que em Königsberg foi germanisado para Kant) e de uma respeitavel mulher educada na austeridade intransigente da seita *pietista*, que então dominava o luteranismo na Alemanha do Norte, Kant encontrou desde a infancia os mais confortantes exemplos de virtude, e mais tarde poude dizer que «nada tinha visto, nem ouvido em sua casa que fosse contrario á moralidade a mais severa».

Com treze anos iniciou os estudos, e desde então começou, sem cessar, a sua vida de constante trabalho intelectual, sem outra aspiração de aspecto material, além de conquistar na Universidade de Königsberg a cadeira de filosofia, o que sómente alcançou em 1770, com a idade de 46 anos. Até então dedicou-se ao ensino, a principio particular, e depois na propria Universidade, onde foi *Privatdozent*, e em seguida adido. Os seus modestos vencimentos e o produto das suas obras, satisfaziam com larguesa ás necessidades de uma vida sobria e metodica, pelo que chegou á velhice, sem conhecer as terriveis angustias de dinheiro, que tanto perturbaram a vida de outros grandes pensadores.

Aos 19 anos publicou o seu primeiro livro sobre

ciencias, e, desde então, começou a investigar com proveito a matematica, a fisica e a astronomia, ideando profundas teorias sobre calculo, sobre a equivalencia das forças fisicas, sobre a formação da grande nebulosa, e chegando até a prever, muito antes de Herschell, a existencia do planeta Urano. Esta solida preparação cientifica serviu de base ás suas concepções filosoficas, que, propositalmente, manteve ocultas do publico até 1781, data em que, com 57 anos, publicou a primeira edição da *Critica da Razão Pura*, obra em que havia meditado 12 anos, e que escreveu em 9 mezes.

Colocado entre o *dogmatismo*, que, dando plena fé aos sentidos, afirma sem hesitação a existencia do mundo objetivo, e o *cepticismo* que duvida de tudo, inquire Kant: que podemos nós saber? Oferece como solução o *criticismo*, que, analisando os elementos da Razão, investiga qual a relação entre o nosso espirito e as manifestações que recebe do mundo objetivo.

Distinguindo entre a *coisa em si*, inteiramente fóra do alcance das nossas faculdades, e os *fenomenos* em que se manifesta aos nossos sentidos, conclue que só podendo o homem conhecer pelos sentidos, não lhe é dado afirmar do mundo externo sinão o que constitue o *substractum* experimental do entendimento. E porque todas as sensações se apresentam ao espirito, guardando relações de sucessão *(tempo)* e de coexistencia *(espaço)*, são estes, não entidades realmente existentes fóra do espirito, e

sim formas subjetivas da *sensibilidade*, ou moldes em que se vêm vasar as impressões que recebemos do mundo exterior.

Obtidas pela *sensibilidade* (nome que dava Kant á faculdade de perceber), as noções do mundo objetivo, ocupa-se o *entendimento* em achar as relações entre os fenomenos e o espirito, isto é, em formular as *leis*, que são as proprias condições do nosso conhecimento das coisas. O conjunto dessas leis constitue a *ciencia* que, estendida a todos os fenomenos que nos impressionam, vem a ser a explicação do Universo pelo *determinismo*, cuja fórmula é : a permanencia da força, a sucessão uniforme das causas e efeitos, e a harmonia reciproca de todas as partes do Universo.

O criticismo de Kant, estabelecendo a verdadeira teoria da *relatividade do conhecimento*, muito antes de Augusto Comte, e com incomparavel superioridade de vistas, prendeu o dogmatismo e o cepticismo em um circulo de ferro, de que nunca mais puderam sair.

Os dados da ciencia experimental justificam hoje inteiramente a teoria kanteana, pois si de um lado a fisiologia demonstra a subjetividade das sensações, do outro lado a fisica e a mecanica lhes estabelecem a transformação e a equivalencia, e confirmam o fundamento do determinismo universal. Assim, a teoria da evolução e a intuição monistica do universo, manifestações deste panteismo idealista que constitue o caracteristico do pensamento filoso-

fico atual, decendem em linha reta do criticismo kanteano.

É por isso que o pensamento moderno vê nele um dos seus grandes precursores, perdoando de boa mente as *Categorias* do espirito, as confusas divagações pelo absoluto em que se perdeu posteriormente a *Critica da Razão Pura*, e a tentativa de reconstrução da ontologia que imaginou na *Critica da Razão Pratica* para provar a existencia da alma e de Deus, pelo que chamava os *postulados metafisicos da moral.*

Sem embargo do aparelho metafisico em que se basea, a moral de Kant, inspirada na sua austera linha de conduta, e desenvolvida pelo rigor quasi geometrico da sua logica, é uma das mais nobres produções do espirito humano. Tem por alvo a realisação do supremo bem, o qual deve ser procurado de acordo com as normas ditadas pela razão, e independentemente de qualquer condição, ao que chamava *imperativo categorico*, em oposição ao *imperativo hipotetico*, em que os ditames da razão estão sujeitos a condições de interesse ou paixão.

O *dever*, suprema e inflexivel norma de ação, traça os limites da vontade humana, mas da vontade livre e esclarecida, *vontade autonoma*. Cada vontade livre encontra diante de si outras vontades igualmente livres, e a felicidade humana consiste em cada um ser o seu proprio legislador, promulgando e executando os meios de exercer a propria liberdade com o mais absoluto respeito á liberdade

alheia, o que constitue *o fim moral*. É por isso que a sociedade humana é uma *republica de fins*, perfeitamente livre, e perfeitamente unida.

E porque a perfeição consiste em estabelecer a lei que concilie a vontade individual com o respeito devido á universalidade das outras vontades, eis a fórmula admiravel em que Kant resumiu toda a sua moral — «procede de forma que a razão dos teus atos possa ser erigida em uma norma de legislação universal».

Destes principios deduz Kant a sua teoria do direito, que consiste em uma limitação da liberdade de cada um, afim de se poder conseguir a garantia da liberdade de todos.

Como as ações humanas, saindo do dominio subjetivo da conciencia para a co-existencia social, podem se tornar um embaraço á *justa esféra da eficiencia alheia*, ha necessidade da coação para exigir o cumprimento dos deveres externos. Então aparece o Estado como o supremo orgam do direito, creado *necessariamente* pelos homens para manter o equilibrio juridico.

Onde, porém, a doutrina de Kant toca a um admiravel apuro de logica e de bom senso, é na sua concepção do direito internacional, cujas vistas largas e generosas têm ainda hoje toda a aplicação, e não podem deixar de constituir o programa de quantos se interessam pelo bem da humanidade.

Sendo ás nações verdadeiras pessôas juridicas, devem guardar entre si as mesmas regras de res-

peito reciproco que os individuos, e a respectiva legislação não pode deixar de observar os ditames da legislação universal. Reguladas as relações reciprocas pela exclusiva regra juridica, não ha entre elas motivo para a guerra, que é um estado primitivo de violencia, inconciliavel com o dever moral, tanto nos individuos, como nas nações.

Baseado nestes principios, estabeleceu Kant o seu *Projelo de Paz Perpelua*, cujos pontos capitais são os seguintes: — «Proibição de conquista, incorporação, ou aquisição, por qualquer titulo, de um estado por outro. — Dissolução gradual dos exercitos permanentes. — Proibição da intervenção armada nos negocios internos de uma nação. — Estabelecimento da constituição republicana em todos os estados. — Organisação de uma federação entre todas as nações. —Promulgação de um codigo internacional por uma assembléa federal encarregada de resolver os conflitos entre os estados».

Volvido um seculo inteiro depois que o genial pensador de Kőnigsberg viu para sempre encerrado o ciclo da sua bela existencia, agora que os progressos da ciencia vieram confirmar os pontos cardiais da sua doutrina, os pensadores, os poetas, os filosofos, todos aqueles a quem hoje é moda chamar despresivelmente «os intelectuais», adotam completamente as ousadas vistas do grande genio, que bem pode ser considerado o pai espiritual da presente geração. A hipocrisia organisada dos governos, a inepta vaidade ou o sordido interesse das

classes dirigentes, a desorientação que lavra entre os depositarios do poder publico, têm, porém, impedido que se realise o soberbo ideal da *paz perpetua*. O direito internacional em pratica entre as nações, longe de ser a norma de *legislação universal* a que se referia o filosofo, é a aplicação mais brutal e insensata do que ele chamava a *heteronomia da vontade*; — a submissão de uma vontade livre a qualquer outra lei que não a da liberdade.

No proprio mez em que se realisava o centenario, rompe inesperadamente uma guerra estupida provocada pela criminosa expansão de uma grande potencia, e iniciada por um paiz que acaba de entrar na civilisação com todos os vicios das nações já apodrecidas pela sanie universal. As demais nações cultas, fugindo ao indeclinavel dever de evitar a contenda, deixam que se sacrifiquem milhares de vidas, com receio de prejuizo nos seus interesses. E essa cinica neutralidade, suprema expressão de egoismo, ainda devemos considerar um beneficio, porque é o unico meio de evitar uma conflagração geral!

Como, entretanto, seria facil, digno, e até economico, reduzir a questão russo-japoneza a uma especie juridica, sujeita á decisão de um tribunal internacional. Mas os estadistas esquecem que a moral é uma só, e julgam as relações internacionais com uma conciencia diversa da que aplicam ás relações de ordem privada.

Não devemos, porém, desesperar do futuro, e graças á intervenção dos *intelectuais*, podemos au-

gurar que em epoca relativamente proxima, o *crime de guerra* será julgado com a mesma severidade que o crime de assassinato. A humanidade compreenderá emfim a incomensuravel distancia que ha entre um Kant e um Bismarck, só contando entre os seus bemfeitores os que concorreram para o verdadeiro e legitimo progresso, inseparavel da moral.

Em tal epoca, os olhos reconhecidos da posteridade não se poderão deixar de voltar para o homem genial que afagou tão sublime e generosa utopia.

A CONDESSA DE BOIGNE

RÉCITS D'UNE TANTE — *Mémoires de la Comtesse de Boigne, née d'Osmond* — Paris — 4 vol. 1907

A recente publicação das memorias da Condessa de Boigne tem tido em todo o mundo culto a repercussão que estas merecem, não sómente pelo interesse que sempre desperta a epoca historica a que se referem (o periodo que vai do fim do reinado de Luiz XVI até a revolução de 1848), mas tambem pelo saboroso pico de curiosidade que costumam provocar estas confidencias dos bastidores da historia, as quais muitas vezes são a verdadeira historia. A critica franceza, e atraz dela a critica européa, já fizeram a devida justiça aos deliciosos *Récits d'une tante*, e este movimento do mundo intelectual teve entre nós um autorisado éco no belo artigo de José Verissimo, no *Jornal do Comercio*, quando saiu o primeiro volume da coleção. Com o quarto volume, que acaba de ser publicado, finaliza a interessante publicação, uma das melhores que têm sido feitas em França, onde tal genero de literatura, de certo tempo a esta parte, tem tido uma cultura excessiva, muitas vezes fastidiosa, e nem sempre proveitosa.

A Condessa de Boigne, Carlota Eleonora Luiza Adelaide, filha do Marquez d'Osmond, naceu em 1781, em Versailles, onde sua mãi exercia as funções de dama de honra de Madame Adelaide, filha de Luiz XV, e tendo atravessado todas as vicissitudes da França e da Europa durante 85 anos, morreu em 1866, em pleno apogeu de Napoleão III. Acompanhando de perto os acontecimentos, ligada ás familias dinasticas pelos laços da mais estreita amizade, dotada de um argutissimo espirito de observação, relacionada com as mais importantes figuras da cena politica internacional, tendo frequentado as principais côrtes estrangeiras, e vivido nos mais finos salões de toda a Europa, estava a Condessa em admiraveis condições para contar o que viu naquela fase férvida da vida européa.

Foi casada, por méra conveniencia, com o apagado Conde de Boigne, militar de poucas batalhas e de muito dinheiro, e, quanto ao mais, personagem que raramente aparece nas memorias, e cujo maior titulo de gloria foi o ter enchido de beneficios e melhoramentos a sua cidade natal de Chambéry, onde se ergue a sua estatua. Vivendo quasi sempre afastada do marido, a quem, de raro em raro, ia fazer uma rapida visita de curtas semanas em suas terras, queixa-se dos excessivos ciumes do consorte, sem entrar aliás em mais minuciosas explicações sobre a causa, verdadeira ou imaginaria, de tais ciumes. A ultima vez que o nome do Conde de Boigne aparece nas memorias, é no terceiro volume,

onde, descrevendo os acontecimentos que precederam a revolução de 1830, em que ela exerceu um papel proeminente, pois o seu salão era a reunião dos elementos que elevaram ao trono a casa de Orleans, interrompe a narrativa para dizer simplesmente isto: « Soube então que M. de Boigne, que me afirmavam estar em plena convalecença, sucumbira a um novo ataque da molestia que o afligia havia bastantes anos. Tendo esta ultima crise durado poucas horas, asseguraram-me que fôra impossivel prevenir-me. Tive que acreditar. Lamentei, entretanto, não haver insistido mais fortemente para ir a Chambéry, no mez de maio, apezar da sua resistencia». E, depois de tão breve oração funebre, continúa a Condessa a falar interessadamente da sublevação do Norte da França, da impopularidade de Carlos X, e das intrigas em que tomou parte para derrubar os Bourbons.

A reprodução da adoravel miniatura de Isabey, colocada no frontespicio do primeiro volume, mostra entretanto que os ciumes do Conde não deixavam de ter fundamento, principalmente si considerarmos que a Condessa era uma mulher de espirito, sempre admirada e cortejada, e fazia da vida mundana o principal fim da sua existencia. Em contraste com a miniatura de Isabey, traz o ultimo volume a reprodução de uma fotografia tirada em 1864, em que a velha fidalga, da formosura de sua extinta mocidade, só conservava dois pequeninos olhos, maliciosos e inteligentes. Como quer que seja, reti-

rada do mundo, perdido o prestigio da mocidade, Madame de Boigne, em vez de fazer como tantas outras no seu caso, e cair na beatice, *dando assim a Deus o que o diabo já não quer*, na frase de Nicolau Tolentino, escreveu a historia do seu tempo e as suas impressões sobre homens e coisas que viu de perto, deixando assim umas deliciosas imagens que nos retratam a sua epoca, muito melhor do que as enfaticas narrativas dos historiadores, oficiais ou oposicionistas.

Si a escritora é de uma ciosa parcimonia sobre as suas proprias aventuras, a cujo respeito nada se sabe de positivo, conta entretanto, com a graça encantadora de uma filha do seculo XVIII, tudo o que se passou na sua epoca, especialmente quanto ás infrações do VI mandamento, sem poupar as suas mais caras amigas, os membros mais proximos da sua familia, e os homens mais eminentes que atravessaram o seu salão, ou talvez a sua alcova. A narração é sobria, comedida e graciosa, sem trivialidadades nem grosserias, e sem perder um momento a linha de elegancia e de decencia que permite contar os mais escabrosos fatos, sem decer ás palavradas da escola preconisada por Zola. Quando lhe faltam termos em francez, a Condessa, ignorando a lingua classica em que Petronio e Ovidio afrontaram a honestidade, recorre aos seus conhecimentos da lingua e da literatura ingleza, como na anedota de seu tio Eduardo Dillon com Madame Grant, a futura Marqueza de Talleyrand, onde esta, grata a um

elogio á beleza dos seus cabelos, apareceu ao seu interlocutor sómente vestida deles, porém, ao contrario da Eva de Milton, *naked and not ashamed.*

Surpreendida em Versailles pela borrasca de 1789, dá-nos uma impressão longinqua do turbilhão revolucionario, atravez das suas reminicencias de infancia. As suas descrições do antigo regimen, que foram compulsadas por Taine quando ainda ineditas, lembram um pastel do seculo XVIII, meio apagado pelo tempo, que deixasse vagamente adivinhar uma cena de côrte, onde, perdidas as minudencias, esvaecidas as figuras, ficasse apenas um vago e indefinido perfume de graça e de elegancia.

Acompanhando seu pai no exilio, vemol-a em Roma, em Napoles, na Suissa, na Inglaterra, na Alemanha, seguindo a sorte dos proscritos, e a par das intrigas politicas, sem comtudo deixar de notar, com deliciosa crueldade, os ridiculos e fraquezas dos seus proprios correligionarios e amigos, sem exceção dos membros da familia real.

O Imperio tornou possivel a sua volta á patria, e a anedota da sua passagem pela fronteira é um traço digno de ser notado. Enquanto os guardas da alfandega lhe examinavam a bagagem, e a policia lhe visava o passaporte, formalidades complicadas naqueles tempos de guerra com a Inglaterra e de bloqueio continental, alguns subalternos mais rigorosos demoravam-se em confrontar os traços fisionomicos da Condessa, naturalmente vexada com aquelas minucias administrativas. *Mettez, jolie comme*

un ange, disse o chefe ; *ce sera plus court et ne fatiguera pas tant Madame*. A Condessa teve de reconhecer, depois de tantos anos de ausencia, que já estava em França.

Abrindo o seu salão, começou o seu papel de *grande dame* atravez de todos os regimens, reunindo em torno de si o escól do seu tempo, e exercendo pela facinação da sua pessôa o prestigio que foi o segredo da sua vida. Sob Napoleão, o seu papel foi de mera espectadora, mas espectadora oposicionista, que notava o esforço da côrte imperial para se dar ares de velha monarquia feudal, e sublinhava, com a maldade do costume, os ridiculos ou os vicios do brilhante sequito do Imperador. Para amostra, não resisto á citação de uma das suas observações sobre a irmã de Napoleão, Paulina Borghese, a linda inspiradora de Canova. Depois de lhe descrever entusiasticamente a beleza, e de lhe exaltar as perfeições, diz a Condessa, que a tudo reunia a Princeza o aspecto mais candido que poderia desejar a mais pura das virgens. Conclue, porém : «Si se acreditar na cronica, ninguem teve menos direito a isso».

Era então a epoca em que frequentava a Condessa a outra côrte, não menos exigente, que a sua querida amiga, Madame de Staël, mantinha em Coppet. E, graças ao seu costume de não poupar os amigos, dá-nos uma divertida descrição daquele meio intelectual e excentrico, com as extravagancias de Corina, a vaidade morbida de Chateaubriand, o ro-

mantismo de Benjamin Constant, e as inconstancias de Madame Récamier.

Com a Restauração começou o papel politico de Madame de Boigne, e a influencia do seu salão na marcha dos acontecimentos. Desfilam nas suas Memorias todos os homens representativos do seu tempo. Pozzo di Borgo, levando o seu velho odio corso contra Napoleão até a perda da sua nacionalidade para entrar, como general russo, em Paris, invadido pelo exercito aliado. Marmont, hesitante entre os deveres a cumprir, e transigindo sempre até achar uma saida falsa para as situações dificeis. Talleyrand, velho matreiro e elegante, «grão senhor contra a Revolução, o Directorio, o Imperio, a Restauração, os inglezes, e até contra a morte». E tantos outros tipos, uns apagados, outros culminantes, todos fixados em traços firmes, mas sombreados por um suficiente toque de maldade.

Ligada mais de perto á familia de Orléans, a Condessa tomou parte ativa na Revolução de 1830, do que não deixa de se gabar, talvez um pouco mais do que conviria ao bom gosto, despertando no leitor a vaga recordação da famosa mosca do coche, na fabula de Lafontaine. A volumosa correspondencia junta ás memorias prova, entretanto, que tinha relações seguidas com as mais notaveis personagens do seu tempo, estando por elas mesmas ao par de tudo o que se passava. Thiers e Guizot, os dois corifeus da monarquia de Julho, eram da sua intimidade, o que a não impede de apresentar o pri-

meiro (com quem correu o boato de que se ia casar) sob a forma de um ambicioso a frio, revestido de uma coragem aparente, e decidido a galgar posições á custa de tudo; e o segundo, como um belo retorico, habil em se apossar do pensamento alheio e apresental-o como proprio, sob a roupagem de uma artificiosa eloquencia.

A famosa revolução dos *tres dias gloriosos* é contada por forma que a minucia dos detalhes não prejudica o pitoresco da narração. O cólera de 1832 dá logar a um episodio que, pela energia dos traços, faz lembrar a descrição da peste de Milão por Manzoni. A fidelidade historica e os mexericos de alcova entram em partes iguais na aventura da duqueza de Berry, que, tentando sublevar a Vendéa em favor do partido legitimista, acabou dando á luz na prisão a um filho, cujo pai, toda a Europa, inclusive a propria mãi, dava tratos á imaginação para saber quem fosse.

A familia de Luiz Felipe, dividida pelas mais inconvenientes questões intestinas, mostra-se incapaz da corôa que lhe déra a burguezia. O movimento romantico e republicano cada vez mais se avoluma, e o trôno dos Orléans cai, arrastado pelo proprio impulso que o erguera. Vem a Revolução de 1848. A Condessa recolhe-se á vida privada, mas, como ultimo traço, não deixa de apresentar em situação comica tres dos seus melhores amigos, vindos á tona com o novo estado de coisas: Arago, membro do Governo Provisorio, aparecendo-lhe em casa, ás escondidas,

todo enlameado, de guarda-chuva a pingar, para lhe oferecer passaportes e dinheiro, aterrado pela responsabilidade que assumira, e receiando comprometer-se; Lamartine, enfatuado e ingenuo, supondo chegado o momento de seduzir as massas pela sua eloquencia; Mme. de Girardin, Belona da Revolução, contando governar a França em comum com Lamartine.

Daí por diante acaba o papel da Condessa e acabam as Memorias. Sobre o segundo Imperio, cuja quéda previu com admiravel bom senso, tem palavras de amarga ironia, filhas da velhice, sem decendencia, que lhe chegara, e lhe tirara as ilusões da sociedade, sem lhe trazer as doçuras da familia.

Não sei até que ponto se podem ter por verdadeiras todas as revelações da Condessa, quando não apoiadas em documentos. Parece mesmo que sacrificava um pouco a verdade dos fatos ao interesse do pitoresco, a julgar pelo que conta da princeza brazileira D. Francisca de Bragança, irmã de D. Pedro II e casada com o principe de Joinville, a qual, segundo ela, perguntava ao chegar a Paris, no inverno, porque não tinham flores as arvores, e reclamava um caldo de papagaio, quando lhe traziam um caldo de galinha. Abstraindo, porém, de adminiculo da historia, ou de repositorio de maledicencia, o livro de Mme. de Boigne traz um vago perfume dos tempos passados, quando as Condessas, entre tantas outras coisas que as de hoje tambem fazem, faziam tambem memorias, que as de hoje não sabem escrever.

A FALENCIA DO NATURALISMO

A discussão, a proposito de Zola no Panthéon, faz lembrar os primeiros volumes dos Rougon Macquart, e refletir na grande evolução que fizeram os espiritos, inclusive o proprio Zola, depois da epoca em que o grande romancista lançava em circulação os seus livros de combate, agitando os entusiasmos nacentes, provocando odios sagrados, e formando apostolos das crenças que se queriam afirmar.

Á geração, cujos entusiasmos juvenis foram despertados pela eloquencia vibrante do grande escritor, e que guarda bem no fundo do coração um logar destinado ao culto dos idéais de então, não pode deixar de ter impressionado dolorosamente a mesquinha investida com que Maurice Barrès rebaixou o seu belo talento e o seu fino gosto artistico, para atirar sobre a memoria de Zola as mesmas e banais censuras de imoralidade, ha tantos anos feitas pela mediocridade burgueza. Bem se comprende que os decendentes do antigo tintureiro a quem a sorte da guerra e a onipotencia de Napoleão fizeram duque de Montebello, se horrorisem com a idéa de repousarem ao lado dos restos de Zola os do seu heroico e nobre antepassado, cujo nome eles proprios exploram para uma marca de Champagne.

Confrange, porém, a alma, vêr um intelectual da força de Barrés, cuja delicada sensibilidade artistica vibra com as mais reconditas aspirações da alma moderna, cegar-se de tal forma pela paixão politica até decer das alturas serenas da arte, e reeditar numa assembléa politica a estafada lenda da imoralidade do naturalismo.

O chocante contraste daquela sessão da Camara dos Deputados com pretenções a literaria, consistiu no discurso de Jaurès, defendendo a memoria de Zola das grosseiras invectivas de Barrès. O tribuno socialista, sentindo-se á vontade na retorica democratica, que depois de Enciclopedia, vem animando o liberalismo francez, desde o romantismo até o naturalismo, produziu uma resposta vibrante e honesta. Assim, o espirito fino cuja luta intelectual tem consistido em *defender o seu Eu contra os barbaros*, fez-se éco das vulgaridades burguezas que se repetem contra uma grande memoria, ao passo que o representante do socialismo aburguezado, que trocou a propaganda dos idéais pela comoda conquista do poder, foi quem se apresentou em campo, defendendo a memoria de um intelectual. Para explicar tão extranha contradição, bastam as perversas ironias da politica, que muda as posições, inverte a visão intelectual, e é principalmente a incontestavel soberana do mau gosto. Os que, a cada momento, deploram a baixeza do nivel intelectual nos nossos parlamentos, devem ler os apartes dados aos dois oradores, nessa curiosa sessão da Camara

franceza, onde se revela em cheio a mediocridade, a chateza, e a falta de gosto.

Si não fosse a corrente politica hoje dominante em França, Zola não teria tão cedo as glorias do Panthéon. Sómente neste ponto teve inteira razão Maurice Barrès. Não foi o autor dos Rougon Macquart, nem das Tres Cidades, nem dos Evangelhos, a quem se pretendeu agora glorificar, com exclusão de outros vultos da literatura franceza, alguns dos quais superiores e muitos iguais a Zola, para os quais ainda se não abriram as criptas de Soufflot. Foi pura e simplesmente o escritor do famoso *J'accuse*. Seja dito de passagem, que si Zola não tivesse outros titulos, bastaria, para recomendal-o á posteridade, o seu nobre e corajoso papel na questão Dreyfus.

A sincera admiração pela grande figura de Zola não impede, porém, de notar hoje a dolorosa falencia do naturalismo. Quando as descobertas cientificas apregoavam a queda dos velhos ideais, e os metodos inflexiveis da filosofia experimental pareciam querer dominar tudo, os vibrantes clarins do naturalismo lembravam as trompas de Jericó, abalando os fundamentos da sociedade de então. Positivismo, agnosticismo, ou materialismo, o pensamento filosofico da epoca tomava por base do saber o testemunho dos sentidos, graças ás maravilhas do metodo experimental, que, alargando a força de observação humana pela dos instrumentos de precisão, tudo achava possivel ao orgulhoso desejo de

conhecer. E a natureza, toda e núa, sem forças ocultas, sem origens ignotas, sem misterios insondaveis, se deparava ao sabio e ao artista, como unico objeto de meditação e de inspiração.

A fé cientifica era o novo dogma que se apregoava, contraposto ao credo das religiões reveladas. Os processos experimentais, transportados para todos os campos da cultura humana, entraram tambem na arte, e os novos ideais colimavam a natureza como assunto unico de observação. Foi a epoca em que apareceu Zola, como porta bandeira da nova escola, querendo fazer arte com os dados da ciencia experimental, pedindo os seus processos ás induções de Claude Bernard, e fazendo do romance o estudo da vida social, tal qual se apresentava á sua visão, com todas as suas fraquezas, chagas e miserias.

Encontrando um terreno admiravelmente preparado, poude o naturalismo rapidamente progredir, pois correspondia exatamente ao espirito da epoca. Convencida como estava a humanidade de que tinha chegado o triunfo definitivo da ciencia e da negação do Além, nada mais restava á arte do que copiar a natureza e apresental-a com todos os rigores cientificos, aos homens, já acostumados a sómente aceitar o que lhes fosse positivamente demonstrado.

De então para cá, quantas novas escolas têm surgido, pretendendo enfeixar a arte em formulas que se supõem definitivas, e quantas têm desaparecido, deixando entre os seus destroços algumas

obras primas que exprimiram, um momento, o espirito do seu tempo!

Fortemente possuido do sentimento romantico, que pretendia matar, mas que perpetuava na obra genial de Flaubert, de quem se dizia dicipulo, embora aplicando sempre até o fim da sua obra os processos do seu apregoado naturalismo, foi Zola sucessivamente modificando o seu espirito ao sabor das correntes que dominavam. Assim, sob a bandeira do naturalismo, si bem que essencialmente lirico, pagou Zola o tributo da epoca ao simbolismo, ao romance de analise, ao misticismo, ao romance patriotico, e acabou arrastado pela grande corrente socialista que o levou á utopia de evangelista da nova fé.

Em toda esta vasta digressão, sacrificando muitas vezes o bom gosto e a medida a preocupações extranhas á arte verdadeira, sempre se soube conservar um espirito fundamentalmente honesto, sequioso da verdade, e desejoso de fazer triunfar as suas convicções á força de coragem e conciencia.

Os seus dicipulos, abandonando o primeiro impulso que lhes dera o poderoso espirito do mestre, apostataram do naturalismo, e enveredaram por outros caminhos onde supuzeram encontrar o ideal na arte. Do proprio Zola, as paginas verdadeiramente imortais, que passarão á posteridade entre as obras primas da lingua franceza, não são aquelas em que o grande escritor pensava perpetuar o seu programa de combate, e sim as perpassadas de um

lirismo amplo e magestoso. Apezar de todo o aparelho do seu romance experimental, e dos complicados processos cientificos com que organizava as suas arvores genealogicas, nenhum dos seus tipos ficará entre as grandes creações incorporadas ao patrimonio espiritual da humanidade. Por uma ironia do destino, as creações do seu poderoso simbolismo, servirão, entretanto, de alento aos que, através do seco testemunho dos sentidos, procuram na natureza a expressão de um profundo sentimento idealista.

Hoje, quando a concepção materialista do mundo vai cedendo o logar a um largo idealismo panteista, em que a materia e o espirito se fundem na expressão unica de uma grande força, que sentimos sem conhecer, e amamos sem analisar, como parece mesquinha a pretenção da escola que limitava a arte ao exame dos depoimentos da experiencia, neste pequenino aspecto do mundo que supomos possuir pelos nossos imperfeitos sentidos!

Como vão lonje os tempos em que se pensava que todo o universo podia caber nas retortas ou nos microscopios, e que tudo, desde a religião até a arte, dependia da ultima palavra que viesse dos laboratorios. O honesto Zola acreditou ingenuamente que tinha chegado a grande epoca da solução definitiva e que, descoberta a formula da arte experimental (dois termos de uma completa antitese), daì por diante, nada restava senão se recolher, e observar um canto da natureza atravez de um temperamento.

Mas é que, si os temperamentos de cada artista continuaram e continuarão a ser sempre variaveis, contingentes e sujeitos a mil modalidades subjetivas, o que mudou foi a concepção da natureza, muito diversa hoje da que dominava quando se iniciou a publicação da série Rougon Macquart.

A alma moderna, desiludida das promessas da ciencia quanto á tranquilidade de espirito, vendo as proprias descobertas dos sabios destruirem as verdades cientificas até agora tidas por inabalaveis, sente renacer o desejo ardente de explorar o desconhecido, e de renovar o delicioso terror com que enfrentamos o divino misterio do Cosmos.

Para satisfazer este torturado desejo, só encontra desafogo no estado de semi vigilia que a envolve, vago, indefinido, vaporoso, sem formas precisas, sem notações exatas, deformando a realidade das coisas nos reflexos irisados e cambiantes de um sonho.

O instinto creador dos artistas que hoje sentem a sua epoca é, pois, esta mistura de verdade com simbolo, realisando a angustia desesperada dos ideais insaciaveis... Que é feito da retórica retumbante do naturalismo, pela qual juravamos, anos atraz, com tanta certeza ?

SNOBISMO E CULTURA

Até bem pouco tempo o pessimismo era a formula do sentimento nacional. Esmagados pela nossa timidez, sucumbidos na nossa tristeza, embiocados nas nossas sobrecasacas pretas, viviamos a lamentar as desgraças patrias, e a olhar, passados de inveja, para os outros povos, de cultura mais alta, que realizavam um ideal para nós inaccessivel, gozando á farta de todas as excelencias da vida,.

Uma monarquia sem fausto, tendo á sua frente um soberano que adunava ás mais elevadas qualidades intelectuais e morais uma despreocupação completa dos aspectos externos da vida, foi substituida por uma republica sem maneiras, cujos primeiros anos se passaram entre levantes militares, intrigas de politicagem, e expedientes financeiros.

Afastou-se completamente a gente fina e educada, que fazia no Rio de Janeiro a vida social dos tempos da monarquia, vida aliás em que pouco figurava a modesta casa reinante. Em quanto duraram as veleidades de restauração, parte desta sociedade emigrou, e sonhou um momento parodiar em Boulogne-sur-Seine uma especie de pequena Coblença. E não é exageração dizer que naquele tempo se fecharam os salões elegantes do Rio de Janeiro.

No periodo febril de especulação de bolsa que coincidiu com os primeiros anos da Republica, espalhou-se muito dinheiro, creou-se uma atmosféra de luxo ficticio, mas a maioria dos individuos que foram elevados do nada ás culminancias da alta finança, substituiu o gosto e a delicadeza pelo prurido de ostentar uma riqueza insensata e agressiva. Aquela epoca durou, felizmente, um instante, e, pouco depois, tudo voltou á falta de convivencia e de habitos sociais, que caraterisou tanto tempo a nossa vida, dado o exemplo que partia das regiões oficiais.

A maior estabilidade das instituições, os melhoramentos materiais que têm sido executados, e o crecente prestigio adquirido pelo paiz no convivio internacional, produziram, entretanto, nos ultimos tempos, uma completa reviravolta. Ao pessimismo antigo sucedeu um extraordinario otimismo. A nação parece sacudida por um forte fremito dionisiaco. Nada se afigura impossivel á transbordante alegria que reina por toda parte, e, tão longe chegam os éstos da nova feição, que um pouco mais nos levará á megalomania, e daí ás mais crueis decepções.

Á falta de um luxo que as nossas condições economicas não permitem, começa a se manifestar uma preocupação de elegancia, que parte das classes altas e vai até ás ultimas camadas sociais, desde os bairros aristocraticos da cidade até os mais exoticos, e, irradiando do centro para a periferia, ameaça invadir os mais reconditos sertões do Brazil. Creou-se

uma linguagem propria, tirada do inglez dos *boulevards* parisienses, para exprimir as novas aspirações,e a imprensa em um movimento quasi unanime, dedica longas colunas a estes assuntos de elegancia, que em outros paizes são objéto de publicações especiais. Continuando as coisas como vão, brevemente os nossos capadocios trocarão o seu calão pitoresco pela linguagem rebuscada dos convivios mundanos, e as mais remotas vilas do interior terão tambem o seu corso, os seus chás, os seus concursos de beleza.

Os individuos cujo misoneismo impede de compartir da alegria geral, clamam contra a onda de frivolidade que tudo ameaça invadir, e censuram a feira de vaidades, em que dizem estar convertida o paiz. E a palavra *snobismo* volta a ser pronunciada, renovando-se a velha discussão, que depois de Thackeray parecia definitivamente encerrada.

Deixemos falar os *laudatores temporis acti.* São impotentes contra a corrente que se avoluma. Os nossos *snobs*, sem o suspeitarem, talvez, são ao seu modo, momentos de cultura. Já um dos ilustres antecessores destes, o inefavel Damazo dos *Maias*, concorria para a civilisação em Portugal, trazendo, nas corridas, uma sobrecasaca cinzenta e um véu azul no chapéu. Eles procuram apurar o que julgam ser o bom gosto, fazem a propaganda das boas maneiras, e sob a aparencia de um frivolo epicurismo, professam a profunda filosofia panteista em que se abre o pensamento do seculo. Desde que o papel do homem é aproveitar das coisas boas que

lhe depara a natureza, emquanto não chega o gêbo momento em que a velhice as deseja sem nas poder possuir, não ha sinão repetir o sabio *carpe diem*, do sabio Horacio, que foi um dos primeiros *snobs* do seu tempo.

Snob tambem foi o finissimo Petronio, que hoje bem surpreendido ficaria vendo o seu nome exclusivamente ligado aos apuros refinados do trajar, esquecidas assim as suas revoltas contra a vulgaridade das maneiras e da linguagem, tão contraditorias, aliás, com a torpissima pornografia do seu *Satiricon*. Deixo aos sociologos a explicação do fenomeno, mas a verdade é que, quasi sempre, ás epocas de apuro na cultura intelectual, corresponde um refinamento de vida elegante, reflexo, por sua vez, de grande depravação de costumes. Si pensarmos no que foram os famosos seculos de Pericles, de Augusto, de Luiz XIV ; as côrtes de Elizabeth da Inglaterra, de Cristina da Suecia, de Catharina da Russia ; os multiplos aspectos da Renacença em todos paizes da Europa, desde o brilhante carnaval dos Medicis, até a corruta e elegante sociedade de D. Manuel o Venturoso ; este adoravel seculo XVIII que fundiu em inexcedivel graça e polidez, a mais desabalada corrução, e um profundo movimento intelectual ; vemos sempre uma sociedade que se diverte, engolfada no vicio até o delirio, um governo despotico e rapace que protege as artes, as ciencias, e todos os ramos da cultura, e uma plebe, cega por fulgurantes miragens, deixando-se impunemente oprimir e pilhar.

Nestas sociedades figuravam duas especies de vultos. Os individuos que então constituiam o que na linguagem de hoje se chamaria o *smart set*, os cortesãos, os parasitas, as damas galantes, os arbitros das elegancias que, á falta de idéas, faziam a propaganda do vestuario e do bom tom, ditavam leis inflexiveis para as maneiras sociais, estabeleciam o rigoroso protocolo da moda. Além dessa função estética, pois a moda não deixa de ser uma forma extrinseca e ás vezes intrinseca de arte, creavam o meio necessario para florecerem e brilharem os poetas, os artistas, os cultores do pensamento.

Por outro lado, os grandes genios espiritualisavam o ambiente da epoca, fixavam os seus contemporaneos em creações imorredouras que os transmitiam á posteridade, concretisados em quadros, em estatuas, em tipos imortais do poema, do romance e do teatro, e exprimiam as aspirações do seu tempo nas grandes sinteses filisoficas. Ao mesmo tempo, apuravam a linguagem, e firmavam o falar elegante dos salões nos moldes classicos da vernaculidade. Basta lembrar o que foi o helenismo depois de Pericles, a alta latinidade depois de Augusto, o italiano depois dos Medicis, o inglez depois de Elizabeth, o francez depois de Luiz XIV, e o portuguez depois dos Quinhentistas, para compreender o importantissimo alcance dos salões na formação da lingua culta.

Em quanto dura cada um destes periodos de orgasmo, o primeiro plano é ocupado pelos Petronios

que não escrevem livros, mas limitam as suas faculdades cerebrais á investigação do ideal no córte das roupas. Organisam festas, apuram a elegancia do trajar, brilham nos salões, esgotam todas as formas do galanteio, estreitam a intimidade entre os dois sexos, e rebuscando a finura e o bom gosto, dão a toda a população a ultima nota do bem falar, do bem vestir, do bem gozar.

Os artistas, os poetas, os sabios, perdidos no turbilhão mundano, são figuras secundarias, que só aparecem, em dados momentos, para trazer realce aos prazeres da sociedade. Os *snobs* de todos os tempos os consideram uma classe á parte, muito inferior á casta dos elegantes e aristocratas.

Quando, porém, se vai esfumando no passado cada uma das epocas, apagam-se as figuras dos elegantes que davam o primeiro tom, e começam a brilhar as dos intelectuais que puzeram o seu genio ao serviço dos que se divertiam, e conquistaram para estes uma imortalidade que os *snobs* por si sós nunca alcançariam. Si não fossem as poesias de Camões, ignorariamos hoje os nomes das grandes damas da côrte que então despresavam o humilde poeta, e os belos gestos e posturas dos fidalgos francezes do seculo XVIII passar-nos-iam inteiramente despercebidos, si não houvessem sido fixados na tela pelos pinceis vigorosos de Watteau, Fragonard e Boucher.

Como quer que seja, os dois elementos se completam, e para que os intelectuais possam produzir

idéas que revolucionem o mundo, necessitam dos *snobs* e das *snobinettes* que lhes formem um auditorio fremente e entusiastico. Si não fossem os salões aristocraticos que acolhiam os Voltaires, os Rousseaus, os Diderots e os d'Alemberts, o livre pensamento não teria o poderoso impulso que creou a Revolução, a cujo cutelo vieram depois oferecer as gentis cabeças, as mesmas marquezas que antes floreiavam com os filosofos da Enciclopedia.

Soceguem, pois, os que se escandalisam, com as senhoras e senhoritas que se vestiam luxuosamente aqui, em Paris, em Buenos Aires, e brevemente o farão em Nova York, para ouvir Ferrero dissertar sobre a Constituição de Roma no ano 72 antes de Cristo. São as mesmas que, em Florença, ouviam Boccacio explicar a teologia de Dante, em Versailles se interessavam pelos turbilhões de Descartes, e em Londres fingiam compreender o latim barbaro de Bacon. Apenas os trajes mudaram com as epocas. Podem não entender tudo. Pouco importa. O que ficar é bastante para constituir o fino ambiente em que se evolve a vida espiritual.

Não esqueçam, porém, os *snobs* de todos os tempos, que a sua função é limitada. Intermediarios entre a minoria pensante e a grande massa inerte a que são alheios os apuros da cultura, formam o elemento necessario para que a vida intelectual se possa infiltrar na nação. O seu papel é legitimo, eficaz e decisivo. Não lhes é dado entretanto se transformarem em creadores de civilisação. Não têm o

direito de alterar a lingua, nem de reformar os costumes. A sua propria moral não deixa de ser eivada de alguma suspeição.

Resta-lhes, e não é pouco, a gloriosa missão de legislar sobre os ultimos figurinos, e as recepções mundanas.

LA ROBE ROUGE

Não ha quem não conheça o comovente e tragico episodio desenrolado atravez do profuso e por vezes fastidioso amontoado de tiradas, que poderiam bem fazer denominar a peça «um discurso em quatro atos». O publico, que lê, tem noticia pelos retumbantes clarins da critica parisiense, dos prodigios de arte que levaram Réjane a recalcar a sua graça ondeante, a sua sobria correção, a sua discreta bregeirice para se incarnar no tipo impetuoso e apaixonado da camponeza que, abandonada pela familia, renegada pelo marido, desgraçada pela brutalidade da lei que lhe despedaçou a existencia, acaba apunhalando o juiz que causou a sua infelicidade.

O drama do ultimo ato é a unica coisa verdadeiramente teatral que existe em toda a peça. Tudo o mais não passa de pretexto para que Brieux sustente a tese que pretendeu desenvolver, segundo os seus conhecidos processos em *Les Remplaçantes*, *Les Avariés*, e outras produções de sua lavra. Quem, como eu, pensa que o teatro, como em geral toda manifestação da arte, não é um meio de convencer, não póde deixar de concluir que, si não fosse o empolgante interesse das rapidas cenas do ultimo ato, entre Yanetta e seu marido, e entre ela e o juiz Mouzon, a *Robe*

Rouge faria bocejarem as senhoras, e conchilarem os homens estranhos á vida do fôro.

Para o mundo forense, porém, a peça de Brieux é de um interesse inestimavel, pois permite apreciar de perto a fisionomia dos juizes francezes, muito melhor do que em qualquer livro de processo ou organisação judiciaria. Que profunda verdade e rigorosa observação ha em todos aqueles tipos! Que vida tem cada uma daquelas figuras de juizes, que vemos pisarem o palco, como si realmente pisassem o soalho de outros edificios que nos são mais familiares!

O procurador Valgret lamenta amargamente não ter um parente deputado que o ajude a subir. O joven substituto Ardeuil, recensaido da Escola de Direito, cheio de sonhos generosos, imagina «mitigar a justiça com a bondade», mas é tratado de imbecil pelos colegas, e se arrisca a sofrer uma punição. O velho La Bouzule, aposentado pela compulsoria em um cargo inferior, cheio de amargo cepticismo pelas coisas da justiça, estende a mão ao escrivão, «porque depois que deixou de ser magistrado, a sua dignidade não exige mais que seja incivil para com os subalternos», e diz que «a justiça em França é gratuita, mas os meios de chegar a ela não o são». Aquele magnifico presidente do juri, sempre preocupado com as nulidades no processo, ao ponto de não tirar os olhos do formulario, com o terror de esquecer alguma formalidade, pensa ao mesmo tempo em se livrar bem cedo da massada para não perder o trem,

que o devia levar a uma caçada. Mouzon, juiz moço, inteligente, hipocrita e ambicioso, altivo com os pobres diabos, servil com os superiores, faz da justiça, ao serviço de seus interesses, um meio para abrir caminho no mundo. O procurador geral, magistrado cheio de austeridade, não hesita, entretanto, para ser agradavel ao deputado que lhe promete o acesso, em sacrificar o digno Valgret em proveito de Mouzon, que ele sabia envolvido em processo escandaloso. O deputado governista Mondoubleau aconselha ao procurador geral que abafe o processo de Mouzon «para não dar a certa imprensa uma ocasião, que ela não perderia, de solapar a magistratura, uma das bases da sociedade». E toda esta gente, «possuida da febre da promoção» gravita em torno dos superiores, dos deputados, dos ministros, dos politicos, dos jornalistas, fazendo as mais escandalosas concessões, transigindo com a justiça, com os olhos fitos em Paris de onde virão as nomeações «no proximo movimento».

Este mal, porém, não se estende sómente á magistratura. Si o velho La Bouzule, para quem «o sufragio universal é o deus e o tirano dos magistrados», tivesse lido autores mais modernos do que Tocqueville, saberia que é hoje corrente em França atribuir a corrução da justiça, do parlamento, da administração, do magisterio, do exercito, do clero, de todos os corpos constituidos, ao carater eletivo e variavel do Estado moderno que, identificando o governo com o partido no poder, torna a politica, ou, antes, a politicagem, o eixo sobre que gira a pilha-

gem organisada dos dinheiros publicos, na frase de Leroy-Beaulieu.

A magistratura, como um produto do meio, não póde deixar de se resentir de sua influencia. Seria necessario exigir de seus membros uma virtude levada até o heroismo, para que, ao menos na aparencia, eles não façam pouco ou muito... *comme les autres*. A unica solução possivel é organisar a magistratura, livre de qualquer sugestão estranha, tornal-a independente do governo, pagal-a principescamente, fazer emfim como os inglezes. Mas cabe perguntar si a superioridade da magistratura ingleza é exclusivamente filha da organisação judiciaria, ou é o reflexo dos costumes do povo que, apezar de todos os seus defeitos, menos se tem deixado dominar pela lepra que devasta todo o mundo civilisado.

No que concerne ao processo criminal francez, haveria o que criticar na peça. Em alguns pontos, leis posteriores tornaram anacronico o libelo que o autor apresenta contra o regimen inquisitorial da formação da culpa. O dano causado á pobre Yanetta deve ser levado mais á conta da ignorancia e desatino do presidente do juri do que á imperfeição da lei, pois, no interrogatorio dela, no plenario, não havia necessidade absoluta de lhe falar na condenação que sofrera, dez annos antes de seu casamento, por cumplicidade de furto com o amante, circumstancia esta que, sabida pelo marido, sómente naquela ocasião, determinou a catastrofe final.

Entre nós seria muito dificil dar-se o caso da

Robe Rouge, pois, de ha muitos anos, o nosso processo criminal é muito mais liberal do que o sistema estreito e violento da instrução penal franceza. Si de alguma coisa nos podemos queixar é precisamente do contrario, já que o excesso de liberalismo nos tem levado quasi á impunidade dos crimes. E quanto ao juri, aqui como em França, muitas vezes se póde dizer, com o procurador Valgret, que se transforma em «um torneio de oradores, um concurso de comediantes».

Não é reformando a magistratura, ou decretando leis, que se podem extirpar vicios organicos que minam toda a sociedade. A lei regula a generalidade dos fatos e não póde particularisar. Si, muitas vezes, fracos ou fortes colhidos nas suas engrenagens são inexoravelmente triturados pela impassivel, fatalidade de seus maquinismos, a culpa quasi nunca é dela, e muitas vezes não é exclusivamente de quem a aplica.

Emquanto não sei que futuras revoluções sociais não fizerem surgir epocas melhores para a humanidade, dando uma nova organisação ás sociedades atuais, ha de dominar a hipocrisia das convenções, o regimen do arbitrio, a corrução generalisada. A febre do engrandecimento domina todas as classes, e toda a vida moderna se reduz a uma aspera luta em que a honra, a dignidade e o altruismo são abandonados, como pesados fardos que impedem os ambiciosos de correr para atingir a desejada meta.

Esta meta, seja para o negociante a posse dos

milhões, para o militar os bordados de general, para o homem de letras os contratos rendosos de edição, para o politico o poder com todas as suas seducções, representa em cada classe social o mesmo fenomeno de miragem pelo qual o magistrado francez nunca perde de vista o feliz momento em que, depois de promovido, vestirá enfim a suspirada *robe rouge*.

A PROPOSITO DO TEATRO ANTOINE

No periodo verdadeiramente angustioso que atravessa a nossa civilisação, si por um lado já perdemos de todo a fé nos prestigiosos principios que, acumulados pelos longos esforços das gerações precedentes, constituiam os alicerces sobre que assentava toda a organisação social, por outro lado nada vemos de definitivo que oriente o espirito em busca das bases sobre que se construirão as sociedades de amanhã. Renegamos o passado que nos trazia o consolo e o socego do espirito, e ignoramos o futuro que nos trará o sonhado ideal.

Esta constante preocupação do espirito moderno não póde deixar de imprimir uma feição muito acentuada em qualquer manifestação da atividade humana, e a arte, sendo a expressão mais elevada do que ha de mais *pessoal* na personalidade humana, resente-se inevitavelmente do estado de espirito do seu tempo.

Pela sua posição especial na sociedade, por falar simultaneamente a todos os sentidos, é a arte teatral a que mais está no caso de corresponder aos momentos que atravessa a vida da humanidade.

É assim que, em todos os tempos, foi o teatro o

mais fiel espelho da intelectualidade das sociedades e das preocupações que as dominavam.

O teatro grego representou com Eschyllo, Sophocles e Euripedes o majestoso desenrolar da cosmogonia com que no espirito helenico se identificavam as origens nacionaes com a evolução das grandes forças da natureza, ou despertou com Aristophanes e Menandro o sentimento nacional e a formação das idéas politicas. O teatro latino insuflou na rudeza dos espectadores da velha Roma o culto refinado do gosto atico. Os ingenuos Misterios da arte cristã procuravam traduzir na cena todo o fervor da fé que então surgia. O genio imortal de Shakespeare elevou até a epopea o referver das paixões, e poz em relevo, até então desconhecido, as forças misteriosas que agitam a alma humana. A tragedia classica volveu aos velhos ideais helenicos para revestil-os com a roupagem moderna. O romantismo despertou as tradições nacionais e glorificou até o delirio o amor, o patriotismo, a liberdade, todos os sentimentos, emfim, que estavam sepultados sob os moldes convencionais do teatro classico. O naturalismo demonstrou o que havia de falso no sentimentalismo morbido do teatro romantico e pretendeu fazer projetar sobre a ribalta as luzes da ciencia experimental. Todas estas manifestações do teatro corresponderam, dia por dia, a momentos precisos do pensamento humano.

A convulsiva anarquia da época presente torna, porém, mais dificil a verdadeira feição do teatro, pois

é arriscado responder qual é o pensamento moderno. A religião, a patria, a familia, o amor, todas as creações da humanidade e todos os grandes sentimentos e paixões que têm sido glorificados no teatro, ou vão desaparecendo, ou começam a ser postos em duvida.

Os clarins com que o romantismo acordou o sentimento patriotico, e no teatro ajudaram a formação das nacionalidades modernas da Europa, ou emudeceram de todo, ou quando resurgem como ha pouco com o *Cyrano* de Rostand, só fazem vibrar ecos saudosos de épocas em que a humanidade se julgava mais feliz.

As grandes paixões humanas já deram na cena tudo o que podiam produzir. De Aristophanes a Molière, de Eschyllo a Shakespeare, de Corneille a Emile Augier, de Lope de Vega a Dumas Filho, que ha para dizer, que não tenha sido magistralmente descrito por tantos mestres da cena ?

O genero de intriga, o chamado drama de enredo, que se desenrola atravéz de todas as peripecias para no ultimo ato chegar á solução que agrada á moral burgueza, não satisfaz mais á alma angustiada do publico moderno. Depois de Scribe, até o genero mediocre já está explorado.

Os dramaturgos que, sem sair dos velhos moldes, ainda conseguem animar o espectador, ou revolvem o passado para buscar na lenda e na historia assuntos que pôssam ter o frescor do inedito, ou fazem do drama o quadro em que, pelos processos de uma

logica toda artificial, se produz quasi sempre por absurdo, a demonstração de uma tese.

O drama historico não póde, porém, corresponder ás necessidades de uma época, senão quando nela ha situações identicas ás da época evocada, o que explica por exemplo o enorme sucesso do *Hernani* de Victor Hugo. A tendencia do nosso tempo não é, porém, volver os olhos para o passado.

Quanto á lenda, sem embargo do inestimavel valor do sobrenatural para fazer vibrar os misteriosos e ainda desconhecidos cantos da alma humana, só póde acordar na geração hodierna sentimentos duraveis, quando tem fundas raizes nas tradições nacionais, ou quando tem a seu serviço o sugestivo prestigio da musica, como no teatro de Wagner. É tão dificil falar de fiçöes a uma geração avida de fatos demonstrados!

Resta o drama de tese, que constituiu uma das feições de certa parte do teatro de Dumas Filho, e que hoje na cena franceza occupa a energica atividade de Brieux. Apezar das suas sedutoras aparencias, esta fórma de teatro é falsa e insubsistente, como toda manifestação de arte que introduz na produção artistica outras preocupações além das de provocar o goso estetico. Procurar a modificação dos costumes, a reforma de leis ou a formação de opiniões, por meio do teatro, é desvirtuar inteiramente a arte, e mais que tudo... trabalhar em pura perda.

Entretanto, é inegavel que a cena não póde deixar de refletir a media das opiniões dominantes, e

de acompanhar o estado dos espiritos, quer no campo das idéas, quer no dos sentimentos. Esta afinação entre o que se faz na cena e a alma do espectador explica perfeitamente «a beleza destes minutos em que passa alguma coisa que póde fazer, de uma tela pintada um céo, e de um homem arrebicado um deus» segundo a frase de Rostand, no seu discurso de recepção na Academia Franceza.

Mais do que qualquer outra coisa, o que os nossos contemporaneos procuram, é conhecer os males sociais e descobrir os remedios, é pesquisar em todas as camadas onde jaz o sofrimento, e fazer penetrar no fundo tenebroso das miserias humanas uma luminosa restea de conforto. A humanidade sente-se mal, e, tendo perdido as ilusões que lhe trazia um meigo passado, forceja angustiada por um remedio que lhe faça estancar a fonte do sofrimento. Nada, porém, ha de assentado sobre tal solução, e é esta a causa da profunda divergencia das varias crenças e opiniões, que, todas, entretanto, revestem este carater de preocupação social.

Eis porque o teatro que mais agrada, pois corresponde ao atual momento da nossa vida, é o que obedece a esta preocupação, seja qual fôr a fórma que adotar, ou as teorias de que se fizer porta voz. É inutil procurar formulas definitivas na arte teatral, porque elas ainda não existem no mundo das idéas. O que se quer é que a cena nos dê a imagem exata dos sentimentos e dos pensamentos que nos angustiam o espirito, seja qual fôr a solução que,

atravez das deixas dos artistas, nos procure oferecer o autor.

A parte o simbolismo de Maeterlink ou d'Annunzio, que só um limitado numero de refinados estetas póde apreciar, o que comove e convulsiona o grande publico, é o drama em que se discutam os problemas sociais que tanto empolgam o pensamento. É o vigoroso ataque aos principios sobre que está organisada a hipocrisia das sociedades modernas, que nos oferece a *Resurreição* de Tolstoï. E' a analise brutal e violenta, mas profundamente verdadeira de toda a obra de Zola. E' o estudo profundo e sentido da alma humana que deixaram os Goncourt. São as teses altivamente ousadas do Bjorson e Ibsen. Ê a critica desapiedada das mentiras convencionais em que repousa a vida de hoje, segundo mostram Hauptmann e Sudermann. E' a apreciação larga, elevada e exata dos fatos sociais que nos dá o teatro de Paul Hervieu, são os proprios paradoxos de Maurice Donnay, Becque ou Porto Riche.

Neste largo ponto de vista, superior ao exclusivismo das escolas e ao estreito pedantismo dos moldes academicos, foi que se colocou o teatro Antoine, chamando a si todas as bôas vontades, todas as aptidões, e permitindo que ao ar livre, e fóra da atmosfera morbida das estufas, desabrochassem as vocações dos novos mestres, dos quais uns são destinados ao esquecimento, e outros acabaram ou acabarão por ocupar brilhante posição no mundo das letras.

Si não existe uma escola Antoine, si não ha uma

linha divisoria entre o que se representa no palco do Boulevard de Strasburgo e o que se leva á cena nos demais teatros de Paris, resta ao inteligente artista a gloria de ter iniciado a mais fecunda e salutar revolução na cena moderna, permitindo que ela tomasse a feição de que inevitavelmente se resente a nossa época.

DISCURSO DE RECEPÇÃO NA ACADEMIA BRAZILEIRA

Si, por exagerada presunção, eu me acreditasse chamado ao vosso gremio, unicamente porque houvesseis querido galardoar a minha individualidade, mais facil, bem mais facil, seria a minha tarefa neste momento.

Abrigada a minha insuficiencia sob a vossa poderosa autoridade, eu acharia palavras de gratidão pela generosidade com que me concedestes a honra de ser dos vossos. Relembrando o querido amigo, a quem me cabe a fortuna de suceder, eu poderia recordar com facilidade os tempos, já distantes, em que ambos puniamos pelos mesmos ideais, para os quais olho hoje como para a evocação de um belo sonho desfeito. E em poucas palavras teria feito o meu discurso, que, si não tivesse o realce da eloquencia, teria o merito de comovida sinceridade.

Não me iludo, porém, sobre os motivos determinantes dos vossos votos. Não foi por simples considerações de ordem pessoal que me honrastes com a sucessão de Martins Junior. Quizestes que fosse aqui representada a geração intelectual a que ele tanto brilho soube dar, e, em mim, procurastes o mais obscuro representante daquela «Escola do Recife»

que marcou uma época no movimento literario nacional. Foi por isso que me fizestes suceder ao malogrado poeta a quem haveis dado uma cadeira, da qual, inesperadamente, a morte o privou de tomar posse. Eis o que torna mais grave, muito mais grave, a minha responsabilidade.

A cadeira em que hoje vou ter a honra de me sentar representa trez gerações, nitidamente distintas. Francisco Octaviano, cuja memoria quizestes perpetuar ; Taunay, um dos iniciadores da vossa ilustre companhia ; e Martins Junior, cuja vaga venho preencher ; correspondem a trez estados de alma, sucessivamente atravessados pela mentalidade brazileira.

Octaviano foi dos que vieram á tona com a Maioridade, depois dos agitados tempos da Regencia, quando a patria brazileira, cansada das lutas fratricidas que ameaçaram submergir a unidade do Imperio, sedenta de paz e de progresso, via emfim reunidas em torno de uma criança todas as esperanças da nacionalidade que se começava a afirmar. A geração de Octaviano creceu com D. Pedro II, com ele se iniciou nos negocios publicos, com ele sofreu para viver, pois, na sua conhecida frase,

> «Quem passou pela vida e não sofreu.
> Só passou pela vida e não viveu»,

e atravessou largos decenios de paz interna, sempre animada pelo forte influxo romantico que

fez a Maioridade, e foi a alma de todos os movimentos do segundo reinado.

Espirito finamente atico, poeta de delicado sentimento, orador correto e moderado, jornalista brilhante, encarnou bem o espirito do seu tempo, e encerrou o glorioso ciclo de sua existencia, quasi nas vesperas do grande movimento que veiu tranformar completamente a face das coisas em o nosso paiz.

Taunay, cujo nome, pronunciado nesta casa, faz correr um saudoso fremito de vivas e caras reminicencias, representa a geração que surgiu com a gloriosa aventura do Paraguay. Detestavel como todas as guerras, seja qual fôr o motivo, e sob o prisma com que os historiadores modernos consideram os acontecimentos, póde hoje a guerra do Paraguay ser julgada com severidade, e tem sido objeto das mais desencontradas opiniões. Naquele tempo, porém, foi um poderoso momento da vida nacional, e fez vibrarem com unisona energia todas as forças do nosso organismo. Taunay formou nas fileiras do exercito brazileiro, entrou em varios combates, viveu a vida intensa da campanha, e acompanhou a heroica retirada da Laguna, que se veiu juntar ás duas outras grandes retiradas de que, até então, falava a historia. Bem mais duradouras que as glorias com que o joven oficial tornou da guerra, foram as obtidas pelo livro com que imortalisou o notavel feito, e desde logo lhe conquistaram o titulo de escritor.

Estava iniciado no Brazil um vasto movimento, que nunca mais devia parar, em pról do progresso,

em demanda dos ideais da liberdade. Ainda tremulava em Assumpção a nossa bandeira, quando o Conde d'Eu, a quem Taunay serviu de ajudante de ordens, dirigiu ao Governo Provisorio do Paraguay uma carta em que nobremente pedia, como premio da vitoria, a abolição da escravidão na republica vencida. Este fato significativo mostra o estado dos espiritos e a corrente impetuosa da idéa abolicionista, que atravez de mil revezes e vitorias, sómente dezoito anos depois veiu a triunfar definitivamente.

Quais os espisodios da gloriosa luta do abolicionismo, não é ocasião de rememorar. Basta lembrar que, entre os seus proceres, coube a Taunay um logar dos mais salientes. Assim, teve a rara gloria de, pessoalmente, figurar nos dois mais importantes fatos da geração a que pertenceu. Militar, combateu na guerra do Paraguay. Publicista, fez a propaganda da abolição e das reformas liberaes que a completavam. Parlamentar, votou a lei 13 de Maio.

Quando a revolução de 15 de Novembro veiu derrubar o velho edificio da Monarquia, o Visconde de Taunay recolheu-se a um digno e discreto silencio. Até os seus ultimos dias guardou fidelidade absoluta á familia imperial, a quem o prendiam carissimos laços de amizade. Aceitando, porém, o fato consumado, nunca pensou em perturbar a vida nacional com agitações revolucionarias.

O seu derradeiro periodo, passou-o na convivencia dos artistas e homens de letras, na intimidade carinhosa dos escritores da *Revista Brazileira*, nu-

cleo de onde mais tarde naceu esta Academia, que tanto amou, e em cujo seio acabou serenamente a sua fecunda vida, dedicando ao salutar comercio das letras os ultimos lampejos da sua bela inteligencia.

Quando a geração de Taunay havia muito que figurava entre as classes diretoras do paiz, surgiu para a vida publica a nova camada, a que pertencemos Martins Junior e eu. Vimos a luz do dia ao som das fanfarras da vitoria. A nossa infancia se desenvolveu ouvindo as narrativas frescas dos episodios da campanha. Os poetas, cujas estrofes inflamadas começavamos a repetir, deformando-as com a prosodia infantil, eram os que celebravam as glorias guerreiras. E estes poetas, decendentes em linha direta do romantismo europeu, vestiam com as côres nacionais os versos de Hugo, Lamartine, Musset e Byron.

O romantismo de 1830, a palavrosa ideologia dos doutrinarios, a brilhante filosofia do tempo em que Cousin pedia a adesão da mocidade «em favor das suas belas doutrinas», constituiam o ambiente intelectual onde amadureceu a idade viril dos nossos pais, e onde começaram a respirar os espiritos que então desabrolhavam. Tudo no Brazil traduzia a distensão nervosa que se segue a uma grande luta. Tudo apercebia a atividade para o trabalho da reorganisação nacional.

Quando chegamos á adolecencia, chegavam tambem da Europa, ou melhor, da França, as noticias da grande revolução intelectual que agitou o seculo XIX. Uma critica implacavel havia demolido as

belas doutrinas que fizeram o encanto dos nossos pais, uma concepção severa da sociedade havia atirado para o segundo plano os ideais da politica romantica, um frio espirito de observação e analise havia gelado as incandecentes estrofes com que os poetas sentimentais nos enlevaram a infancia.

Com o vigoroso impulso adquirido pelos restos do romantismo ainda latentes no fundo da nossa alma, abraçámos rapidamente os novos ideais, e, ardentes, fervorosos, entusiastas, nos atirámos á sua propaganda. Nós nos julgavamos então capazes de revolucionar a nação, e não havia escola superior que se não considerasse um viveiro de jovens aguias, á espera de subir aos alcantis.

O nosso estado de alma foi bem definido nos seguintes versos que Martins Junior põe na boca da Musa, falando ao poeta :

......Essa missão é tua :
Tua e dos teus irmãos, mancebo ! Arvora núa
A tu'alma no mastro azul da Poesia ;
Deixa que ela flutue aos ventos da harmonia,
Veste a cota do Bem, o aço do Valor,
O bronze da Vontade, e põe com todo o ardor
O teu braço ao serviço atletico da causa...

A abolição da escravidão era o objetivo imediato de nósso espirito de combate. A Republica era o remoto ideal em que anteviamos desenhado o futuro da patria, numa cintilação radiante de paz e

de amor, que inundava de luz todo o horizonte e enchia de fé os nossos ingenuos corações de moços. No fecho do poema em que Martins Junior descreveu as suas «Visões», ele divisava nas brumas do futuro:

> A Politica, a Ciencia, a Religião, a Arte
> Entoando um *Te-Deum* á eterna Humanidade,
> *Te-Deum* feito de Fé, de Amor e de Verdade.

Está hoje muito em moda chasquear da chamada «Escola do Recife», e diminuir aos olhos da moderna geração a figura imponente de Tobias Barreto, o mestre que nos soube incutir o candente entusiasmo pelas doutrinas que então eram novas. É preciso, porém, ter ouvido a palavra inspirada do grande mestre, para compreender a ardentia do nosso proselitismo, e o facinante prestigio que teve sobre nós aquele poderoso espirito. Inteligencia superior e culta, alma exuberante e comunicativa, ardente temperamento de lutador, tinha Tobias Barreto inestimaveis qualidades de propagandista.

Quando se nos apresentou á frente, reunindo todas as audacias, congregando todas as revoltas, seguimos eletrisados os seus passos, cheios de viril confiança nas conquistas do livre pensamento. Os écos da velha Faculdade de Direito, acostumados, durante mais de trinta anos, ás solenes preleções da ciencia consagrada pelo espiritualismo catolico ao serviço da constituição do Imperio, repetiam, pasmados, pela primeira vez a extranha linguagem do novo

iconoclasta. O ousado mestre fazia bater de chapa naquelles redutos, até então impenetraveis, a luz deslumbrante do sol que nacia. A golpes de talento e de audacia, impunha o respeito pelas novas doutrinas a uma congregação composta, em sua maioria, de velhos aferrados ao passado. O germanismo do mestre nos emancipava do tributo ao exclusivismo da literatura franceza, os novos metodos invadiam o dominio de todo o campo intelectual, um constante estimulo de luta nos revigorava o carater e nos aparelhava para o assalto ás posições ocupadas pela doutrina oficial. Era o reviver do *Sturm und Drang* do tempo de Schiller, já que estamos no capitulo do germanismo.

Eis a razão do entusiasmo que ainda nos enche o peito, quando volvemos a vista para aquela época de vinte anos atrás. O sulco deixado pelo mestre foi largo e fundo, e, ainda hoje, espalhados por este vasto paiz, existem os que conservam a recordação daqueles dias intensamente vividos, como a suprema consolação para os desfalecimentos e desilusões dos tempos presentes.

Foi Martins Junior o Tyrteu dessa campanha, o poeta que nos cantava os hinos de combate, o porta-bandeira da nossa falange.

Apezar, de mais tarde, ele dizer á Musa.

Em pequeno eu já via a tua branca imagem
Na onda, no vergel, na estrela, na paisagem,
Nas efusões do amor, nos risos, nos folgares,

não sei qual o genero do seu versejar, em tão tenra idade. A julgar, porém, pelas *cordilheiras*, *simuns* e *briareus* dos seus versos mais antigos em data, presumo que houvesse pago o seu tributo ao espirito *condoreiro*. As metaforas arrojadas, a imitação quasi inconciente das imagens e até dos dizeres de Castro Alves, a propria fórma metrica das decimas, assim o testemunham.

Veiu depois a influencia de Baudelaire e de Guerra Junqueiro. As blasfemias atrevidas, os remoques ao sentimentalismo e á musa antiga, as comparações excentricas, os anatemas :

A imagem secular do velho Deus do mal,

bem mostram a transição do seu poetar. Os antigos versos de sete silabas cederam o logar aos clangorosos alexandrinos, provocadoramente alinhados em ordem de batalha. As poesias tinham por epigrafes versos tirados das «Flores do Mal» e da «Morte de D. João». Para dar a medida do seu cansaço em certa ocasião, diz de uma feita o poeta :

Nem penso em Baudelaire,nem abro o meu Junqueiro.

Finalmente, evolveu para a chamada poesia cientifica, pela qual se bateu sem cessar daí em diante. Entendia que a arte se devia transformar em veículo de propaganda, refletir a orientação das sinteses cientificas, ou, na sua propria frase, «sentir o influxo da concepção filosofica do universo, enuncian-

do as verdades gerais que decorrem, para a vida social, dessa concepção». É verdade que condenava a poesia didatica e permitia que a arte «revestisse sempre os seus ideais com as roupagens iriadas das faculdades imaginativas». Mas, decretada a sentença de morte do lirismo, proscrito da arte o elemento subjetivo, estabelecido o regimen de filosofar em verso, que restava á poesia sinão o papel secundario de afinar o seu modesto alaúde pelo tom vibrante dos clarins da ciencia moderna ?

A pobre Musa não teve remedio sinão renunciar a todo o seu passado de sonhos, esquecer a nostalgia divina do azul que constitue a essencia de sua alma, para ouvir a seca voz de commando com que em um dos seus versos lhe bradava o poeta :

> ......Musa ! o olhar viril
> Vamos, imerge agora ali, na filosofia.

E a Musa obedeceu. Torturada em retumbantes alexandrinos, acorrentada ao carro triunfante de Augusto Comte, acompanhou o poeta em uns delirantes sonhos, nos quais a ciencia, a politica e a arte se juntavam para proclamar a excelencia do positivismo e as vantagens da republica futura. De quando em quando, vêm-lhe uns assomos de rebeldia, uns saudosos laivos do tão condenado lirismo, e ela divaga na contemplação dos esplendores da natureza, ou se depara ao poeta sob fórmas de faceirice feminina, destoantes da austeridade das suas novas fun-

ções. Presto, um olhar energico do poeta a chama á realidade das coisas, e eil-a, domada, submissa, a rimar, em esdruxulo, filas inteiras de nomes estrangeiros, de sabios e filosofos.

Foi na terceira fase da sua poetica que se estreitaram as nossas relações. Solidario, desde então, com os seus entusiasmos juvenis, que depois se converteram em crueis decepções, nunca me pude, porém, conformar com a sua teoria artistica. Foi isso sempre um constante motivo de discussões entre nós. Em um dos seus volumes existem uns versos dedicados a mim, em que ele se excusa de escrever poesia cientifica, porque iria fazer mal a minha :

......estremecida
Namorada gentil — a Poesia Velha.

É que nunca me convenci de que houvesse uma poesia velha, pois, para mim, sejam quais forem as fórmas transitorias que revistam as escolas, só ha uma poesia, e esta será eternamente nova, como nova é a arte, e nova qualquer manifestação do sentimento estetico.

A ciencia quer a analise, basea-se nos dados obtidos pela observação, tem por horizonte o campo limitado da experimentação e da critica. Não transcende dos estreitos lindes do mundo conhecido, e tudo o que fornece ao homem sequioso de saber toma fatalmente a fórma vasada nas categorias do conhecimento. Tudo nela é relativo e contingente, quando,

armada de microscopios e retortas, vem lembrar á triste humanidade as azas de chumbo que a impedem de se alar á etereas regiões do desconhecido.

Só a divina arte libertadora é que póde fornecer á humanidade o meio de fugir deste sombrio pessimismo, seguindo o caminho exatamente contrario ao do metodo cientifico, permitindo ao espirito *inventar* as soluções que a ciencia não póde *demonstrar*. Superior ao testemunho dos sentidos, livre das peias da observação, fôrra ao constrangimento da analise, póde a arte operar a completa *manumissão do espirito*, na luminosa frase de Schopenhauer, cuja teoria estetica é uma das mais belas produções da cultura humana.

Os laboratorios demonstram por A+B que a humanidade se deve contentar com o que lhe fornecem as experiencias cientificas, e uma legião de sabios, municiada com instrumentos de precisão, vai expelindo da terra as suaves consolações de que a fé havia povoado a vida. O homem moderno,acabrunhado pelas demonstrações cientificas, que friamente lhe despedaçaram as mais consoladoras ilusões, queda-se um instante a cismar sobre o paraiso perdido de suas crenças. Então, como aquele monge de que fala Manoel Bernardes, ouve o canto do passaro exul da poesia «de uma modulação tão varia, tão seguida, tão suave, tão saudosa», que o faz esquecer de tudo, até o momento em que «explicando os breves ramos de suas ligeiras pennas, vai cortando esse golfo dos ares e desaparece», deixando se dobarem os seculos

sobre a eterna ilusão que, superior ao tempo e ao espaço, funde em um unico sonho o passado e o futuro, e realisa a completa despersonalisação do homem no seio fecundo da arte.

Homens do seculo positivo, filhos da época em que tudo se pretende reduzir a função algebrica, desde a trajetoria dos corpos celestes no espaço até ás vibrações das celulas nervosas nos sinuosos meandros das circumvoluções cerebraes, nós, mais que quaisquer outros, precisamos da suave consolação da poesia. Necessitamos das doces mentiras com que nos supomos, um momento, subtraídos á hediondez da nossa miseria. Estas mentiras, admiravelmente traçadas pelos grandes genios de que se orgulha a humanidade, constituem a corrente de simpatica solidariedade que desde os tempos mais remotos tem prendido os povos, nesta vasta evolução que arrastou o passado, envolve o presente, e arrastará o futuro.

A ciencia não promete consolar ninguem, nem pretende satisfazer ao impulso que lança o homem no atraente vortice do desconhecido. O seu papel é muito diferente. Ela abre os olhos á humanidade, dá-lhe o meio de conhecer o pouco que as sensações lhe trazem do mundo externo, permite que as sociedades futuras se estabeleçam em melhores condições de conforto e de progresso. Mas não pára aí a missão do espirito humano, cada vez mais insaciavel na sua eterna aspiração para o ideal.

Então vem a arte efetuar a renuncia completa de tudo, absorver o individuo no seio do grande In-

conciente que o cerca, interpretando sublimemente o lado tragico da natureza, que escapa aos acurados elementos da observação cientifica. Tudo na natureza, neste grande Todo divinisado de que nós proprios somos manifestações, provoca o nobre sentimento do belo, quando revelado ao homem por intermedio da arte. E a natureza é a paisagem, é o amor, é a belleza humana, é o brilho da mocidade, é a vasta gama dos sentimentos que ruge no mar tumultuoso do coração humano. Neste largo circulo de impressões evolve-se o espirito do poeta, indo buscar, em tudo o que se lhe depara, a comoção estetica, sempre nova nos mais velhos sujeitos, sempre livre nos mais ferrenhos moldes onde a queiram constrangir as efemeras escolas literarias. Admiremos o divino cismar dos poetas, mas não no perturbemos com formulas preconcebidas, nem queiramos submeter a dosagem cientifica o pedaço de azul de que precisa a alma humana para fugir á esmagadora melancolia da vida.

Si, na sua inspiração, acontece á poesia encontrar um caminho já trilhado pela ciencia, nada impede que o siga, e procure despertar no coração humano a centelha do sentimento artistico. Mas que o faça simples e serenamente, sem a fórma rebarbativa da dissertação, pois, perdida a sua adoravel ingenuidade, nada mais oferece capaz de comover.

Ha espiritos literarios a quem sómente interessam as manifestações do belo existentes na natureza, e, ao contacto das trivialidades da vida, perseguem,

privilegiados, um ideal inacessivel ao vulgo. Ha outros a quem sómente preocupam as manifestações dos fenomenos e suas leis, e ao aspirarem o perfume de uma bela flôr, pensam nas palavras de baixa latinidade que designam o seu genero e a sua especie na classificação de Linneu.

Ha, porém, poetas que dominam o movimento cientifico da sua época, e, cantando a natureza, não na podem deixar de considerar sob a feição de suas convicções filosoficas.

Ha ainda homens de ciencia, fortemente saturados de espirito literario, que não desdenham de praticar com as musas, sem destoar da gravidade exigida nos apostolos da ciencia experimental. Destes ultimos foi um poderoso exemplo Francisco de Castro, o primoroso espirito a quem confiastes esta cadeira, e que não chegou a ser acolhido em vosso seio, como, por uma fatal coincidencia, aconteceu depois a Martins Junior, eleito para substituil-o.

Professor brilhante, medico afamado, escritor cientifico de subido valor, era, a um tempo, versado humanista e orador eloquente. O seu primeiro livro, um volume de poesias, mereceu um prefacio do glorioso poeta que nos dirige os trabalhos, este belo espirito que honra a nossa corporação, a nossa cultura, a nossa nação, a nossa época, a nossa lingua.

Não precisava Francisco de Castro fazer poesia cientifica, e muito menos apregoar que o fazia. Não podendo separar da sua qualidade de cientista a de

poeta, deixava transparecer, nos seus trabalhos cientificos, toda a poesia que lhe ia n'alma, e, nas suas produções literarias, toda a sua consideravel erudição.

Mas os individuos são as mais solidas demonstrações por absurdo da fragilidade dos sistemas que defendem. Martins Junior não podia escapar á regra geral, e em todos os seus livros de versos (esparsos em pequenas brochuras que devemos reunir em edição definitiva), ao lado das retumbantes apoteoses á ciencia, lêm-se poesias repassadas do mais puro lirismo, onde melhor que nas outras brilha a espontaneidade do seu éstro.

Nesses versos, penetrados do mais limpido sentimento, cantou os seus amores, as suas ambições, a embriaguez dos seus triunfos literarios, as tristezas de sua viuvez. Só muito tempo depois, veiu a publicar estas paginas intimas, como para lhes evitar o contagio dos seus enfaticos poemas cientificos. Nelas é que se revela o poeta, quando diz com desprendimento :

> Si azas inda possues, alma, podes abril-as,
> Pela azulea amplidão dos sonhos encantados,
> Podes sorver a luz que reverdece os prados,
> Podes mirar dos céus as rutilas pupilas.

A estes versos intimos, não ás solenes dissertações da Musa cientifica, era que se referia o poeta quando, no prefacio de um dos seus livros, dizia :

... Quando os cabelos brancos
Me vierem cercar com um resplendor de lua
A cabeça senil, infecunda, já núa
De idéas, de ilusões, de crenças, de esperanças,
Talvez que apenas seja em vós, doidas crianças,
Que eu encontre um regaço, um ninho imaculado
Onde vá repousar o coração chagado.

Pobre poeta! Não viu chegarem os cabellos brancos! Não conheceu o sereno repouso de uma larga e honesta velhice. Foi fulminado em plena pujança da vida, aos quarenta e dous annos, mas com o coração chagado, e a alma atravessada pelas mais crueis desilusões.

Foi um espirito puro e altivo. Alma de poeta, atravessou a vida, necio da arte sutil dos compromissos, ignorante da solerte ciencia das transações. Eis porque, sendo um dos mais intransigentes propagandistas desta Republica que foi o ideal da sua mocidade, viu-a realisada sem que pudesse occupar nela a posição a que lhe davam direito os seus serviços. Eterno sonhador, vivia a fantasiar teorias, emquanto outros, mais praticos, pleiteavam eleições e obtinham cargos importantes. De sonho em sonho, de decepção em decepção, passou pela politica sem lograr outra cousa além de ser *o utimo poeta da Republica*, como lhe chamou Carlos Porto Carreiro, primoroso poeta pernambucano, da sua geração.

Permiti-me ainda uma recordação pessoal, que me assalta agora o espirito. No periodo da vida, em

que ao despertar da adolecencia, as leituras dos pensadores modernos me começavam a abalar as crenças infantis, encontrei-me uma vez com Martins Junior, em um bilhar, onde o poeta me iniciava nos misterios, sempre para mim insondaveis, da profunda arte das carambolas. Comuniquei-lhe as minhas angustias, desvendei-lhe os meus desfalecimentos, emquanto em marcha acendente creciam no marcador os pontos por ele feitos, em vergonhosa desproporção com os meus, apezar de todas as vantagens de um humilhante partido. Ao passo que assim me infligia uma formidavel derrota, o poeta se animava. Cheio de fé no futuro, pintava o povo regenerado pela ciencia, mostrava a Republica dominando o mundo dentro em poucos anos, e a humanidade, chegada á éra definitiva da paz e do trabalho, em pleno reinado do estado positivo de Augusto Comte.

A sua palavra sonora acompanhada dos passos nervosos que dava pela sala, o seu corpo esguio, deitado sobre a mesa do bilhar para melhor obter os *efeitos*, o seu olhar de miope, aplicado em estudar de perto a posição das bolas, tudo contrastava pitorescamente o tom de grave convicção com que me procurava transmittir a confiança na vitoria dos seus ideais. Ignoro o que então me ficou no espirito das lições do meu malogrado amigo. Não creio ter adquirido profundezas de filosofo. Sei, entretanto, que continuei a ser, até hoje, um pessimo jogador de bilhar. Não me lembra, porém, a figura de Martins Junior, sem revel-o em espirito, decidindo, entre duas

carambolas, os mais altos problemas filosoficos e sociais, cheio da mais absoluta crença no futuro.

Como lhe seriam crueis as desilusões, ao ver ainda hoje reproduzidas as cenas que tanto estigmatisava sob o regimen caído. Como lhe iria fundo o amargor na alma, ao compreender, finalmente, que os defeitos do carater nacional se não removem com teorias nem com fórmas de governo, mas pela modificação lenta dos elementos da educação popular.

Desanimo, profundo desanimo, devia ser a sua impressão ao se sentir impotente para remediar os males de hoje. E a sua historia é a de toda a nossa geração.

Entramos na vida com o entusiasmo de religionarios de uma fé nova, acreditando que o velho mundo que viamos aluir seria presto substituido pelo que sonhavam as nossas ardentias. Chegados, porém, á idade madura, lançamos um olhar saudoso para o passado que destruimos, e ruinas, sómente ruinas, vemos em torno da nossa desolação.

Resignemo-nos, porém. Aos que tiveram a missão historica de destruir não é dado presenciar a construção dos novos edificios que se levantam, aproveitando para alicerces os materiais antigos.

A nossa época fez as mais terriveis e crueis demolições.

Aluiu as majestosas basilicas das crenças religiosas. Fez reboar pelos reconditos desvãos das catedrais a fremente ousadia das suas negações.

Destruiu o velho ideal da humanidade soberba,

cheia de vaidoso orgulho de ser a senhora da creação e o centro da vida universal. Despovoou os espaços das suas legiões mitologicas, para apresentar uma sombria e gelida imensidade, que apavora o espirito ao peso do seu impenetravel misterio.

Derrocou os dogmas consagrados que faziam a felicidade dos povos, e tornavam facil o governo pelo efeito magico das palavras. A tese sedutora da soberania popular, a cuja sonora evocação se alimentaram tantos anos de liberalismo, o poderoso prestigio do capital sobre que estava arquitetada toda a organisação economica, a propria constituição da familia que, de modo tão tocante, prendia ao amor as necessidades naturais da sociedade, tantas coisas que pareciam verdades eternas, são hoje postas em duvida pelos implacaveis missionarios da negação.

E nesta convulsão suprema, onde tudo parece ir naufragando em uma horrivel voragem de cepticismo, que ideal, que principio, apresentamos nós, os demolidores do passado, que possam consolar a atualidade da perda de suas mais caras ilusões? Nada — si olharmos para o presente. Tudo — si lançarmos as vistas para o futuro.

Compete ás novas camadas a dificil missão de regenerar a humanidade sofredora. As nossas mesquinhas dissenções hão de desaparecer, as doutrinas que hoje damos como verdades assentadas hão de figurar como simples recordações historicas. A posteridade, porém, aproveitando dos nossos erros, corrigindo os excessos das nossas impaciencias, dis-

sipando os nossos temores, alcançará a época em que crenças mais consoladoras surgirão sobre os destroços das nossas dolorosas negações.

E porque muitos anos passarão ainda sobre a horrivel anarquia em que nos debatemos, não nos será dado a nós contemplar de perto o advento da nova éra. Preparemos, porém, a geração que ora surge para a decisiva função social que lhe está destinada. Perpetuemos nos filhos o sentimento da solidariedade humana, ensinando-lhes a zelar, como precioso patrimonio, as tradições dos antepassados. Inoculemos-lhes o austero sentimento da justiça, a nitida idéa da patria, os nobres estimulos do carater.

Cumprido este dever supremo, podemos desde já nos consolar, antevendo, nas frontes juvenis dos nossos decendentes, o longinquo despontar da aurora que surgirá no futuro.

DISCURSO PRONUNCIADO NA ACADEMIA BRAZILEIRA, NA INAUGURAÇÃO DOS BUSTOS DE MACHADO DE ASSIS, JOAQUIM NABUCO E LUCIO DE MENDONÇA.

Ha quinze anos, na sessão de abertura da Academia, Machado de Assis, o seu Presidente, e Joaquim Nabuco, o seu Secretario Geral, cargos que conservaram até deixarem para sempre esta Companhia e este mundo, traçaram em nobilissimas palavras a rota que devia seguir a nossa corporação.

Machado de Assis, cuja ironia sorridente mal disfarçava uma alma generosa e meiga, vaticinou dias cheios de vida á instituição que então nacia, a qual buscaria ser com o tempo a guarda da lingua e da literatura nacionais. No crepusculo do seculo XIX e da propria vida, aquele belo espirito encontrou palavras de bondade com que confiou aos moços a missão de levar a instituição até o seculo XX, que já começava a despontar, e deste, atravez do dobar eterno dos anos, até a consagração definitiva dos seculos que hão de nacer.

Joaquim Nabuco, na distinção tão nobre da sua fórma, expôz em paginas admiraveis um como programa da Academia, onde demonstrou a sua utilidade, explicou a sua razão de ser, e previamente res-

pondeu, com a superioridade de vistas que sabia ter, a todas as objeções que a malignidade tem depois acumulado contra ela.

Na sua memoravel oração, dizia Nabuco: «...É quando a vida pára, que se tem a plenitude de viver. Ao contrario de tudo o mais, a vida intelectual não é o movimento; é a parada do espirito, a absorção, a dilatação em um só gôso, em uma só compreensão: *Quieta non movere*».

Já passou para a Academia a época das lutas iniciais. Agora tem firmada a sua individualidade. É indiscutivel a sua influencia. O ardor com que as mais notaveis personalidades procuram fazer parte dela, a violencia mesma dos ataques que lhe são dirigidos, provam suficientemente ser ela uma força nacional.

Na vida impessoal das corporações não existem, como na vida humana, estadios obrigatorios marcando as diferenças profundas das sete idades do homem, como queria Shakespeare... Não sei si a Academia se póde ainda dizer joven, nem tão pouco se já se póde considerar velha. Quando se trata de coisas do espirito, desaparece a noção do tempo. Que são quinze anos para a eternidade da consagração postera? Que são quinze minutos para a vertigem da produção intelectual? Como quer que seja, a Academia já chegou á idade da parada do espirito a que se referia Nabuco. Já se póde sentar á beira do caminho e alongar o olhar pelo passado. Nesta hora

de recolhimento, pensando na sua creação, não póde esquecer os seus creadores. Eis porque entendeu chegado o momento de, antes de continuar a jornada, deixar aqui plantada, como marco miliario, a sua homenagem aos trez altos espiritos a quem deve a sua existencia : — Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Lucio de Mendonça.

Foi Lucio de Mendonça quem teve a primeira lembrança da nossa instituição. A idéa naceu nas reuniões da «Revista Brazileira», nucleo intelectual fundado pelo alto espirito de José Verissimo, e que tão decisivo papel devia desempenhar na evolução da cultura nacional. Foi logo depois de sinistros momentos para a vida brazileira. A nação, surpreendida pela Republica, atirara-se em cheio nas especulações de bolsa. Os mais eminentes espiritos estavam possuidos da ancia de enriquecer. Ninguem pensava em coisas intelectuais. Veiu depois o despenhadeiro das finanças, a terrivel crise de desespero. Desencadeou-se por todo o paiz o militarismo. A politica tornou-se a expressão do mais brutal egoismo. Seguiram-se os dias funestos da revolta da esquadra. Por todo o paiz reinava o terror, a delação, a angustia. A falencia era o expoente do desanimo geral. Falencia nas finanças com a bancarrota do Estado, a crise da produção, o desastre das especulações que aniquilou as fortunas e lançou sobre os triunfadores da vespera a ignominia dos processos escandalosos. Falencia dos principios, do ideal, da moral, com a desorganisação dos partidos politicos, a invasão do

mercantilismo na politica, a insubordinação das classes armadas, o desprestigio da autoridade, o desrespeito da lei, o exercicio de odiosas vinganças.

Em tão tristes circumstancias, quem se lembraria de fazer versos, escrever ensaios, delinear romances, tratar enfim de coisas do espirito? Fundara-se um jornal, baseado nos moldes inglezes, onde se dava, ao publico, além da informação imparcial, materia de alta cultura, em linguagem elevada e casta. Trabalhavam nele Rodolpho Dantas, José Verissimo, Joaquim Nabuco, Sancho Pimentel, Constancio Alves, Graça Aranha e outros da mesma estatura. O jornal teve que fechar as portas aos gritos bestiais da populaça, que sustentava ser ele monarquista, e quiz obrigar os seus redatores a dar vivas á Republica.

Foi então que José Verissimo teve a idéa, ousada e feliz, de fundar a «Revista Brazileira». Quando, na dispersão geral, ninguem se lembrava de coisas intelectuais, o diretor da Revista levantou a bandeira da cultura, chamando a campo todas as boas vontades. Não se inquiria da idade, posição social, das opiniões politicas, religiosas ou literarias dos colaboradores. O que se exigia era talento, cultura e desejo de trabalhar. Cedo tornou-se a Revista o centro para onde concorreram todas as aptidões, o campo em que se reuniam os intelectuais de todos os matizes. Os homens cultos que haviam ocupado no antigo regimen posições de que a Republica os despojou, vinham á Revista tratar de assuntos fa-

miliares aos seus espiritos. Acolhiam-se com bondade os novos que despontavam, os quais não professavam então o odio aos consagrados, que só muito tempo depois se veiu a tornar um ponto de honra para as gerações que lhes sucederam. Formou-se um ambiente de bom gosto e de civilidade que concorreu muito mais do que se supõe para modificar a nossa barbaria primitiva. A sala da Travessa do Ouvidor tornou-se o ponto de partida de um movimento que se irradiou pelo paiz inteiro. Á hora do chá reuniam-se ali diariamente quasi todos os que no Rio de Janeiro se ocupavam de coisas do espirito. Era de ver como os Barões, os Viscondes e os Conselheiros conversavam familiarmente com jovens jacobinos de chapéu desabado. Ateus impenitentes discutiam religião com fervorosos catolicos. Os sobreviventes do romantismo, os parnasianos impassiveis, os tenebrosos simbolistas, fraternisavam docemente, movidos pelo mesmo amor á poesia, que cada um entendia ao seu modo. E até, inverosimil coisa, gramaticos inveterados trocavam idéas sobre colocação de pronomes, sem se julgarem obrigados a trocar insultos! Desapareceu a «Revista Brazileira» no meio da indiferença que a grande massa revela entre nós por tudo o que excede das coisas vulgares. Ficou, porém, indelevel, o traço forte que deixou no desenvolvimento da nossa mentalidade.

O espirito entusiasta de Lucio de Mendonça, percebendo nas boas palestras da «Revista Brazileira», que os nossos intelectuais se podiam encon-

trar para tratar de coisas do espirito, apertando os laços que os uniam, teve a idéa de fundar a Academia Brazileira, idéa que, segundo afirmam, tinha passado pelo nobre espirito de D. Pedro II.

Com a energia de que dispunha, reuniu elementos, expediu convites, aplainou dificuldades, dissipou escrupulos, animou boas vontades, desfez receios, e poucos meses depois estava fundada a Academia. Neste movimento inicial, teve Lucio de Mendonça a colaboração decisiva de Machado de Assis, que consagrou á Academia todo o vigor do seu belo espirito, e de Joaquim Nabuco, que lhe ofereceu o ardor simpatico com que se devotava ás causas.

Dadas as dificuldades que entre nós se deparam aos cometimentos desta ordem, só um temperamento como o de Lucio de Mendonça poderia levar a efeito a fundação da Academia. Os outros, possuindo qualidades que talvez lhe faltassem, puderam fazer a instituição chegar á sua fase atual. Era necessario, porém, ser um sonhador e um combatente, para tirar do nada a sua formação.

O seu espirito não conhecia o cepticismo de Machado de Assis. A ardentia da sua combatividade não permitia o desenvolver de um plano politico, como faria Joaquim Nabuco. Em materia politica Lucio de Mendonça tinha ingenuidades de crente. Nos tempos do Imperio foi um excelente propagandista. A impetuosidade de seus ataques se media pela intensidade do seu estro. Fazendo a propaganda da Republica, traduzia ao mesmo tempo a poesia que

lhe ia na alma. «Vergastas» é o titulo de uma das suas primeiras recoltas de versos, em que canta um lirismo ardente e tumultuoso, que envolve a alma do joven republicano, unindo assim a poesia á politica. Não foi esta a historia de todos os republicanos saídos dos bancos escolares ?

Proclamada a Republica, estava virtualmente finda a missão politica de Lucio de Mendonça. Creio mesmo que nunca lhe passou pelo espirito a idéa de uma ação partidaria, com a qual dificilmente se compadeceria a independencia do seu espirito. Continuou intransigente na sua fé republicana. Apaixonado pela idéa, que colocava acima dos partidos, lutava pela Republica, ou pelos principios que lhe pareciam mais convenientes á sua consolidação. Colocado no fastigio da magistratura federal, continuou, como juiz, a desenvolver o seu temperamento de lutador. Onde quer que se lhe afigurasse em perigo a Republica, estava ele no Supremo Tribunal a defender a causa republicana. A sua dialetica era terrivel. Como era cerrada a sua argumentação ! Em que rêde de argumentos envolvia o adversario ! Duvidavam alguns da sua imparcialidade. O que havia, porém, era o ardor romantico com que o magistrado de cincoenta anos continuava a obra do poeta de vinte anos. Era ainda o autor das «Vergastas» quem discutia os *habeas-corpus* do Tribunal.

Além da Republica, era a lingua a outra paixão de Lucio de Mendonça. Poucos escritores da sua geração têm o seu apuro rigoroso da fórma, a sua obser-

vancia sem pedantismo dos canones da lingua, o bom gosto no dizer, sem preciosidades efeminadas. Nele a frase era simples, incisiva, exprimindo todo o pensamento, e só o pensamento. Debalde se lhe procurará em toda a obra, ou o torneio da frase transplantado das leituras francezas, ou o turgido gongorismo de muitos escritores para quem bem escrever é forçar o leitor a consultar de minuto a minuto o dicionario. Era cioso da pureza da lingua, com a qual não permitia a minima liberdade. Recordo-me de um almoço que lhe oferecemos, quando foram publicadas as suas deliciosas *Horas do bom tempo*, e no qual um dos nossos mais estimaveis confrades passou tormentos para tirar em vernaculo as denominações francezas dos pratos que figuravam na lista, eu ia dizer no *menu*. Quando se discutiu no Tribunal o horrendo caso dos fusilamentos da Revolta, pareceu ao seu republicanismo dever acobertar todos os atos do Marechal Floriano Peixoto. Entendendo que o estado de sitio justificava as crueis represalias de 1894, denominou os fusilamentos *homicidios legais*. Foi enorme a grita que se levantou contra a sua opinião, e a imprensa fulminou de erro linguistico a expressão de que ele usara. Passaram-se os anos, provavelmente os ardores se lhe arrefeceram, e muitos dos seus adversarios de então vieram a ser seus amigos, pois o seu carater franco e impetuoso lhe não permitia demorados rancores. Nunca, porém, perdoou aos que o supuseram capaz de um deslise na lingua, e embora se chegasse talvez a convencer

de que os famosos fusilamentos não passaram de ignobeis crimes, continuou a sustentar, desta vez com toda a razão, que, aceita a premissa de que o Governo estava dentro da lei, a unica expressão justa para o caso era homicidio legal. Não é comum entre os jacobinos este respeito pela lingua. Lucio de Mendonça foi Diretor da Secretaria da Justiça, logo que se fundou a Republica, e contou-me uma vez, que uma das suas maiores torturas naquele tempo foi salvar na redação oficial a concordancia dos verbos, tão lastimada depois que o Governo Provisorio instituiu o tratamento de vós.

Este apuro de vernaculidade guardou em todas as suas produções. Entretendo polemicas (e que terrivel polemista foi), fazendo versos, escrevendo contos, ou lavrando acordams, era sempre o mesmo espirito lucido, o mesmo escritor castiço.

O seu lirismo era simples e sadio. Os tipos dos seus contos, firmemente traçados. A distinção e a sobriedade, as notas dominantes do seu estilo. Si as exigencias do nosso meio, tão pouco propicio a viver o escritor sómente da sua arte, não o tivessem divertido para ocupações mais absorventes, teria sido um grande romancista. Como pretender, porém, que um Ministro do Supremo Tribunal, obrigado a redigir acordams, e acompanhar os julgamentos, possa, como literatura, produzir outra coisa além de contos, sonetos, e artigos de jornais ? A leitura, porém, dos seus contos, é bastante para indenisar da falta de muitos romances.

No já citado discurso disia com propriedade Nabuco «... A obra de quasi todos os grandes escritores resume-se em algumas paginas : ser um grande escritor é ter uma nota sua, distinta, e uma nota ouve-se logo ; de fato, ele não póde sinão repetil-a».

Machado de Assis... Que posso eu dizer desta memoria querida, sem repetir o que tem sido tantas veses dito, e encontra éco no espirito de todos os intelectuais ?

Como disse de Shakespeare um critico inglez, as grandes eminencias têm por castigo o isolamento. A figura de Machado de Assis se destaca na banalidade do nosso meio, como a de um artista que resumiu a euritmia completa na arte de escrever, e que, sem ter tido entre os contemporaneos a repercussão que merecia, á medida que os tempos vão passando, vai conquistando na posteridade o logar, que definitivamente lhe dará o futuro, de um dos maiores classicos da lingua portugueza.

Não me cabe repassar perante vós, que tanto a conheceis, a vasta obra de Machado de Assis. Sobre ele já falou neste recinto Ruy Barbosa, em frases lapidares e inspiradas, das quais me permito citar uma unica sentença : «...escreveu prosa como Luiz de Souza e verso como Luiz de Camões». O seu estilo só póde ser classificado de uma fórma — atingiu a perfeição.

Em toda a obra de Machado de Assis, produzida constante e concientemente durante mais de quarenta anos, pouca influencia produziram as vicissi-

tudes cambiantes do meio social. Tambem pouco existe da influencia do meio fisico, pois raramente se lhe deparam descrições, e poucas são as paisagens dos seus contos e romances. A sua obra, é, assim, como superior ao tempo e ao espaço, pelo que, volvidos os anos e os seculos, terá sempre atualidade.

Não se póde, em rigor, consideral-o um escritor popular. Sobre a sua analise fina e penetrante perpassa uma ironia acre-doce, de suavidade e vigor inegualaveis. Nada existe do transbordamento ditirambico que constitue a essencia da nossa literatura e da nossa época, do tumultuoso descompasso que parece ter sido o padrão da nossa estetica atravez de todas as escolas. Na bela alegoria de Nietzche, desfila em frente ao Partenon a imensa multidão dos artistas de todos os tempos, numa teoria fantastica, diante dos divinos cantores da Helade, os sacerdotes de Apolo. Na ancia lancinante da fórma, no aspirar insaciado pela beleza imortal, todos se voltam para a majestade solene do canon grego, padrão da perfeição olimpica. Poucos se atrevem a galgar os degráus do templo. Rarissimos logram a suprema ventura de penetrar no recinto sagrado para contemplar face a face a beleza dogmatica, impassivel, da arte apolinea, emquanto lá fóra continua a revolutear numa vertigem macabra, a tiáse dionisiaca dos possessos, para quem a arte é o movimento desmedido, frenetico, delirante. Si se realisasse o sonho genial do filosofo alemão, o nosso grande Machado de Assis entraria serenamente no Partenon. Superior ao seu

meio e á sua raça, realisou o supremo fim do ideal artistico.

No curriculo da sua vida literaria, atravessou todas as escolas e conviveu com todas as tendencias que tem manifestado a nossa literatura. Ha na sua obra manifestações do indianismo, da poesia patriotica, do romantismo, do simbolismo. Ha estudos do nosso meio politico, sob os dois regimens. Perpassa o preocupação da analise psicologica, fazem-se observações profundas sobre o carater industrialista da ultima fase da nossa vida social. Percorrendo, porém, todas essas fórmas de arte, perlustrando todos os sujeitos de observação, nunca abdicou a bela liberdade do seu espirito, e soube até o fim conservar a esplendida individualidade do seu talento. A beleza singela da sua obra, que observa a pureza de linhas de uma stela grega, fará o desespero dos espiritos, que, armados de compasso, entendem aferir toda obra de arte pelo padrão fixo de uma escola. Ninguem pode dizer qual foi a escola de Machado de Assis. Tambem ninguem póde dizer que houvesse deixado escola.

Si do escritor passamos ao homem, que mundo de recordações nos traz esta casa, tão cheia da sua memoria ! Ligando os ultimos dias da sua vida á sorte da Academia, tanto se identificou com ela, que falar de um é falar da outra. Para ele a Academia, guarda da unidade da lingua, representava a grande força capaz de resistir aos elementos dissolventes, com que uma federação mal compreendida ameaça

destruir a unidade nacional, minada pela invasão das linguas estrangeiras.

Quem de nós não tem a retina cheia do pitoresco retiro do Cosme Velho, recanto delicioso, á sombra de grandes arvores onde cantam passaros, ao som da surdina plangente das aguas que decem da montanha, numa paz e socego bucolicos, onde nos recebia, numa sala cheia de recordações artisticas e literarias, que recolhemos e guardamos como um precioso tesouro. Naquela casa, onde a Academia mandou colocar uma placa comemorativa, viveu os ultimos tempos da sua vida, produziu paginas imperecíveis, e teve a desdita de perder a fiel e inteligente companheira dos seus dias. Á memoria desta dedicou o magnifico soneto camoneano, que ficará para sempre como uma das obras primas da poesia em lingua portugueza :

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descanças dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existencia apetecida
E num recanto poz o mundo inteiro.

Trago-te flores, restos arrancados,
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, si tenho nos olhos mal feridos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

Não vos necessito lembrar tudo o que de esforço, de dedicação, de carinho, lhe deve a nossa companhia. A sua memoria será sempre um incentivo para que nos dediquemos a fazer prosperar a nossa corporação, transmitindo ás gerações que nos sucederem o precioso legado que dele recebemos. Não me posso furtar ao desejo de tornar publica a bela frase de um dos nossos mais eminentes e queridos confrades : — «amemo-nos em Machado de Assis».

O terceiro busto que hoje aqui inauguramos é o de Joaquim Nabuco. A Academia lhe devia testemunhar de modo solene a sua gratidão e por vir um pouco tardia, a ceremonia de hoje é quasi uma reparação.

Não sei que fada presidiu ao nacimento desse homem, a quem nada faltou na vida para ser completo. A beleza fisica sempre o acompanhou desde a mocidade, evolvendo com o adiantar dos anos. A distinção de maneiras, a correção fidalga dos gestos e atitudes, a natural e desprendida elegancia, faziam dele um tipo de outra civilisação, formando o modelo perfeito, perdoai-me a irreverencia do barbarismo, do que deve ser um *gentleman*. O seu talento era superior. A sua cultura vastissima. Explorou quasi todas as provincias da literatura. Foi poeta, historiador, critico, publicista. Como orador obteve ver-

dadeiros triunfos. Na praça publica arrastou as multidões. No parlamento os seus discursos ficaram como modelos de eloquencia, elegancia e elevação. As suas orações academicas são a gloria da nossa companhia e seriam a honra de qualquer academia. Nas suas conferencias não se sabe o que mais admirar, si a beleza da forma, si a elevação dos conceitos.

A sua carreira, social, politica e literaria, foi-lhe uma sucessão de merecidos triunfos. O facinante prestigio da sua pessoa abriu-lhe largo caminho pela vida, e até onde o levaram os seus destinos, o sucesso o acompanhou de perto. Dos salões mundanos ás rodas diplomaticas, dos centros politicos aos cenaculos literarios, onde quer que aparecesse contava uma vitoria.

Moço ainda, sentiu o referver das paixões populares, sorveu a embriaguez da aclamação das turbas dominadas pela sua eloquencia, e poz tudo isso ao serviço da grande causa da abolição.

Todos vós sabeis qual foi o seu papel nesse periodo epico da nossa historia. A sua pena cintilava na imprensa, a sua palavra quente e formosa ecoava na Camara ou nos comicios, o seu espirito atilado fazia combinações com os elementos que podiam aproveitar á causa.

Todos os meios serviram para ativar o grande acontecimento a que deixou imperecivelmente ligado o seu nome. Poude ver realisado o seu sonho, e em 13 de Maio triunfou ao lado dos seus companheiros, encarnando então a alma nacional.

Com a queda da Monarquia, Joaquim Nabuco recolheu-se a um forçado silencio. Aproveitando o repouso que lhe permitia a sua inatividade politica, dedicou-se inteiramente ás letras. Escreveu então *Um Estadista do Imperio*, obra sem par na nossa literatura, sintese admiravel de toda a historia constitucional do Brazil, cheia de vistas largas sobre a nossa evolução politica, penetrada de um grande amor filial, mas ao mesmo tempo povoada de retratos vivos das principais figuras do segundo reinado, imbuida da maior cortezia com os adversarios, mas sempre vibrante, documentada e elegante.

Bastaria um livro como este para fazer a gloria de um escritor. Não se concebe um brazileiro culto, que se interesse pelas coisas do seu paiz, a quem não seja indispensavel a leitura do livro de Nabuco.

É tambem desse periodo o seu delicioso livro *Minha formação*. Recordais-vos como devoravamos os artigos em que foi a principio publicado na *Revista Brazileira*, penetrados da elegante filosofia dos conceitos, enlevados pelo bom gosto da fórma encantadora ?

Bom gosto é principalmente a qualidade dominante do seu feitio literario. Tão pouco habituados andamos a essa distinção, rarissima no nosso meio de agitados e apopleticos, que devemos constantemente recorrer áquele livro, para repousar o espirito de tanta literatura inchada. Livro como *Minha Formação* não o possue outro, no seu genero, a nossa literatura.

Não lhe basta figurar nas livrarias ou nas es-

tantes. Relel-o é um dever de cultura, ao mesmo passo que um fino prazer intelectual. Como nos mostra em admiravel gradação os varios elementos que formaram a sua individualidade, desde a herança até o meio fisico. Que mestria em analisar as facetas que as leituras foram fazendo no belo diamante do seu espirito ! Como resalta do livro o prestigio exercido pela alma européa, cujas misteriosas raizes atavicas nos prendem á vida de além-atlantico, para empolgarem a nossa personalidade quando nos sentimos integrar á sombra das velhas civilisações.

Perdoai-me se ainda vos tomo o tempo. Como fugir, porém, ao prazer de reler ainda uma vez esta bela e conhecida pagina ? ; — «Nós, brazileiros, o mesmo se póde dizer dos outros povos americanos, pertencemos á America pelo sedimento novo, flutuante, do nosso espirito, e á Europa, por suas camadas estratificadas. Desde que temos a menor cultura, começa o predominio desta sobre aquele. A nossa imaginação não póde deixar de ser européa, isto é, de ser humana ; ela não pára na Primeira Missa no Brazil, para continuar daí recompondo as tradições dos selvagens que guarneciam as nossas praias no momento da descoberta ; segue pelas civilisações todas da humanidade, como a dos europeus, com quem temos o mesmo fundo comum de lingua, arte, religião, direito e poesia, os mesmos seculos de civilisação acumulada, e, portanto, desde que haja um raio de cultura, a mesma imaginação historica. Estamos assim condenados á mais terrivel das instabilida-

des, e é isto o que explica o fato de tantos sul-americanos preferirem viver na Europa ! ! ! Não são os prazeres do rastaquerismo, como se crismou em Paris a vida elegante dos milionarios da America do Sul ; a explicação é mais delicada e mais profunda ; é a atração das afinidades esquecidas, mas não apagadas, que estão em todos nós, da nossa comum origem europea. A instabilidade a que me refiro provém de que na America falta á paisagem, á vida, ao horizonte, á arquitetura, a tudo o que nos cerca, o fundo historico, a perspectiva humana ; e que na Europa nos falta a patria, isto é a fórma em que cada um de nós foi vasado ao nacer. De um lado do mar sente-se a ausencia do mundo, do outro a ausencia do paiz. O sentimento em nós é brazileiro ; a imaginação, europea».

«As paisagens todas do Novo Mundo, a floresta amasonica ou os pampas argentinos não valem para mim um trecho da Via Appia, uma volta da estrada de Salerno a Amalfi, um pedaço do cais do Sena á sombra do velho Louvre. No meio do luxo dos teatros, da moda, da politica, somos sempre ***squatters***, como si estivessemos derribando ainda a mata virgem Não quero dizer que haja duas humanidades, a alta e baixa, e que nós sejamos desta ultima ; talvez a humanidade se renove um dia pelos seus galhos americanos ; mas, no seculo em que vivemos, o espirito humano, que é um só e terrivelmente centralista, está do outro lado do Atlantico ; o Novo Mundo para tudo o que é imaginação estetica ou

historica é uma verdadeira solidão, em que aquele espirito se sente tão lonje das suas reminicencias, das suas associações de idéas, como si o passado todo da raça humana se lhe tivesse apagado da lembrança, e ele devesse balbuciar de novo, soletrar outra vez, como criança, tudo o que aprendeu sob o céu da Atica...»

Póde-se dizer com mais elegancia, e mais precisão, a eterna luta de todos nós, presos á patria pelo coração, e á Europa pelo cerebro ?

Ha quem pretenda ver nisso uma manifestação de falta de patriotismo. Os intelectuais, porém, que lerem o seu formoso capitulo denominado Massangana, verão como se evola, ebrio de seiva, humido do torrão, um sentimento delicioso, indefinivel, de amor da patria, que enternece, conforta e entusiasma. Bem sei que, mais facil que escrever Massangana, seria alinhar meia duzia de frases feitas, acompanhadas de adjetivos retumbantes. Todos compreenderiam todos aplaudiriam, e ninguem regatearia ao autor o titulo de patriota. Que culpa, porém, tem o autor de ser Joaquim Nabuco ?

Estes dois livros admiraveis, dos quais nunca se falará bastante nesta casa, não absorveram, porém, a sua atividade, que coincidiu, então com a florecencia da Revista Brazileira. Nabuco não esquecia a sua qualidade de homem de ação, e tinha a sua atenção voltada para as coisas politicas. Escreveu o belo perfil de Balmaceda, esplendido trabalho de psicologia politica. Analisou os documentos

diplomaticos relativos á Revolta de 1893, e demonstrou que foi graças ao auxilio das esquadras estrangeiras que ela poude ser dominada.

Um homem da esféra de Nabuco, a quem sempre preocupou o problema social, cuja atividade sempre anelou revigorar na vastidão da atividade nacional, não podia viver isolado na torre eburnea dos seus ideais desfeitos, a macerar o espirito com o cilicio do despotismo do passado. O seu temperamento vibrante queria a luz, exigia o grande cenario onde pusesse a sua poderosa individualidade na evidencia que ela reclamava, como o fluido ambiente indispensavel á sua propria vida.

Escrito o *Estadista do Imperio*, especie de inventario social e politico de todo o segundo reinado, publicada *Minha Formação*, verdadeira confissão geral de toda a sua vida politica e literaria, póde-se dizer que Nabuco liquidou de modo brilhante as suas contas com o passado, apresentando no seu ativo um glorioso saldo de serviços, de energia, de cultura. Que deveria fazer de todo esse capital? Deixal-o dissipar-se em bagatelas? Continuar irredutivel a sustentar um passado glorioso, que ele proprio tinha ajudado a fazer, mas que nunca voltaria? Podeis imaginal-o, torvo, embuçado, a maquinar conspirações, a subornar soldados, a procurar, nas baixas camadas dos descontentes, aliados de uma sonhada restauração? Ou então preferireis vel-o amoldar o seu cerebro potente ao papel de escrever coisas dispersivas, na censura sistematica de tudo o que

de bom ou de máu se fizesse, a tanger o monocordio irritante do *laudator temporis acti ?*

Nabuco era uma poderosa força que o advento da Republica momentaneamente deslocou. Estava inativo, mas não inerte, á espera de ser aproveitado. Não lhe bastava a produção literaria. Com ela conquistou logar imorredouro no mundo intelectual. Era pouco para o seu espirito insaciavel. Em todos os seus trabalhos havia sempre a preocupação da atividade politica. Estudado o passado, lançou as vistas para o presente. A principió interessou-o a sorte da democracia sul-americana. Escreveu *Balmaceda.* Volveu, depois, o olhar para o Brazil, e escreveu a *Intervenção estrangeira.* Cada vez se iam apertando mais os laços que o prendiam á atualidade. Foi então que, num gesto nobre, a Republica lhe pediu os serviços. Glorioso *condottiere* da cultura nacional, Joaquim Nabuco não se sentiu com o direito de recusal-os.

Nunca foi um sectario sombrio, que fizesse do culto á Monarquia um artigo de fé, cego, obstinado. Ainda menos um doutrinario pedante que tomasse ao serio a decantada questão da verdadeira fórma de governo... Eis a formula da sua concepção politica : — «Em politica nunca fui um nominalista. Não me moveu a imaginação literaria, muito menos a abstração filosofica, mas a compaixão concreta pela sorte do povo». Em toda a sua obra, mesmo nos escritos do tempo em que todos o reputavam monarquista militante, vereis o desembaraço, a liberdade

com que discute a Monarquia e a Republica, sem mostrar por esta a repugnancia que só os espiritos intransigentes podem ter. Para Nabuco, como para todos os que olham estas coisas de um ponto de vista mais alto, tanto a Monarquia constitucional representativa, como a Republica democratica podem convir a um povo livre. Ambas se podem conciliar com o verdadeiro conceito da liberdade. Ambas são fórmas transitorias para as futuras transformações da organisação social. Ambas se baseam em principios misticos. A Monarquia tem a sua origem na misteriosa intervenção divina, marcando desde o berço o individuo destinado a governar o povo. A Republica é fundada no principio, não menos sobrenatural, de que paira sobre as nações o fantasma imponderavel de uma nunca vista soberania popular. Os antigos reis ungiam-se com os santos oleos guardados nas ambulas das catedrais. Os presidentes das republicas se consagram com os fragmentos de papel atirados a esmo nas urnas eleitorais. Uns e outros, si se pudessem encontrar a sós, ririam, como os augures romanos, da crendice dos seus governados, pois, no intimo, sabem perfeitamente que a sua investidura não vem, nem das ambulas, nem das urnas...

A força da Monarquia vem do prestigio das suas tradições, transfigurado pela patina magica dos seculos. A sua unica rasão de ser é o passado, emquanto continúa a governar o presente. Quebrados, porém, os laços do passado, e perdida a esperança de reatal-os, resta a Republica, como unica solução pos-

sivel, até que o futuro revele outras fórmas mais adiantadas. Quem não preferir a anarquia, ha de se contentar com a Republica. Foi o que compreendeu Joaquim Nabuco, no momento preciso. Na propria ocasião em que recusava, em 1890, brilhante posição na situação que então se iniciava, ele afirmava «ter sentido sempre pelo ideal republicano a atração magnetica do continente». Os que acompanharam a sua vida não poderam, pois, considerar deserção a sua entrada para a atividade politica, mas não partidaria. A sua belissima despedida a Soares Brandão foi um manifesto lançado ao Paiz. Como Nabuco, limitar-me-ei a perguntar : — «O paiz esse, não morre, e ficará ele eternamente olhando para os monarquistas patriotas, como o grande rio para as esfinjes meio enterradas na areia do deserto ?».

A sua volta á atividade politica foi ainda uma nova serie de triunfos. Secundando a ação imortal de Rio Branco, forçou a entrada do Brazil no convivio das nações americanas. Creou para a nossa patria um ambiente internacional. Com o só prestigio da sua fulgida pessoa, o nosso embaixador em Washington conquistou para o nosso paiz uma posição igual á das maiores potencias do mundo. Na terra em que a bandeira costuma ser respeitada pelo poder sugestivo do *affirming gun*, conseguiu, a golpes de talento, de cultura, e de sedução pessoal, impressionar uma nação de noventa milhões de almas, grangear a amizade dos homens representativos, fazer-se aplaudir em todos os centros intelectuais, e adqui-

rir, em suma, a vasta popularidade de que deram testemunho as manifestações por ocasião da sua morte.

Não me sobra tempo para dizer do seu livro *Pensées detachées*, produzido durante a sua ausencia da patria. Ainda um terceiro livro, unico no genero, em nossa literatura. Unico pela vernaculidade tão bem manejada, que iludiu os proprios mestres da lingua franceza. Unico pela elevação do pensamento, pela penetração da sua analise, pela profundeza dos conceitos. Basta dizer que, no genero, até agora, só tinhamos as «Maximas» do Marquez de Maricá. Unico ainda pela sinceridade dos sentimentos, a qual deixa ver a nú a profunda evolução do seu espirito, que passou gradualmente do cepticismo para a crença, sem perder nunca o fundo essencial de tolerancia e de cordura. Seja qual fôr o ponto de vista religioso de quem o ler, a ninguem deixarão de comover as paginas admiraveis em que explica «como poude reunir no coração os fragmentos quebrados da cruz, e com eles recompor os sentimentos esquecidos da infancia».

Não tenho o direito de vos ocupar por mais tempo. Ides ouvir as proprias palavras dos nossos grandes mortos, em paginas que vos serão recitadas. Nos bronzes que hoje inauguramos vereis as suas imagens, traduzidas pelo cinzel de Jean Magrou, joven artista de talento que os soube bem compreender, e a quem auguro um nome destinado a honrar a arte franceza. Tive a fortuna de acompanhar o trabalho do escultor. Emquanto os seus dedos modelavam a

argila, eu via irem surgindo aos poucos as figuras dos nossos mortos. Tive então a impressão profunda de quanto póde a arte, unica força capaz de lutar contra a ação corrosiva do tempo. Passam as fórmas de governo, desaparecem as pequenas rivalidades das escolas e dos partidos, somem-se no nada as enfesadas criticas dos zoilos sem ideal. Tudo aquilo, porém, que se fecundou ao osculo sublime da arte, viverá eternamente até a consumação dos seculos. *Cosa bella e mortal passa e non d'arte.*

O papel das instituições como a nossa é manter bem alto o facho da cultura. Quer os grandes espiritos, como os que hoje celebramos, quer os que lhes podem apenas dar a expressão da sua silenciosa admiração, são todos manifestações da mesma força, poderosa e irresistivel, que arrasta no mesmo turbilhão toda a humanidade. Integrando-nos todos nessa força, teremos cumprido o nosso dever. E, como dizia ainda Joaquim Nabuco : — «Somos uma gota de agua no oceano. Tenhamos a conciencia de que somos gota de agua, mas tambem tenhamos de que somos oceano».

DISCURSO RECEBENDO FELIX PACHECO NA ACADEMIA BRAZILEIRA

Snr. Felix Pacheco.

Num gesto de perdoavel modestia, começais perguntando a vós mesmo a razão do vosso ingresso nesta casa. Passais uma rapida revista na vossa fé de oficio, tão curta em anos, quanto longa em brilhantes serviços, e concluis supondo que em vós a Academia escolheu... o jornalista. É interessante o vosso esforço em menospresar a propria bagagem intelectual, belos versos, pensados ensaios de critica, proveitosas incursões nos dominios da historia, interessantissimos estudos de criminologia, luminosos trabalhos parlamentares. Nada disso, segundo vós, justificaria os nossos sufragios. Pretendeis termos querido apenas chamar ao nosso gremio o moço de talento, que em tão pouco tempo chegou a tão elevada posição num dos mais importantes jornais do continente. Começarei tirando-vos essa ilusão.

Longe de mim a idéa de diminuir o valor da imprensa. A vertigem com que se vai desenrolando aos nossos olhos a historia contemporanea, e as exigencias de nossa existencia febril e intensa, deram um

grande papel intelectual ao jornalista, que recolhe os mil aspectos da vida, e sabe, em poucas frases, incisivas e fortes, transmitir a milhares de leitores a vibração que forma as grandes correntes da opinião.

Superioridade de intuição, golpe de vista seguro, cultura variada e pronta, talento de forma, são condições indispensaveis ao trabalho insano do jornalista. Tais qualidades se encontram admiravelmente em vós, e o mestre provecto de jornalismo que é o Diretor do *Jornal do Comercio*, confiando-vos, ainda tão joven, a perigosa honra de substituil-o, revelou, mais uma vez, como sabe conhecer os homens. Da vossa capacidade jornalistica damos pleno testemunho. Do sisudo artigo de fundo sobre cousas financeiras ou militares, passais insensivelmente a uma acirrada discussão politica, um belo artigo literario sucede a uma *varia* maliciosa e por vezes perversa, um elegante *topico do dia* fala com graça comedida de um acontecimento mundano, as discussões que tendes travado com os vossos colegas de imprensa passam logo a fazer epoca no jornalismo, e não vos desdenhais tambem de sugerir ao *Diabo a quatro* coisas de faceta bregeirice. Si, por uma fatalidade, faltassem um dia todos os vossos companheiros de trabalho, e estivesseis só na sala de redação, nem por isso o *Jornal do Comercio* deixaria de sair no dia seguinte. Como todos os vossos leitores, reconhecemos em vós tão altas qualidades de cultura e de trabalho, e é com o maior prazer que em nome da Academia eu as proclamo daqui.

Não foi, porém, sómente o jornalista que nós apreciamos na vossa individualidade literaria. Foi o intelectual, o estéta, o homem que tem o nobre culto da beleza, e ao contacto com as vulgaridades da vida quotidiana, nunca perde a sobranceria do espirito com que fita as coisas do ideal. Foi o poeta que soube fazer passar um fremito novo de misterio e de sonho através dos canones estabelecidos da poesia parnasiana. Foi o espirito sincero que, á busca de novas emoções estéticas, veiu das ardentias da adolecencia irreverente, para a ponderação de um homem consagrado, sempre fiel aos seus ideais artisticos.

Não passou despercebido á vossa malicia de jornalista que a Academia se lembraria dos tempos, não muito remotos, em que foi alvo dos vossos veementes ataques, das vossas aciculadas ironias. Nas revistas em que se espalhava a vossa exuberancia juvenil, e até nas graves colunas do *Jornal do Comercio*, já dissestes mal de nós. Que importa, si o fizestes com talento, com graça, e com cultura ? A Academia sabia apreciar o vosso valor, e, através das vossas diatribes, via perfeitamente que vos estava reservado aqui um lugar.

Não é o caso, pois, de vos penitenciardes, como fazeis. Sois hoje um consagrado nas letras, na politica, no jornalismo. Alcançastes essa posição pelas qualidades que já possuieis ao tempo em que agredieis os consagrados. Hoje, quantos jovens Felix Pachecos, vociferam contra vós com a mesma vos-

sa antiga veemencia! Socegai... Os que tiverem valor real chegarão como vós a ser consagrados, e, por sua vez, serão vitimas dos futuros novos.

Na vossa carreira literaria não perdestes tempo. Fostes um precoce. Recen-chegado da provincia, e matriculado no Colegio Militar, fundastes revistas e associações literarias. Ultrapassando os limites da literatice palavrosa e esteril que, em geral, faz a base da produção dos colegiais, tinheis desde menino as vistas voltadas para os grandes vultos da nossa velha cultura e no colegio promovestes os centenarios de Basilio da Gama, e de Gregorio de Matos. Deste ultimo, cuja cadeira ides ocupar, acabais de falar com tanta autoridade, que vos constituistes na obrigação de escrever um estudo magistral como os sabeis fazer, completando assim os do vosso antecessor, a quem não foi dado versar os preciosos manuscritos da Biblioteca Nacional.

Não sei si o vosso confessado, e talvez afetado, horror á matematica (pecado deploravel num membro eminente da Comissão de Orçamento); não sei si certa inaptidão pessoal para a carreira das armas, vos fizeram deixar o Colegio Militar. Assim, ao vosso modo, fostes tambem um *egresso da farda*, epiteto que com tanta propriedade aplicais a Euclides Cunha e ao Sr. Alberto Rangel, no belo ensaio que consagrastes ao *Inferno Verde*.

Tendes, entretanto, sido um indefesso propugnador da melhoria do nosso exercito, e da elevação moral e material das classes armadas.

Quanto á farda, contentaste-vos com a que hoje trazeis, e que, valha a verdade, vos assenta muito bem.

Abandonando os estudos regulares, entrastes em plena imprensa, em pleno sonho, em plena liberdade.

Adotado o jornalismo como profissão, galgastes rapidamente todos os postos até o de redator. Colaborastes em revistas independentes, tumultuosas e efemeras. Versejastes com inspiração, sentimento e desenvoltura. Assumistes a posição ardente do efebo atrevido e corajoso, que se atira de lança em riste contra a sociedade burgueza. E, divertido, como tantos outros, com o movimento delirante da vossa hostilidade, desvaneceste-vos com o titulo glorioso de revoltado.

Creio que datam de 1897 os vossos primeiros versos impressos. Têm o titulo sugestivo de *Chicotadas*, com a sub-epigrafe: *versos revolucionarios*. Nesses versos, a proposito de Cuba, declarais pura e simplesmente a guerra á Hespanha, e concitais a America a tratar a Europa como inimiga. *Il faut bien que jeunesse se passe*, como acabais de dizer. Mas quanto talento despendido em tão inocentes divertimentos!

Enchieis os jornais com a prosa anonima do noticiario, e do artigo de fundo, mas ao mesmo tempo continuaveis a vossa rota poetica, publicando sonetos sobre sonetos, em que ieis polindo carinhosamente a fórma, e apurando o gosto pelo estado vago, cambiante e brumoso que constituia o feitio da mocidade da época, então em plena reação con-

tra os versos marmoreos e espaçosos que Leconte de Lisle apregoava serem o canon do parnasianismo.

Foi nesta ocasião que o acaso da camaradagem de imprensa, as longas conversas das noites de plantão, com um grupo de rapazes inteligentes e ousados, vos fizeram imergir resolutamente nas novas correntes esteticas, que então revolucionavam a literatura.

O parnasianismo, depois de reagir em nome do gosto contra os desmandos do romantismo, agonizava anquilosado na repetição sistematica dos imitadores de segunda mão, que copiavam as obras primas dos mestres, querendo reduzir a arte á precizão geometrica dos jardins de Lenôtre. O naturalismo, que se erguera contra os velhos ideais, em nome da verdade experimental e da ciencia moderna, depois de ter ocupado a praça conquistada em batalhas ruidosas e triunfais, começava a sentir o vazio da sua tentativa. A vossa geração sentia-se penetrar por um novo influxo. Pairava no ambiente uma atmosfera de misticismo e de misterio, contra a qual eram impotentes as afirmações dos homens da arte experimental. Brunetière apregoava a *falencia da ciencia.* De todos os pontos do mundo culto vinham afirmações de um novo estado d'alma, vago, indefinido. Hauptmann, Maeterlink, Ibsen, D'Annunzio, Oscar Wilde, falavam uma extranha e sedutora linguagem, em que os homens de todas as raças fundiam a arte numa só bruma, atravez da qual refulgiam, em deliciosa meia tinta, sonhos vaporosos e etereos.

Da França, meticulosa alfandega intelectual, por onde tem de passar forçosamente tudo o que importamos do extrangeiro, vinha-nos a grande corrente do simbolismo. Verlaine, Mallarmé, Rodenbach, Rimbaud, Regnier, Moreas, prégavam a nuança, a imprecisão, o misterio, a fusão harmoniosa do som, da côr, do perfume, num halo colorido e sonoro, que transformava a propria lingua, e desorganisava as velhas regras de arte poetica. Em Portugal já se havia tambem formado o movimento nefelibata, que, não sei porque, vós e os vossos injustamente renegais.

Era este o estado de espirito da vossa geração, Tinheis forçosamente que acompanhar a corrente. Fizeste-o, honra vos seja, com brilho para vós, e com proveito para a arte. Data daí a vossa grande facinação por Cruz e Souza, o admiravel poeta negro, tão mal compreendido pelos seus contemporaneos e cuja obra tem sido vitima, ou da demolição sistematica dos adversarios, ou do louvor exagerado dos amigos.

Não conhecestes, suponho, pessoalmente o autor dos *Pharóes*. Ligado intimamente, porém, a alguns dos seus amigos dedicados, começastes a professar por ele um culto, de que ainda hoje não vos arrependeis. A vossa admiração ardente e sem limites, se espraiava em desordenados ditirambos, que eram a moeda corrente nababescamente espalhada pelos vossos companheiros, nas revistas em papel de linho recheiadas de caixas altas e de sinais esotericos.

Dei-me ao trabalho de colecionar as frases em que se manifestava a vossa admiração por Cruz e Souza. Formam uma curiosa ladainha em estilo mistico: *Peregrino das Ancias*, *Incomparavel Eleito*, *Negro de Ouro*, *Arcanjo Rebelado*, *Glorioso Artista*, *Dôr Personalisada*, *Ser Privilegiado*, *Magoado Eleito*, *Semi-Deus*. Tudo isso em caixa alta. Não vos bastavam as palavras conjugadas que, duas a duas, formam ordinariamente as litanias. A vossa admiração transbordante pedia mais, exigia trez palavras, e, como no final do antifonario liturgico, os epitetos acabam abrindo em ousados tripticos: *Tedioso e Torturado Sonhador*, *Grandioso e Imaculado Cenobita*, *Formidavel Dante Negro*. A vossa admiração por Cruz e Souza não decreceu. Talvez mesmo tenha aumentado. Vêde, porém, com que sobriedade nos falais hoje dele, chamando-lhe apenas, sem maiusculas, *genio maravilhoso*, *esteta delicadissimo*, *negro admiravel*, e, como triptico, *esteta novo e extranho*, qualificativos esses que o mais irredutivel burguez lhe poderia conceder.

Não vos censurarei a admiração pelo malogrado poeta, pois que tambem a professo. Não lhe compreendo, talvez, a prosa torturada, e por vezes vasia, em que as palavras se sucedem, quasi sem nexo, ora traduzindo pensamentos elevados, ora se diluindo em verdadeiros trocadilhos e charadas. Só um admirador incondicional poderá classificar como obras primas todos os seus escritos em prosa, onde, a par de reais belezas, se encontram trechos que

deixam positiva impressão de mal estar. Como poeta, porém, que admiravel evocador de sons e de imagens. Que formidavel e ao mesmo tempo delicado creador de sonho! Parece-me, ao lel-o, que as harmonias errantes da nossa lingua, animadas por um sopro extranho, insuflam almas nas palavras, fazendo-as sentir e viver como si fossem seres reais, afim de colaborarem na deliciosa musica do ritmo. Não é aqui o logar de apreciar a obra poetica de Cruz e Souza. Não resisto, porém, ao prazer de vos relembrar os seus *Violões que choram*, onde soluça, languida e sensual, a alma dos tropicos, ao palôr misterioso do luar, ao compasso plangente da surdina monotona dos violões.

Quando uma voz, em tremulos, incerta,
Palpitando no espaço, ondula, ondeia,
E o canto sobe para a flôr deserta,
Soturna e singular da lua cheia;

E sons soturnos, suspiradas magoas,
Magoas amargas e melancolias,
No sussurro monotono das aguas,
Noturnamente, entre ramagens frias;

. . . .

Vozes veladas, veludosas vozes,
Volupias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vortices velozes
Dos ventos, vivas, vans, vulcanizadas.

. . . .

Não conheço, em lingua portugueza, poesia em que a impressão musical tenha uma representação tão completa como nesses admiraveis versos. Alberto Nepomuceno, o inspirado artista que tão bem sabe traduzir nas suas rapsodias o ardente sensualismo da nossa natureza e do nosso povo, deveria compor uma musica para os *Violões que choram.*

O entusiasmo, vosso e dos vossos companheiros, pelo poeta levou-vos a fundar a *Rosa-Cruz*, interessante revista que viveu dois anos, si me não engano. A historia da *Rosa-Cruz* dará lugar um dia a curiosas investigações. Fundou-se poucos anos depois da morte de Cruz e Souza, a cuja memoria era quasi que exclusivamente consagrada, pela iniciativa de Saturnino de Meireles, o poeta dos *Astros Mortos*, morto ele por sua vez aos 25 anos. Meireles, que tinha um emprego pequeno, era o mais abonado do grupo, e portanto quem tinha o maior encargo da revista. Os demais colaboradores, pouco mais de meia duzia, concorriam com 50$000 por mez para a publicação, que sempre dava *deficit.* Cincoenta mil réis mensais, tirados de ordenados de reporters, ou de mesadas de estudantes, calcule-se bem que sacrificio !

Não creio que fosse muito numerosa a folha dos assinantes, nem que a venda avulsa désse resultado apreciavel. A *Rosa-Cruz* não publicava anuncios. Não se parecia nisso com as suas correligionarias em estetica. Adolpho Retté conta com espirito como poude arrancar de uma feita cem francos, por

um artigo literario, servindo de reclamo ao cacáo van Houten, para a famosa *La Vogue.* Numa das efemeras revistas que precederam a *Rosa-Cruz*, e em que colaborastes, eu vejo sonetos exaltando o leite de Itatiaia, e o vinho de Pelotas. Mas na *Rosa-Cruz* não era assim. Só se fazia arte, e arte simbolista. Cruz e Souza era considerado o deus tutelar da publicação. Dos consagrados, Luiz Delphino era o unico que lhes merecia consideração. Tudo mais nada valia : *fosseis e deshonestos*, na vossa classificação de então. Quando faltava materia, transcreviam-se trechos de Nietzche, Paul Adam, Mallarmé, reproduziam-se rimas dos *poetas malditos.* Ninguem podia entrar no Graal, mesmo para prestar um serviço, sem ser iniciado. De uma vez, corria perigo a publicação da revista. Faltavam cincoenta mil réis, e o editor era implacavel. Um amigo, sabendo das ancias em que vivia o grupo, ofereceu-se generosamente para entrar com a quantia. Mas ele não fazia arte, e o dinheiro assim oferecido teria um carater mercantil, que repugnava aos cavalheiros do Graal. O dedicado mancebo submeteu-se á iniciação. Rodeado dos redatores da *Rosa-Cruz*, instalou-se nos fundos de um botequim da rua da Assembléa. Auxiliado por todos, tentou fazer uma obra de arte. Duas horas depois tinha produzido um soneto. Assim, poude adquirir o direito de completar a soma reclamada pelo editor. Estava salva a *Rosa-Cruz.*

Durante este periodo começou, verdadeiramente,

a vossa obra poetica, que tendes, incessantemente, polido e repolido, no anelo constante de conseguir a perfeição. Nas vossas varias recoltas os versos figuram sempre modificados, á procura da fórma definitiva. Na vossa estetica é essencial o respeito á forma consagrada, e isso mesmo o acabais de confessar. Podeis-vos apropriar da regra do poeta :

Sur des sujets nouveaux, faisons des vers antiques.

Sois ainda um artista sincero. Traduzis com toda a verdade, com ingenuidade mesmo, os vossos estados de alma. O vosso espirito não se sentia á vontade no satanismo puramente literario dos vossos primeiros versos, quero crêr que mais devidos á leitura de Baudelaire, do que aos amores diabolicos a que se volviam os vossos ardores.

Quando, desprendido de tudo, *novo arcanjo revel*, cantais a Morte, insultais lindamente umas senhoras a quem infligis suplicios horriveis, e vos queixais da vida e da sorte, em frases de duvidoso estoicismo, a gente hesita em vos fazer credito de tanta desilusão. É deste genero o vosso belo soneto *Extranhas Lagrimas* :

Lagrimas... Noutras épocas verti-as.
Não tinha o olhar enxuto como agora.
Alma, dizía então comigo, chora,
Que o pranto afoga e anula as agonias.

Ah ! quantas vezes, pelas faces frias,
Por mal do meu amor, que se ia embora,
Gota a gota rolando, elas outr'ora
Marcaram noites e marcaram dias !

Vinham do oceano d'alma imenso e fundo,
Ondas de angustia em suspiroso arranco,
Numa desesperança acerba e louca.

Nos olhos hoje as lagrimas estanco :
Rolam, porém; sem que as descubra o mundo,
Sob a fórma de risos pela boca.

No vosso ser equilibrado palpita o anceio de amores calmos e castos.

Essa vida de dissipação não vos convinha. Sonhaveis venturas ignotas que vos pareciam longinquas, vogando esperançoso :

Na aurea trireme real das vossas esperanças, sobre que brilha o *luar de amor* tantas vezes cantado em vossos versos, até que sobre vós resplendeu emfim :

O plenilunio do carinho eterno.

Então, feliz, tranquilo, abjurais os amores profanos, e, no soneto *Orpheu cativo* assim dizeis á vossa esposa, já livre das perfidas ondinas que tanto vos atormentaram :

Mas desde que chegaste, o pobre nauta,
Que um dia ás lindas plagas arribára,
Misera sombra erratica de Orfeu,

Jogou no glauco abismo a doce frauta,
E, sem lembrar as perfidas que amára,
Abençoa os grilhões desse himeneu.

É a arte, pura e serena, que vos permite sonhar á vontade, suspendendo os vossos sofrimentos antigos, transformados em belos versos, na panoplia azul em que enastrais os vossos poemas. A felicidade da familia não esterilisou o vosso espirito de poeta, nem embotou a vossa força de trabalho.

Na direção do Gabinete de Identificação fostes o propagandista da datiloscopia, que conseguistes fazer triunfar nos conselhos de Governo, e nos Congressos Internacionais, e é hoje adotada como sistema oficial, com resultados excelentes, graças aos vossos esforços.

No *Jornal do Comercio*, o vosso papel tem sido o que já vimos. Em vós o jornalista não matou o artista. Acabais de expor com formosura o que se póde chamar a poesia do jornalismo. Apanhar num apice a centelha produzida pelo acontecimento que passa, transformal-a em clarão, projetar as suas luzes sobre os horizontes escuros, penetrar o misterio das coisas que nos cercam, e converter tudo isso em ondas constantes de sentimentos que alimentam as multidões, a quem se domina pelo magico presti-

gio da palavra escrita! Que bela tarefa para um poeta, quando, como vós, pensa que ainda se póde entrar no jornalismo pela porta larga do sonho e do Ideal!

De consagração em consagração chegastes á politica. Vieram oferecer-vos uma cadeira de Deputado pela vossa terra natal. O que tem sido a vossa vida parlamentar, dizem-no os *Anais* do Congresso. Sem vos envolverdes nas malhas da politica, mais do que vos determinam estritamente os vossos deveres de lealdade partidaria, tendes sempre discutido exaustivamente as questões financeiras, administrativas e pedagogicas. Tendes sido um Deputado util, e apezar de novo no Congresso, a vossa palavra é solicitada com instancia, e ouvida com acatamento. No belo discurso que acabais de pronunciar, como que vos desculpais de vossa entrada na politica, e pareceis dar a entender que é vossa intenção vos afastardes dela. Só vejo motivos para que continueis a prestar ao paiz os brilhantes serviços que iniciastes. Basta que vos mantenhais no ponto de vista em que vos colocastes, quando, em um discurso na Camara, dissestes onde estaveis e onde quereis ficar, «com a Republica liberal, e da ordem, unica capaz de assegurar ao paiz o gráu de prosperidade a que ele tem o direito de aspirar».

Sem esquecerdes que sois um artista, e um paladino do ideal, continuai a trabalhar desassombradamente pelas coisas publicas. A vossa concepção de arte vos manterá bem superior a mesquinhas

combinações de politicagem, que podereis atravessar sem vos contaminardes.

Na crise de carater e de inteligencia por que passa a nossa politica, são necessarios homens do vosso valor intelectual e moral, para que se não nos desvaneça de todo a esperança de regeneração.

E para repousardes da canceira do jornal e das lutas politicas, frequentai esta casa que hoje vos abre as portas. Neste sereno recanto, longe do bulicio da cidade e das miserias humanas, encontrareis a paz de espirito, que só póde ser dada pelo recalcar do sólo sagrado, a que vos acabastes de referir, relembrando a lenda de Anteu.

Tratando de coisas do espirito, lendo e ouvindo versos, colaborando num dicionario cujo encanto é ser interminavel, passareis algumas horas de vida contemplativa, balsamo necessario para as feridas das batalhas que lá fóra se travam. Encontrareis confrades do Congresso e da Imprensa, e neste meio em que ninguem vive exclusivamente das letras, achareis tambem representadas a magistratura, a medicina, a engenharia, o funcionalismo, a advocacia, a diplomacia, o comercio, o magisterio, o exercito e a armada.

O vosso faro profissional vos terá revelado que um dos nossos magnos poetas conta, entre os seus pecados de mocidade, um diploma de farmaceutico. E toda esta gente suspende um momento a sua vida intensa, para se saturar aqui de uma atmosfera de arte e de cordura.

Sucedeis a um poderoso espirito que tinha comvosco muitas afinidades. Funcionario publico cheio de graves responsabilidades, o nosso querido Araripe Junior nunca se esqueceu de que era um intelectual. Espirito liberal e aberto, dominava-o uma ardente simpatia por tudo o que era novo, pessoas e idéas. A sua critica, cheia de bondade e de carinho, adivinhava os talentos que despontavam e os apresentava ao publico, acobertados com a sua autoridade. Foi dos primeiros a descobrirem o valor de Cruz e Souza. Com relação a vós proprio, teve logo ás vossas primeiras produções, a perfeita intuição do artista que um proximo futuro devia revelar. Atraído pelo sonho, teve Araripe a noção exata do simbolismo, que veiu num momento preciso em que a humanidade culta se parecia submergir por falta de ideal.

Em todas as suas preocupações dominava a idéa de subordinar os fatos aos principios, e procurar a razão secreta das coisas. Tive a ventura de trabalhar ao seu lado, durante anos seguidos, no Ministerio do Imperio, depois do Interior, com intelectuais como Franklin Tavora, Medeiros e Albuquerque, Moreira Sampaio, Borges Carneiro e outros, que faziam da Secretaria de Estado um pequeno cenaculo literario. Que gratas recordações guardo daquelas conversas, onde a literatura nos fazia repousar da burocracia! Ao ser proclamada a Republica, Araripe Junior julgou-se no dever de acompanhar intelectualmente a evolução politica do

paiz. E emquanto o Congresso discutia o projeto de Constituição, ele lia Bryce, que era então a mais fresca novidade, para interpretar o sentido das novas instituições. A elevação das suas vistas e a profundidade dos seus conceitos sómente se igualava á bondade com que acolhia os moços, e procurava interessal-os pelas suas cogitações sociais.

Acentuastes bem a tendencia de Araripe para o misterio, para sondar o incognocivel. Era realmente esta sua grande preocupação intelectual, como é a de todos os espiritos abertos, que se detêm um pouco á margem da rotina da vida e mergulham o olhar pelos atalhos, tão impenetraveis, quanto sedutores, que nos conduzem fóra do caminho trilhado. Todas as conclusões da ciencia nos chegam hoje a revelar apenas a existencia de fenomenos, isto é, relações entre a nossa vida subjetiva e a imensidade desconhecida que nos envolve. Os dados experimentais nos demonstram a inconsistencia das nossas sensações, impotentes para reproduzirem todas as infinitas fórmas de manifestações das forças do mundo. Por outro lado, as nossas expressões plasticas ou sonoras são insuficientes para traduzir o delirio de sentimentos e idéas que nos borbulham no espirito. Toda a correlação entre as forças concientes de nossa alma e a esmagadora inconciencia das coisas reduz-se a uma longinqua e fugidia aproximação.

Não podendo traduzir exatamente o que é a natureza e a vida, nem ao menos exprimir em for-

mulas exatas o que nós pensamos delas, vivemos a povoar o mundo de entes imaginarios, que nos enchem de delicia e de terror. E, engolfados em simbolos, investimos atravez deles para o desconhecido, realisando eternos periplos, comparaveis ao do cartaginez Hannon, que tão sabiamente estudastes, e que antecedeu de tantos seculos, o novo periplo com que a raça celtiberica, realisando o angustioso idéal dos atavos arianos, preencheu a sua missão historica com a cavalaria do oceano.

Destas peregrinações pelo desconhecido trazem os pensadores como Araripe, os poetas como vós, pedaços de azul, frutos dourados e brilhantes, quiméras entrevistas, aspetos cambiantes e luminosos de ilusões, doces mentiras com que se mitiga a trivialidade da vida, e que confortam o espirito dos que bravamente se animam a encarar assim o mundo.

Estabelece-se então, graças ao poder sugestivo da arte, uma comunhão absoluta entre o eu e o não eu. O mundo externo povoa-se de seres animados, a natureza palpita em nós num panteismo irrevelado, ondas de harmonia nos entram pelos sentidos sem que se possa nitidamente distinguir a natureza das sensações, e uma aureola irisada e brilhante transforma tudo que nos cerca numa confusão deliciosa de sons, de perfumes, de côres, que se combinam e se desfazem no evolver magico de um belo sonho. É o estado de espirito que Baudelaire traduziu no seu soneto imortal das correspondencias :

La nature est un temple où des vivants piliers
Laissent parfois sentir des confuses paroles.
L'homme y passe à travers des forêts de symboles
Qui l'observent avec des regards familiers.

Comme de longs échos qui de loin se confondent,
Dans une ténébreuse et profonde unité,
Vaste comme la nuit et comme la clarté,
Les parfums, les couleurs et les sons se répondent.

Procurando explicar cientificamente este estado de alma por uma associação entre sensações de ordem diferente, dão-lhe os medicos os nomes de sinestesias, hipercromatopsias, pseudocromestesias, fonismos, fotismos, e outras denominações mais ou menos arrevesadas e pedantescas.

Os estetas do simbolismo procuram por sua vez basear nisto teorias de arte, em que se dicipline o imprevisto. É o famoso soneto das vogais de Rimbaud, as notações de Malarmé, as teorias de René Ghil no Tratado do Verbo. Tal estetica tem a pretenção de enfeixar em formulas precisas a correlação misteriosa entre o sonho poetico e a harmonia cambiante do mundo objetivo. Nada consegue, porém. As teorias sistematicas do simbolismo caíram no mesmo descredito das normas com que os parnasianos tentaram imobilisar a poesia num aureo leito de Procusto, ou dos decretos retumbantes com que os romanticos quizeram diciplinar a sua indiciplina, ou os canones sagrados com que

os classicos pretenderam acorrentar a inspiração á copia dos diversos modelos da Helade. Desde o momento em que se queira enfeixar o sonho numa formula precisa, ele se esvai docemente, e ficam, vasias e secas, as regras em que se procurou prender tudo o que espirito tem de mais nobremente inatingivel. Desde Boileau, que as artes poeticas, correspondendo um momento a uma tendencia passageira, convertem-se com o tempo em fastidioso amontoado de formulas inuteis.

Felizes os artistas que, como vós, se libertaram das peias das escolas, e mantêm constantemente o sonho que tudo penetra e anima, transformando a vida numa fonte eterna de inspirações. Olhado de tão alto, o mundo se afigura um infinito oceano de sensações, sonoro e luminoso, cujas ondas se sucedem perenemente, sem se parecerem, numa cintilação radiosa de força e de beleza.

FIM

INDICE

N. 757 — Composto em monotypo e impresso na machina n. 6, nas Officinas Graphicas da Livraria Francisco Alves, em Janeiro de 1917.